



Estágio Supervisionado em Letras:
Relatos de experiência no
Ensino Fundamental II

Organizadores:
Selma Lúcia de Assis Pereira
Alex Caldas Simões

Estágio Supervisionado em Letras:

Relatos de experiência no Ensino Fundamental II



Pedro & João
editores

Selma Lúcia de Assis Pereira
Alex Caldas Simões
(Organizadores)

Estágio Supervisionado em Letras:

Relatos de experiência no Ensino Fundamental II

Copyright © Autoras e Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Selma Lúcia de Assis Pereira; Alex Caldas Simões (Organizadores)

Estágio supervisionado em Letras: relatos de experiência no Ensino fundamental II. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 229p.

ISBN 978-65-5869-004-7 [Digital]

1. Estágio supervisionado. 2. Estágio em Letras. 3. Ensino Fundamental II. 4. Instituto Federal do Espírito Santo. 5. Formação de professores. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Revisora textual: Shirley Vieira

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil) Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

DEDICATÓRIA

Aos discentes do Curso de Letras turmas 2016/2 e 2017 e professores(as)-tutores(as), pedagogas e diretores(as) das escolas públicas pela acolhida e empenho durante o período de Estágio Supervisionado.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos discentes do Curso de Letras turmas 2016/2 e 2017, que sendo as primeiras turmas a terem o componente Estágio Supervisionado, foram os desbravadores valentes, que se empenharam em vivenciar a realidade escolar com suas complexidades e pluralidades e não se deixaram abater.

Agradecemos ao Diretor Geral, Aloisio Carnielli, à Diretoria de Ensino, Maíra Maciel Mattos de Oliveira, à Diretoria de Administração e Planejamento, Adriano Fim e à Diretoria de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão Adriane Bernardo de Oliveira pelo apoio e incentivo à realização deste material.

Agradecemos aos servidores do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Venda Nova do Imigrante-ES, principalmente ao Departamento de Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Letras pelo incentivo à realização deste material no formato digital, na pessoa da professora Nanine Renata Passos dos Santos Pereira.

Agradecemos, em especial, ao professor Dr. Alex Caldas Simões, idealizador deste projeto, pelo direcionamento e incentivo, por acreditar no trabalho coletivo e plural. À professora Dr^a Flávia Nascimento Ribeiro IFES, campus Itapina pelo apoio e luz para a concretização do nosso primeiro trabalho do componente de Estágio Supervisionado.

Sumário

Práticas de oralidade em sala de aula: o debate regrado no exercício da comunicação e cidadania nas aulas de Língua Portuguesa <i>Aleandra Ribeiro de Araujo</i>	23
Experiências com gêneros textuais: convite e charge na sala de aula. <i>Aline Aparecida Pianzoli</i> <i>Ana Paula Lopes do Nascimento da Costa</i>	29
Relato de experiência: revelando a prática de estágio por meio de sequência didática com o gênero textual relato pessoal <i>Ana Ruth de Castro</i>	37
Gêneros textuais: a música e a poesia <i>Bianca Piovezan Salvador</i>	43
Relato de experiência do Estágio Supervisionado I <i>Edézio Peterle Júnior</i>	47
O ensino da estrutura e formação das palavras em sala de aula: uma proposta para o 9º ano <i>Elizangela Viana de Almeida Camillo</i>	53
Gênero literário: lírico <i>Gilmar Ribeiro Gimenes</i>	59
Relato de experiência da Sequência Didática produzida a partir da crônica <i>A bola</i> , de Luís Fernando Veríssimo <i>Greyce Mara Correia</i>	63

Diário, diários: relações entre o “querido diário” e os “likes” <i>Jéssica do Nascimento Oliveira</i>	69
Estágio Supervisionado I: Relato de Experiência <i>Marsilete Barbosa Pereira</i>	77
Estágio supervisionado: experiências e aprendizados por meio da atuação em sala de aula <i>Moyanne André de Amorim Leal</i> <i>Samara Côra Spadeto</i>	81
Estágio supervisionado I: percepções de uma experiência <i>Ozeias Mota Real</i>	87
Trabalhando o gênero textual comentário articulado à obra <i>O Pequeno Príncipe</i> <i>Viviana Leite Pimentel</i>	91
Uso de crônicas humorísticas nas aulas de Língua Portuguesa: uma estratégia de incentivo à Leitura <i>Alice Lorenção</i>	103
Práticas de Leitura em sala de aula: o uso de memes nas aulas de Língua Portuguesa <i>Andrilei Feu Dordenoni</i>	111
Café com Memórias: uma viagem para apreciarmos sem moderação as histórias. <i>Angelita Piveta de Almeida</i>	117
Ser professor: as experiências humanizadoras proporcionadas pelo Estágio Supervisionado I <i>Bruna Lima de Bairros</i> <i>Thaís Gregorio Xavier</i>	121

Humor nos Gêneros Textuais <i>Carla Tedesco</i>	131
Experiência em sala - um aprendizado sobre o uso da carta nos dias atuais <i>Débora Rocha Polli</i>	135
Relato de experiência do Estágio Supervisionado I <i>Erlimar Cristo da Silva</i>	141
Relato de docência: a experiência com uma turma do Ensino Fundamental II <i>Fernanda Leite Evald</i>	147
Estudo do gênero fábula para o sexto ano do Ensino Fundamental <i>Fernanda Luiz Cardoso</i> <i>Lígia da Conceição Falqueto</i>	155
Mediação da aprendizagem no sétimo ano do Ensino Fundamental com o gênero textual notícia, um relato de experiência <i>Hilary Christini Entringer</i>	159
Interpretação textual acerca de crônica <i>Isabella Cristina Marques de Araújo</i> <i>Otávio Pastore Cunha</i>	167
Um contato com a docência: a importância do Estágio para os discentes de graduação em Letras Português <i>Julye Franciely da Rocha Leoncio</i>	173
O ensino de fábulas por meio de uma produção interacional <i>Kamilly Sabino de Britto</i>	177

Trabalho docente: a utilização de multimídias, sob perspectiva de humanizar, conjuntamente com ensino de língua portuguesa. <i>Lais Marotto da Cruz</i>	181
O impacto do desmatamento e das queimadas na Amazônia a partir do gênero discursivo fábula <i>Leidiana Alves dos Santos Meroto</i> <i>Taynara Batista da Silva</i>	187
Colocação pronominal – uma perspectiva linguística e gramatical <i>Milena Guimarães Cristo</i>	193
Relato de experiência do Ensino Fundamental II <i>Nicole Marriel Sales</i> <i>Paloma Fia Rangel</i> <i>Sabrina Baptista da Silva</i>	199
Relato de experiência – anos finais <i>Rafael Gonçalves Marotto</i>	205
Gênero sinopse: sustentabilidade <i>Stefani Moreira da Costa</i>	209
A importância da leitura: uma prática desenvolvida com o 7ºano <i>Tainara da Silva Gonçalves</i>	213
Concordância nominal, interpretação de textos híbridos e intertextualidade na sala de aula <i>Wellisson Vitor Peizini Dordenoni</i>	219
Relato de experiência com o Ensino Fundamental II <i>Willian da Silva Moreira</i>	227

“[...] o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática). De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação” (PIMENTA e LIMA, 2009).

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto do resultado de vivências experimentadas das primeiras turmas do Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), campus Venda Nova do Imigrante – ES, no período de Estágio Supervisionado anos finais. Ao final da etapa da regência compartilhada, os discentes apresentaram suas vivências em seminário e registraram-nas no gênero relato de experiência suas percepções, anseios, desafios e superações.

Reunimos todos os relatos de experiências, com diferentes temáticas e abordagens do estudo da língua, da produção textual, da leitura e da oralidade, que se fizeram presentes no contexto dos discentes em formação inicial e seus professores(as)-tutores(as) nas escolas públicas estaduais da região.

O livro está dividido em dois blocos sendo que o primeiro se trata da primeira turma 2016/2 a se formar em Letras-Português no Ifes campus Venda Nova do Imigrante. Já o segundo, trata-se da segunda turma 2017/1, a sua maioria discentes que viveram a realidade da escola pela primeira vez no Estágio Supervisionado.

Os relatos de experiências compõem uma característica em comum de apresentar a escola, a temática abordada, teóricos, metodologia e resultados alcançados. Sabemos que muito se espera de um(a) discente em formação inicial, a expectativa depositada neles(as) é muito grande e intensa. No entanto, nada teria sido conquistado se não tivéssemos o apoio e o olhar sensível dos(as) professore(as)-tutores(as) e pedagogas que foram envolvidos(as) nesse processo. O incentivo de compreender os espaços-tempos que a escola está sujeita faz toda diferença nesse processo de formação inicial.

Acreditamos que não há dicotomia entre teoria e prática, que “a profissão de educador é uma prática social” (PIMENTA e

LIMA, 2019). A investigação sobre o ensino e aprendizagem é permanentemente, por ser uma ação-reflexão-ação contínua como diz FREIRE, 1996: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.”

Esperamos que este livro contribua com possibilidades de discussão e pontos de partida para um diálogo quanto ao que se espera da formação inicial docente de Graduação em Licenciatura em Letras e professores(as) da Educação Básica.

Convidamos você para essa conversa produtiva com esses diferentes sujeitos e suas metodologias instigantes de abordarem o estudo da língua, da leitura, da produção textual e da oralidade seja proveitosa e enriquecedora.

Selma Lúcia de Assis Pereira
Professora do Curso de Licenciatura em Letras
Ifes - *campus* Venda Nova do Imigrante

Prefácio

Alex Caldas Simões
Professor do Curso de Licenciatura em Letras
Ifes - *campus* Venda Nova do Imigrante

O ensino de língua portuguesa na atualidade tem suas bases teórico-metodológicas centradas no conceito de gênero discursivo, entendido aqui, de maneira ampla, como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000) – conceito basilar dos documentos oficiais que norteiam o ensino de português, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, PCN, 1988) e a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, BNCC, 2018). Nesse sentido, as práticas de ensino em língua materna têm privilegiado o texto em contexto, descrevendo as suas relações indissociáveis – sendo o texto a unidade de ensino (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012) e o gênero o núcleo do ensino de língua portuguesa (DELL, ISOLA, 2007). Acreditamos ainda ser o estudo da coesão dos textos o elemento de união entre o texto e o gênero e, portanto, um dos meios pelos quais o trabalho didático-pedagógico com o texto pode se dar.

Esse entendimento nem sempre esteve claro para os professores de português, em especial antes da década de 1990, e um pouco depois dos anos 2000, quando o conceito de gênero ainda estava sendo compreendido pela escola e pela comunidade de professores em serviço. Os cursos de Letras, durante esse período, nem sempre possuíam em sua grade curricular disciplinas voltadas para o entendimento do conceito de gênero, muitas vezes sendo estudado somente em cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Hoje, felizmente, os estudantes do curso de letras já contam com essa e outras teorias modernas em

sua formação inicial, que em muito favorece o desenvolvimento do ensino-aprendizagem das práticas de linguagem – leitura, escrita e análise linguística – no desenvolvimento da competência discursiva dos alunos secundaristas (BRASIL, PCN, 1998).

Toda essa formação acadêmica à nível de graduação pode ser, portanto, aplicada em um *locus* específico de formação, o já conhecido Estágio Supervisionado. Nesse momento os alunos de graduação têm a prerrogativa de tomar os gêneros como núcleo do ensino de língua materna e, então, trabalhar diversos aspectos do texto em uso.

Em *Estágio Supervisionado em Letras: relatos de experiência no Ensino Fundamental II* celebramos a diversidade textual e de práticas didático-pedagógicas. Esse livro, iniciativa inédita e pioneira para o curso de Letras-Português do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) do campus Venda Novo do Imigrante (VNI), representa o esforço conjunto de professores(as) e alunos(as) em realizar aquilo que indicam as diretrizes para trabalho com o texto em sala de aula, tal como sintetizado acima. A obra coloca em evidência não só a importância do conceito de gênero para as práticas de ensino, mas sobretudo a relevância do estágio supervisionado na formação profissional e acadêmica dos graduandos em letras – uma vez que este é o *locus* central da práxis pedagógica e do entendimento do ser-fazer professor(a).

O livro reúne relatos de experiência da primeira e da segunda turma do curso de Letras-Português do Ifes/VNI. Nesse sentido, o material cumpre ao menos duas funções: (a) ser um modelo de práticas de ensino no ensino fundamental II para os alunos do curso e futuros estagiários de Letras, bem como de professores em serviço que desejam recolher novas e instigantes ideias para o trabalho com a linguagem em sala de aula; e, (b) representar a articulação, possível e necessária, entre teoria e prática – um símbolo, portanto, da possibilidade de se realizar

essa articulação durante e – como acreditamos – após a graduação.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum (BNCC)*. Brasília, 2018.
- DELL'ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- SANTOS, L. W; RICHE, R. C; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

RELATO DE DOCÊNCIA

Relato de docência

Práticas de oralidade em sala de aula: o debate regrado no exercício da comunicação e cidadania nas aulas de Língua Portuguesa

Aleandra Ribeiro de Araujo

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue visa registrar a prática docente realizada nos dias 14/06/2019 e 28/06/2019, na EEEF Domingos Perim, na turma de Ensino Fundamental 9º V01, turno vespertino. As aulas foram realizadas em sequência, a fim de facilitar a aprendizagem dos alunos/as. O tema abordado nas aulas foi o gênero oral argumentativo *debate regrado*, que teve por ponto de reflexão “A gravidez na adolescência: prós e contras”.

O trabalho com o gênero oral *debate regrado* justifica-se devido a sua relevância para o pleno exercício da cidadania, estando presente no Eixo da Oralidade da Base Nacional Curricular Comum – BNCC. Esse eixo, segundo o documento, compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral ou em contato face a face, com aula dialogada, web conferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevistas, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas, interações, discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BNCC, 2017, p.79).

Diante do exposto, a presente sequência didática sobre o gênero *debate regrado* pressupõe as seguintes fases de execução: argumentação inicial de um tema polêmico que possui ideias discordantes; embasamento dos alunos sobre o tema (bons argumentos); regras para o debate e um fechamento conclusivo, mesmo que sem consenso, com a produção de um vídeo realizado pelos alunos sobre o debate vivenciado na sala de aula.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A EEEF Domingos Perim é uma escola pública municipal localizada no município de Venda Nova do Imigrante, região serrana do estado do Espírito Santo. A escola, segundo relato da pedagoga da instituição, iniciou suas atividades em 1921 e, atualmente, possui 50 funcionários, 48 alunos em educação especial e 595 nos anos finais (6º ao 9º ano). Possui três professores de Língua Portuguesa, graduados e pós-graduados. No turno da manhã, existem 11 turmas (alunos em grande maioria do interior, sendo mais carentes materialmente) e, à tarde, a escola conta com 8 turmas (estudantes, em maioria, do centro de Venda Nova, menos carentes). A pedagoga destacou que, no momento, a escola não conta com nenhum funcionário na biblioteca. Sobre os alunos especiais, ressaltou que existem estratégias para serem alfabetizados em séries avançadas, sendo que alguns frequentam a escola somente para socialização, por terem graves deficiências. Também há, na escola, alunos “superdotados”. Para o presente relato, selecionou-se uma turma do 9º ano, num universo de cinco turmas acompanhadas (7ºVo1 e 7ºVo2, 8ºVo1 e 9ºVo1 e 9ºVo2). A turma selecionada foi a 9º Vo1 por ter, na sexta-feira, duas aulas sequenciais, o que seria positivo para desenvolver as atividades propostas na sequência didática.

A turma 9º Vo1 era composta por 24 alunos/as e já tinham trabalhado o tema “gravidez na adolescência”, produzindo um texto dissertativo-argumentativo, o que foi importante para o aprofundamento do tema já explanado pelo professor tutor. Um ponto que foi decisivo para a escolha da turma foi a observação das redações produzidas por eles, que continham argumentos confusos, com forte presença de preconceitos e ausência da responsabilização do pai adolescente, ficando somente para a mãe adolescente e seus familiares o desafio da gravidez não planejada, o que era preocupante.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar o trabalho, buscou-se apoio teórico, inicialmente, no livro didático que a turma do 9º ano utilizava nas aulas de Língua Portuguesa, *Português e Linguagens* (2017), e que abordava o tema *debate regrado* como um gênero argumentativo oral, o que

significa que ele só se realiza em uma situação concreta de fala e interação entre pessoas. (CEREJA & COCHAR, 2017, p. 136). Os autores ainda destacaram que (2017, p. 138):

- Debater é ter o direito de expor livremente nossas ideias e o dever de ouvir e respeitar as ideias alheias, mesmo que diferentes das nossas;
- Debater é modificar o outro e modificar a nós mesmos;
- Debater é crescer com o outro e ajudá-lo a também crescer a partir de nossa experiência e de nossa visão de mundo;
- O debate é um exercício de cidadania;
- Independentemente do resultado do debate, a troca de argumentos é uma experiência enriquecedora tanto para quem dele participa diretamente quanto para quem o presencia.

Outros autores também pesquisados foram Dolz e Schneuwly, *apud* Santos (2009), que destacam que, para um *debate regrado*, alguns pontos devem ser seguidos, como: a presença de um argumento que dará início ao debate; concordâncias, aprofundamento, desacordo e refutação; utilização de exemplos, experiências, leis, etc. para refutar as ideias.

Destaca-se ainda que o *debate regrado* é diferente do *debate político*, que pode se utilizar de má fé, falso testemunho ou até mesmo agressões. (SANTOS, 2009, p.43).

O gênero argumentativo *debate* está presente na BNCC (Base Nacional Curricular Comum) e, por isso, norteou a execução da presente sequência didática. Na BNCC, o gênero oral *debate regrado* é relacionado ao pleno exercício da cidadania, estando presente no Eixo da Oralidade que compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral ou em contato face a face, com aula dialogada, web conferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevistas, dentre outras. Envolve também a oralidade de textos em situações socialmente significativas, interações, discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BNCC, 2017, p.79)

Segundo Irandé Antunes (2003), a aula de Português, em consonância com a BNCC, deve ser um momento de reflexão:

[...] perguntemo-nos todos os dias: a favor de quem? A favor de quê? Se as pessoas não ficam mais capazes para - falando, lendo, escrevendo e ouvindo - atuarem socialmente na melhoria do mundo, pela construção de um novo

discurso, de um novo sujeito, de uma nova sociedade, para que aulas de português? (2003, p. 176)

Vale destacar que o tema do *debate regrado* “gravidez na adolescência”, foi escolhido tendo em vista os altos índices do fenômeno no Brasil e no mundo. Pode-se fazer essa afirmação tendo em vista os conteúdos que estão presentes no livro didático utilizado nas aulas de Português pelas turmas do 9º ano. O livro evidencia, a partir de reportagens e de um infográfico, a triste situação dos altos índices de gravidez na adolescência, o que, frequentemente, ocasiona, dentre outros problemas, a evasão escolar.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência de ministrar aulas na turma do 9º V01, na EEEF Domingos Perim, era o exercício final da disciplina Estágio Supervisionado I, sendo precedida de dois momentos: a observação e a coparticipação, ambos com carga horária de 20 horas cada. Para a preparação das aulas, que totalizaram quatro, foram utilizados os momentos de planejamento com o professor, pesquisas em sites de órgãos públicos e principalmente de materiais que abordassem o tema com uma linguagem adaptada ao público de 13 a 14 anos.

Na primeira aula, foi iniciado o tema com a técnica *tempestade de ideias*, e, em seguida, foi realizada uma aula expositiva dialogada sobre o gênero argumentativo oral, *debate regrado*. Ao final, esperava-se que os alunos tivessem lembrado o assunto, que já havia sido abordado pelo professor da disciplina e que as possíveis dúvidas restantes deixassem de existir ou que se sentissem instigados a ler os materiais disponibilizados na sala de aula virtual.

Na segunda aula, os alunos assistiram ao programa *Profissão Repórter*, exibido na rede aberta de comunicação no dia 06/12/2017, que abordou o tema

“gravidez na adolescência no Brasil” e os impactos na vida das adolescentes, como: evasão escolar, preconceito, sonhos adiados, mudança brusca de realidade e ciclo de pobreza.

Na terceira aula, os alunos/as tiveram acesso em sala de aula aos conteúdos disponíveis na plataforma virtual (Google Sala de Aula). Tal recurso já havia sido criado pelo professor tutor e utilizado pelos alunos, daí a escolha de disponibilizar, nesse tipo de mídia, o conteúdo

para que eles lessem em casa o material com mais tranquilidade e tempo. Na sala de aula, foi feita então a leitura dos materiais, no momento “tira dúvidas”.

Na quarta e última aula, foi realizado o *debate regrado* sobre o tema “Prós e contras da Gravidez na Adolescência”, seguindo o formato sugerido pelos teóricos estudados, portanto, escolheu-se para tal, um moderador, dois secretários e os demais participantes. O *debate* ocorreu após breve introdução, e foi protagonizado pelos alunos, tanto na organização quanto na filmagem. A turma se envolveu na atividade e elaborou até mesmo em casa, por escrito, alguns argumentos sendo incentivados a formular questões e comentários sobre os posicionamentos dos colegas.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados do *debate* foram percebidos ao longo de sua execução como também no momento de avaliação da atividade. Os pontos de destaque são: grande envolvimento da turma na atividade e parceria na execução. Ressalto que outras turmas, quando souberam da atividade, relataram à pedagoga e ao professor tutor, que também queriam assistir às aulas da turma em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções enquanto estagiária sobre a docência foram positivas, desafiadoras e condizentes com o momento vivenciado de estreia na docência. As percepções mais relevantes foram: quebra de paradigma de que os alunos/as são desinteressados em relação à escola; a descoberta de que o espaço escolar é rico em possibilidades e que, ao prepararmos uma aula, devemos sempre atentar para o protagonismo do/as aluno/as e incentivá-los para que se sintam envolvidos e sejam participantes da sua aprendizagem.

Por fim, constatei que ministrar uma boa aula e obter alto índice de participação é possível, desde que planejada, pensada, e que contenha atividades criativas, que incluam novas tecnologias e diferentes abordagens sobre o mesmo tema. É preciso que essa aula seja sempre conectada a questões sociais latentes aos alunos/as, como no caso dessa sequência didática, que abordou no gênero *debate*

regrado, o tema “gravidez na adolescência”, utilizando um exercício da oralidade, tendo em vista a cidadania.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. **Profissão Repórter: Gravidez na Adolescência**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=N4RVm1yHYwo>>. Acesso em 10 junho de 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CEREJA, William. COCHAR, Thereza. **Português e Linguagens**, 9º ano. São Paulo: Saraiva, 2018.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri & NASCIMENTO, Elvira Lopes. **Debate em sala de aula: a prática de linguagem em um gênero escolar**. Anais do Encontro do Celsul, Curitiba – PR, 2003 (1436-1441).

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

Google. **Produtos. Google Sala de Aula**. Disponível em <https://edu.google.com/intl/pt-BR_ALL/?modal_active=none>. Acesso em 10 de junho 2019.

SANTOS, Sandoval Nonato Gomes. **Modos de Apropriação do Gênero Debate Regrado na Escola: uma abordagem aplicada**. Revista DELTA [online]. 2009, Vol. 25, n.1, p.p 39-66.

Experiências com gêneros textuais: convite e charge na sala de aula

Aline Aparecida Pianzoli
Ana Paula Lopes do Nascimento da Costa

APRESENTAÇÃO

O presente relato refere-se às experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Letras Português do IFES – Campus Venda Nova do Imigrante. O projeto foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Atílio Pizzol, nas turmas dos 6^{os} e 8^{os} anos no período compreendido entre os dias 27 de março e 05 de julho de 2019. Em nossa experiência enquanto regentes de sala, trabalhamos com os conteúdos relacionados ao gênero *convite* com os 6^{os} anos, e com o gênero *charge* com os 8^{os} anos. Tal relato abordará a prática adotada em sala de aula e os resultados obtidos após a aplicação dos conteúdos referentes aos gêneros citados acima. Para nortear nossas atividades práticas, tomamos como base os estudos das pesquisadoras Pimenta e Lima (2012) e do pesquisador Marcuschi (2008).

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Atílio Pizzol é uma instituição de ensino público mantida pela Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante. Localiza-se na Avenida Vinte e Quatro de Junho, nº 639, Bairro São João de Viçosa, Venda Nova do Imigrante, ES, e tem como diretor escolar o Srº Cristiano Dias Florindo.

O presente relato diz respeito ao trabalho desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa, em duas turmas do 6º ano e duas turmas do 8º ano. Essa disciplina é ministrada pela professora efetiva Rosimere Filete Barbosa. As turmas do 6º ano, no geral, são formadas por alunos de 11 a 15 anos, com alguns alunos repetentes e as turmas de 8º ano são compostas por alunos entre 13 e 16 anos, também com casos de repetência. O 6º ano A é composto por 27 alunos enquanto o

6º ano B possui 28 alunos. O 8º ano A possui 20 alunos e o 8º ano B tem 23 alunos matriculados. Sendo assim, no total tivemos contato direto com 98 alunos.

Pode-se dizer que, em sua maioria, os alunos de ambas as séries são pouco participativos e não atendem bem aos comandos do professor, além de apresentarem grande dificuldade de leitura, compreensão, interpretação e especialmente produção textual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para orientar e dar suporte ao desenvolvimento de nossas atividades de estágio, tivemos como base teórica as pesquisas de Pimenta e Lima (2012) que trabalham com o estudo dos requisitos necessários para nortear e situar o estagiário no momento em que adentrar na sala de aula.

Sabemos que a etapa do estágio é de fundamental importância para os profissionais da docência, visto que permite a ampliação da visão do aluno acerca do trabalho desenvolvido no chão da escola e da efetiva aplicação das práticas de ensino aprendidas na academia. Sobre isso Pimenta e Lima (2012, p.127) asseveram que:

Dessa forma, o estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de profissão, de seus alunos, que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade.

Em nossa prática docente, trabalhamos com o ensino de dois gêneros textuais. Sendo assim, para dar subsídio teórico para essa atividade, tomamos como base as pesquisas de Marcuschi (2008), que versam acerca desse tema em vários livros; alguns deles tratam diretamente do trabalho com o gênero no ensino. Suas teorias têm contribuído muito para o direcionamento do trabalho dos docentes com o texto. Vale ressaltar que, para o autor, os gêneros textuais se configuram como textos sociocomunicativos utilizados diariamente, em outras palavras, para ele, toda comunicação só ocorre através de gêneros textuais.

Partindo desse pensamento, podemos inferir que, ao desenvolver os conteúdos programáticos pautando-se no trabalho com os diversos gêneros textuais existentes, a escola estará contribuindo para uma

nova perspectiva no processo de leitura, de escrita e de produção textual, colaborando assim para que o aluno desenvolva as habilidades nessas áreas.

Dessa forma, optou-se por trabalhar com a abordagem dos gêneros *charge* e *convite* a partir do estudo do texto, levando para os alunos assuntos atuais que estejam de alguma forma presentes em seu contexto de convívio, entendendo que, para um assunto prender a atenção do discente, o mesmo precisa significar para ele, ou seja, precisa fazer parte da sua realidade.

Por fim, é importante salientar que nossa pretensão não foi apenas conceituar e teorizar os conteúdos. Buscamos, a partir desses temas, apresentar ferramentas que colaborassem para o aprimoramento do pensamento crítico do aluno, permitindo que ele pudesse tirar suas próprias conclusões acerca das atividades propostas, levando-o a enxergar os textos de uma maneira diferente, instigando-o a interpretar além do que está escrito.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Trabalho com o gênero textual *charge* – 8ºs anos

Ao conversarmos com a professora tutora, nos foi cedido o tema *charge* para que desenvolvêssemos nossas atividades de regência de classe com as turmas do 8º ano. Reunimo-nos e elencamos o que seria, de fato, importante trabalhar com alunos dessa faixa etária. Decidimos então, num primeiro momento, realizar uma atividade diagnóstica, projetando assim uma *charge* para que os alunos analisassem e nos dissessem suas primeiras impressões. Foram levantadas questões como: A que gênero pertence o texto apresentado? Qual a mensagem que ele deseja passar? Qual o tipo de leitor pretende atingir? Em que veículos de comunicação podemos encontrar esse gênero textual? Tais questões foram levantadas a fim de se analisar qual o conhecimento inicial do aluno sobre o conteúdo com o qual trabalharíamos.

Com a aplicação da atividade descrita acima, percebeu-se que os alunos de ambas as turmas conheciam o gênero *charge*, porém não possuíam as habilidades necessárias para compreender e interpretar o texto de forma mais aprofundada. Alguns fizeram a interpretação somente do que estava escrito, não se utilizando de inferências. Os alunos não foram

capazes de analisá-lo de forma crítica, e não fizeram uso adequado de todos os recursos verbais e não-verbais disponíveis no texto.

Em seguida, com o material de aula já preparado anteriormente, foi dado início à parte teórica do assunto. Fizemos a conceituação do gênero em questão, elencando suas características principais, sua linguagem, seus meios de circulação e a que público se destina. Chamamos a atenção dos discentes para o emprego da linguagem verbal aliada à linguagem não-verbal, bem como para a necessidade de se analisar tal gênero de forma crítica. Ambas as turmas foram bem receptivas e participaram ativamente da aula, tirando suas dúvidas e fazendo suas contribuições.

Na sequência, passamos para a parte prática do conteúdo. Com o apoio do *datashow*, projetamos diversas charges para que os alunos pudessem fazer as análises. Vale destacar que essa atividade foi desenvolvida de forma oral, e a grande maioria dos discentes das duas turmas contribuiu de forma efetiva. A intenção da atividade foi perceber se a forma de analisar aquele gênero havia mudado após a explicação e explanação da teoria. No geral, os alunos conseguiram compreender as charges com maior facilidade. Alguns deles fizeram a análise crítica de forma correta, o que para nós foi um resultado muito positivo, uma vez que nos fizemos compreender.

Na aula seguinte, os alunos receberam uma lista com três exercícios de interpretação de charges para fazerem individualmente e depois nos entregarem para correção. O objetivo foi analisar o desempenho individual de cada aluno, sua forma de perceber e transcrever o conteúdo aprendido. Após a correção, ficou claro que alguns estudantes têm mais facilidade de compreensão do que outros, fazendo análises mais completas e percebendo a crítica proposta pela *charge* em estudo. Houve também uma minoria que, infelizmente, não realizou a atividade, e outros que a fizeram de forma incompleta, com pouco interesse.

Para finalizar, foi proposta uma atividade avaliativa que consistiu na produção do gênero estudado. Cada aluno foi convidado a produzir sua *charge* utilizando assuntos atuais. A professora tutora concedeu dois pontos para que pudéssemos realizar a avaliação dos discentes. Os critérios avaliativos usados foram os seguintes: criatividade, uso adequado da linguagem verbal e não-verbal, emprego de humor e o emprego correto da crítica.

De modo geral, a experiência com o trabalho desse gênero textual em sala de aula foi muito satisfatória, visto que, pelas atividades propostas, foi possível constatar que a maioria dos alunos conseguiu compreender de maneira correta o conteúdo, desenvolvendo suas habilidades de compreensão e leitura crítica das charges.

Trabalho com o gênero textual convite – 6ºs anos

Para o 6º ano, foi proposto pela professora tutora que trabalhássemos com o gênero textual *convite*. Iniciamos nossa conversa com as turmas apresentando um exemplo de *convite* para que eles pudessem nos apontar quais as características que conseguiam identificar. Realizamos também uma breve roda de conversa, levantando questões sobre o que eles entendiam por *convite*, a quem se destina, qual seu objetivo, quais os contextos de uso, o que não poderia faltar nessa mensagem, e se eles já haviam recebido algum tipo de *convite*, dentre outras questões. Nesse primeiro contato com o gênero a ser trabalhado, os alunos demonstraram conhecer o assunto e conseguiram identificar as características principais desse texto.

Em sequência, conceituamos o gênero, reforçamos suas características principais e quais itens não poderiam faltar. Durante toda a abordagem do tema, foram usados modelos de convites para exemplificar o que estávamos falando, a fim de facilitar ao máximo a compreensão dos alunos. O desafio maior com as turmas do 6º ano foi o domínio de classe, pois, como geralmente são alunos menores, eles sentem necessidade de se comunicar o tempo todo e não respeitam o tempo de fala do outro. Tivemos que interromper a explicação por algumas vezes para que os alunos voltassem a se concentrar no conteúdo que estava sendo transmitido.

Na aula seguinte, entregamos uma folha com três atividades, sendo uma de interpretação e outras duas de confecção de *convites*. Esse exercício foi proposto com o objetivo de avaliar o que os alunos tinham aprendido e se ainda tinham alguma dúvida acerca do conteúdo ministrado na última aula. Percebeu-se que a maioria dos alunos se confundia com os termos “remetente” e “destinatário”. Explicamos novamente os dois conceitos e os exemplificamos. Em relação às duas atividades de produção, percebeu-se que, embora a

maioria dos alunos tenha realizado o exercício, o resultado não foi satisfatório, pois os trabalhos, em geral, não ficaram bem feitos.

Para finalizarmos a proposta com o gênero textual *convite*, propomos uma atividade avaliativa de produção. Os alunos foram convidados a produzirem convites para a Festa Caipira da escola. Vale destacar que a professora tutora cedeu dois pontos para que pudéssemos avaliar as produções dos alunos. Os critérios usados para avaliação foram: criatividade, uso correto da língua culta, respeito, adequação ao tema proposto e capricho. De modo geral, a atividade avaliativa foi bastante proveitosa. A maioria dos alunos, de ambas as turmas, realizaram a tarefa com afinco, permitindo assim que o resultado final fosse satisfatório.

Por fim, podemos dizer que todas as atividades propostas e o conteúdo teórico ministrado por nós, auxiliaram de maneira efetiva para que os alunos compreendessem com maior facilidade as características presentes em um *convite* - sua finalidade, bem como o que são o remetente e o destinatário - o que até então era motivo de muitas dúvidas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os alunos das turmas de 8º ano, através das atividades propostas, puderam aprimorar as suas habilidades de leitura, compreensão e interpretação crítica de textos, além de perceberem a importância de se conhecer a sociedade na qual estão inseridos a fim de desenvolverem a capacidade de se posicionarem criticamente diante dos vários acontecimentos que os cercam. Os discentes perceberam também que algumas charges propostas só puderam ser fielmente compreendidas a partir do conhecimento de mundo que eles possuíam.

Já os alunos das turmas do 6º ano, tiveram a oportunidade de conhecer mais detalhadamente um gênero que está presente na vida da maioria deles. Com as atividades propostas, eles puderam conhecer vários tipos de convites, estando agora aptos a reconhecer as características presentes em todos eles, podendo também avaliar se estão dentro do que é esperado para um convite ou não.

Por fim, pode-se dizer que os resultados obtidos a partir das atividades desenvolvidas foram satisfatórios, visto que em ambas as séries o objetivo principal foi alcançado: os discentes compreenderam o conteúdo que estava sendo ministrado por nós e, posteriormente, o aplicaram nas atividades de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do relato de experiência aqui exposto, que se pautou na exposição das práticas de ensino adotadas para a realização da atividade de regência compartilhada do Estágio Supervisionado I, podemos inferir que as atividades desenvolvidas foram muito relevantes para a nossa formação docente, uma vez que foi através dessas atividades, que pudemos ter contato direto com a realidade da escola e também com a realidade do ensino público brasileiro.

Vale ressaltar que o estágio proporciona um ganho imensurável para o aluno-professor, pois, a partir dele, se torna possível associar as teorias aprendidas na academia à prática escolar. Nesse momento, foi trabalhado com dois gêneros textuais, o *convite* e a *charge*. A partir deles, desenvolvemos e aplicamos atividades que objetivaram o desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão de textos dos alunos. Acreditamos que concluímos essa etapa com resultados satisfatórios.

Por fim, podemos dizer que a experiência de ensino vivenciada e descrita, nesse relato, nos permitiu reafirmar a importância do trabalho com os gêneros textuais na escola. Não se pode mais trabalhar a gramática pela gramática, baseando-se somente no ensino de regras. Faz-se necessário pautar o ensino a partir do texto; a língua precisa ser estudada a partir de seu contexto de uso, do convívio social dos alunos. O conteúdo precisa significar para o discente, e, para que ele se interesse e se empenhe, ele precisa se sentir parte desse conhecimento, como bem expôs Paulo Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. É preciso conhecer o mundo do aluno a fim de inseri-lo nas práticas de ensino.

REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PIMENTA, S. G. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

**Relato de experiência:
revelando a prática de estágio por meio de sequência didática com o
gênero textual relato pessoal**

Ana Ruth de Castro

APRESENTAÇÃO

O relato que segue revela as experiências vividas no último momento do Estágio Supervisionado I, disciplina cursada no sexto período do curso de Licenciatura em Letras/ Português, no primeiro semestre do ano de 2019, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) – Campus Venda Nova do Imigrante. Este trabalho é parte avaliativa da disciplina. Passadas as etapas de observação da prática, de coparticipação na sala de aula com o professor, e na escola, de modo geral, restou-me a responsabilidade da regência de aulas. Sendo assim, será apresentado, no presente texto, o trabalho com a sequência didática acerca do gênero textual *relato pessoal*, com duração de quatro aulas de 55 minutos, em uma turma do sexto ano do turno matutino, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, escola concedente do estágio.

Tal relato de experiência mostra-se pertinente, uma vez que o estágio é um momento crucial na vida acadêmica de um estudante, sendo que, nesta etapa, o graduando coloca em prática seus conhecimentos adquiridos durante o curso, aprende com as experiências vivenciadas na prática da rotina escolar e compartilha suas aprendizagens. O trabalho que será apresentado teve orientação e supervisão da professora orientadora do estágio do Ifes de Venda Nova do Imigrante; da professora tutora Lubieska Cristina P. Souza, regente da disciplina de Língua Portuguesa dos sextos anos da escola na qual se realizou o estágio, e da pedagoga da escola, Jamara Nodare.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim está localizada no município de Venda Nova do Imigrante, na zona urbana.

A instituição atende cerca de 600 alunos do quinto ao nono ano do Ensino Fundamental, distribuídos em dois turnos de aula - matutino e vespertino. O presente relato diz respeito à experiência realizada em uma turma do sexto ano matutino, composta por 27 alunos. Foi trabalhada uma sequência didática tendo como base o gênero textual *relato pessoal* na disciplina de Língua Portuguesa, ministrada pela professora Lubieska Cristina P. Souza. Em sua maioria, os alunos apresentavam dificuldades básicas de escrita e compreensão textual, evidenciando pouco hábito de leitura.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para subsidiar o trabalho com o estudo do gênero e as produções textuais, utilizamos o modelo de sequência didática proposto por Dolz e Schneuwly (2011) que defendem que comunicar-se oralmente pode e deve ser sistematicamente ensinado através de sequências didáticas. De acordo com os autores, trata-se de "uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem" (DOLZ e SCHNEUWLY, 2011, p.43). Desse modo, acreditam que uma sequência didática deve ter como estrutura de base alguns momentos como: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final.

Ainda de acordo com Dolz e Schneuwly (2011), as sequências didáticas têm a intenção de confrontar os discentes com práticas de linguagens historicamente construídas - os gêneros textuais. Os gêneros oferecem aos alunos a possibilidade de reconstrução e apropriação da linguagem, uma vez que os utilizam cotidianamente nas múltiplas práticas de língua.

O tema desta sequência didática, gênero *relato pessoal*, justifica-se pelo fato de que colabora para as habilidades do aluno em relatar fatos pessoais. Os alunos treinam suas capacidades em observar fatores essenciais que localizam o leitor tais como: explicitar com clareza e coerência o acontecimento relatado, descrever o local e momento do acontecimento, citar as pessoas envolvidas no fato, descrever características importantes para a interpretação do leitor, entre outros. Ao estudar o gênero textual *relato pessoal*, os alunos também fazem relação com outros gêneros textuais em que se utilizam a primeira pessoa, como o diário, o bilhete e o convite.

O trabalho com o *relato pessoal* também favorece um conhecimento maior em relação aos tipos textuais como a descrição e a narração – tipos textuais presentes em diferentes gêneros. Marcuschi (2008) caracteriza tipos textuais como sequências linguísticas dentro de um texto que abrangem meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Desse modo, o relato apresentado pretende revelar uma prática interessante para o trabalho do professor de modo a conduzir os alunos a treinarem capacidades básicas para a escrita de um bom texto.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui apresentada é resultado da terceira etapa do Estágio Supervisionado I, que salienta a necessidade de o graduando ministrar aulas para experienciar a prática docente. Assim sendo, foi decidido pela professora tutora o tema da aula a partir da necessidade de trabalhar leitura e produção de textos com os alunos. O trabalho com *relatos pessoais* também fazia parte dos conteúdos que a professora deveria trabalhar com os alunos no trimestre. No início da primeira aula ministrada, apresentei a proposta aos alunos, expondo todos os momentos previstos na sequência didática.

Para a primeira aula, momento de produção inicial, foram escolhidos dois textos do gênero escolhido: *Banhos de mar*, de Clarice Lispector e *Minha travessura*, este último retirado da internet. O primeiro texto se encontra nos livros didáticos dos alunos – Coleção *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães, 2015 - e, o segundo foi levado impresso. Com a intenção de que os alunos percebessem características em comum entre os dois textos, fizemos a leitura sem que se revelasse a modalidade a que ambos pertenciam. Assim, questionei os alunos a respeito das semelhanças entre os dois textos e o resultado foi satisfatório: entre outras observações, os alunos falaram dos sentimentos expostos pelas personagens, do caráter descritivo dos textos e do tempo em que ocorreram os fatos, no passado. Após esse momento de discussão, os alunos responderam a algumas questões que os levavam a pensar as características dos textos estudados: questões acerca do tempo em que os fatos eram narrados e sobre o próprio narrador; acerca dos trechos descritivos,

dos sentimentos das personagens, entre outras. Os exercícios se referiam ao texto *Banhos de mar*, de Clarice Lispector. Devido ao tempo, os exercícios foram corrigidos na aula seguinte.

No segundo momento da sequência didática, iniciamos a correção dos exercícios e, em seguida, propusemos uma aula expositiva e dialogada, na sala de vídeo, com o uso do *datashow*. Nessa aula, revelei o nome da modalidade textual dos textos lidos, apresentei o conceito do gênero textual e, explicitarei suas características e estrutura, exemplificando com o texto *Minha travessura*, lido na primeira aula. Em alguns momentos, pedia a colaboração dos alunos para me ajudarem a esclarecer algum conceito e, alguns colaboravam com suas percepções. No final da aula, apresentei aos alunos um vídeo de um *relato pessoal oral*. Neste momento, questionei os discentes a respeito das diferenças entre o *relato pessoal escrito e oral* e sobre os dados que poderiam ser citados no relato pessoal oral e não os foram. Este momento de diálogo teve uma colaboração significativa dos alunos. Ao final desta aula, entreguei-lhes um material impresso com os conceitos estudados.

A terceira aula foi dedicada à produção final e socialização dos textos. Ao começarmos, direcionei os alunos à escrita, salientando, inclusive que deveriam escrever sobre fatos que marcaram suas vidas e que as produções precisavam conter as características e a estrutura do gênero. Durante as produções, alguns alunos me solicitavam para tirar dúvidas e para que eu lesse e opinasse em suas narrativas. É importante mencionar que alguns alunos, mesmo com o material para pesquisa no caderno, possuíam dificuldades para seguir as orientações para a escrita do *relato pessoal*. Outros, também, tiveram dificuldades para iniciar os textos e, outros ainda, para seguir uma ordem coerente da narrativa, em parágrafos.

Ainda nesta aula, fizemos a socialização dos textos. Nem todos os alunos compartilharam suas histórias - alguns não se sentiram à vontade, e outros não leram porque não tivemos mais tempo. Foi um momento prazeroso para quem lia e para quem ouvia. Ao final da aula, recolhi os textos para corrigi-los e devolvê-los numa próxima aula.

Retornei à sala do sexto ano mais uma vez para devolver as produções, confeccionar um mural com a ajuda dos alunos e solicitar que eles fizessem uma avaliação dos momentos de trabalhos com o gênero *relato pessoal*. Nessa avaliação, perguntei aos discentes como

eles avaliavam a sequência didática, o que eles menos gostaram e o que mais gostaram e pedi-lhes que sugerissem algo para melhorar minha prática de regência. A avaliação, em geral, foi satisfatória. Após corrigirem algumas questões apontadas por mim, cada aluno colou seu texto no mural dentro da sala. Em relação à correção dos escritos dos discentes, pude notar uma grande dificuldade em escrever de acordo com a ortografia da língua padrão e seguindo uma ordem coerente dos fatos narrados. Alguns alunos, ainda, não dividiram os textos em parágrafos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os alunos, através da atividade descrita acima, puderam compreender que todos os textos, bem como os relatos pessoais, possuem formas de escrita e estruturas diferenciadas. São as características de cada modalidade de texto que os diferencia e evidencia seu caráter intencional. Os discentes entenderam, sobretudo, as características e a estrutura de um relato pessoal, além da sua funcionalidade social.

Por meio desta atividade, pôde-se perceber que os alunos necessitam sentir-se parte do processo de ensino e aprendizagem de modo a serem estimulados a compartilhar suas próprias histórias com os demais. Todavia, deve-se ressaltar as dificuldades encontradas por alguns alunos no que se refere ao processo de interpretação e de produção da escrita. Durante o processo de produção do *relato pessoal* pode-se notar que alguns alunos possuíam dificuldades em colocar no papel suas histórias, principalmente de forma estruturada, seguindo as orientações da proposta de produção – características e estrutura do relato de experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do relato de experiência aqui apresentado, que se pautou na exposição de uma experiência de ensino que articulou leitura, reflexões sobre a estrutura de um texto e produção textual, evidenciamos que as estratégias de ensino aqui apresentadas, apesar de singelas, foram significativas para o ensino e aprendizagem dos alunos no que se refere aos objetivos previstos.

É interessante observar que a experiência vivenciada apontou para uma necessidade de maior prática de leitura e produção textual em sala de aula. No contato com o texto, é importante que o professor ofereça possibilidades para que o aluno passe por momentos de reflexão e interação com a composição textual, para que esse contato não seja meramente de decodificação da escrita. Desse modo, busca-se uma prática em que o discente construa significados dentro do texto partindo do seu conhecimento de mundo, numa relação interativa. O aluno necessita sentir-se parte do processo de leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens, 6º ano: língua portuguesa**. 9 ed. São Paulo; Saraiva, 2015.
- DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3 ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PEREIRA, Ficher Pereira. **Gêneros textuais, interpretação de texto, língua portuguesa, produção textual**. Disponível em:<<http://blog.cpedu.me/misstami/?p=70>> Acesso em: 20Maio 2019.

Gêneros textuais: a música e a poesia

Bianca Piovezan Salvador

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência aqui mencionado é o resultado entre teoria e prática, vivenciado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Bley, na turma do 7º 01, do turno vespertino.

No período de observação da turma, pude constatar dificuldades na leitura interpretativa e produção escrita, e, a partir daí, foi acordado com o professor orientador que os temas da minha regência seriam os gêneros textuais: *música* e *poesia*. Esse recurso de aprendizagem foi utilizado como estratégia para alavancar o conhecimento linguístico de maneira prazerosa.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Bley, onde aconteceu meu estágio, está situada no município de Castelo, rua Machado de Assis, nº 694, bairro São Miguel. Está localizada próxima à Avenida Nossa Senhora, ao entorno de pontos comerciais, posto de saúde, igrejas, praças.

Atualmente, a escola atende a 1500 alunos e funciona nos três turnos, sendo no matutino, o Ensino Médio (1º ao 3º ano), no vespertino, o ensino fundamental (6º ao 9º ano) e no turno noturno, a EJA (Educação de Jovens e Adultos), com ensino fundamental e médio.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Brito, Mattos e Pisciotta (2008), os textos aguçam os leitores a elaborarem seus pensamentos, buscando respostas dentro de si que contribuam para exercer plenamente sua cidadania.

Desse modo, os autores afirmam que:

São os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRITO; MATTOS, PISCIOTTA, 2000, p.28)

As estratégias trabalhadas nessa turma foram dois gêneros textuais - a *música* e a *poesia*- como forma de intensificar o gosto pela leitura, instigá-los a interpretar textos e enunciados e realizar suas produções de maneira criativa e eficaz para conviver em uma sociedade em transformação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, página 77:

As categorias propostas para ensinar a produzir textos permitem que, de diferentes maneiras os alunos possam construir padrões da escrita, apropriando-se das estruturas composicionais, do universo temático e estilístico dos autores que transcrevem, reproduzem, imitam[...] (PCN's, 1998)

Assim sendo, algumas intervenções foram realizadas, sempre respeitando a produção de cada um, dando liberdade de expressar seus sentimentos através da escrita.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui relatada foi elaborada a partir da necessidade que observamos, eu e o professor orientador, a partir da qual decidimos contemplar gêneros textuais para diversificar a forma de ensino. Assim, foi decidido apresentar a música *Era uma vez*, de Kell Smith e a poesia *Meus oito anos* de Cassimiro de Abreu. Os títulos remetem a memórias da infância, sendo textos que apresentam palavras carregadas de emoções.

No primeiro contato verbal com os alunos, foi informado que a aula a ser ministrada faz parte do programa de estágio do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, sendo o conteúdo decidido em consonância com o professor orientador. Antes de distribuir o primeiro texto, fiz indagações pertinentes à infância dos discentes, tais como: Quais momentos estão presentes na sua memória? De quais lugares vocês sentem saudades? O que vocês consumiam na época?

Após a leitura dos textos apresentados, poucos manifestaram conhecimento sobre a música. Em contrapartida, ao ligar o som, foram unânimes em cantar e gesticular em razão dos sentimentos que ela traz.

Após indagações e respostas acerca do texto musical, apresentei a *poesia* e pedi que acompanhassem a leitura. Algumas reflexões foram surgindo como: “estou observando que elas falam sobre a infância”, “momentos que sentimos saudades”. Sugeri que lessem a letra em voz alta e dividi em estrofes. Como algumas palavras eram lidas com dificuldade, fiz algumas colocações sobre a poesia, escrita no ano de 1859, usando o contexto da época. Nessa oportunidade, anotei no quadro alguns versos que continham vocabulários pouco usados nos dias atuais.

Salientei ainda que a poesia se aproxima da música, apresentando sonoridade, ritmo, rimas, mostrando que o aprendizado pode ser realizado de forma prazerosa. Como proposta final, solicitei uma produção do texto narrativo sobre as “memórias da infância” solicitando que as lembranças que surgissem deveriam ser transcritas para o papel.

AValiação DOS RESULTADOS

A partir das atividades desenvolvidas acima, os alunos perceberam que ler vai além de decodificar símbolos e que leitura dá sentido à existência. Observou-se também que os conhecimentos e experiências que os alunos trazem do seu universo podem ser escritas e apreciadas por outros leitores. Permitiu-se ainda aos alunos, relembrar o que viveram e questionar seus sentimentos bons e ruins, dando significados às emoções que sentiram ao cantar e ao ouvir a poesia.

Após a aula, percebi certa dificuldade na escrita dos alunos, fato já relatado nas rodas de conversa em sala. Nesse sentido, é necessário mais aulas de ensino da gramática, assim como aulas de leitura e interpretação de texto como foi elaborada na sequência didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada no decorrer desse trabalho é fruto de observações em sala de aula, da voz, postura, dinâmica de interação de profissionais da educação que humanizam seus conhecimentos no ato de ensinar. Concluo que a atividade com leitura e escrita relacionadas à *música* e *poesia*, deve permitir aos alunos entrarem num

mundo de saberes, sendo capazes de comunicar com eficácia, manifestando suas preferências e respeitando as do colega.

REFERÊNCIAS

BRITO, E; MATTOS, J; PISCIOTTA, H. **Pcn's de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte de Ciências, 2000.

BRASIL (1998) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.

Relato de experiência do Estágio Supervisionado I

Edézio Peterle Júnior

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue destina-se à apresentação das práticas de regência compartilhada realizada durante o período de Estágio Supervisionado, disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Letras Português 2016/2020, do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Venda Nova do Imigrante. Tal relato de experiência mostra-se pertinente, uma vez que abordará toda a vivência e práticas desenvolvidas no período de Estágio Supervisionado na Escola de Pindobas, em Venda Nova do Imigrante. Neste documento, relataremos a fase da regência compartilhada, em que elaboramos uma sequência didática voltada para o 6º ano do Ensino Fundamental. Optamos por trabalhar o gênero *memórias literárias* aliado à prática de fotografia.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola de Pindobas é uma instituição de ensino básico da Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante. Sua estrutura é composta por um único prédio, com amplo espaço, dois pátios, um externo e um interno, salas de aulas, sala dos professores, sala de planejamento, laboratório de informática, biblioteca, refeitório, etc. Seu funcionamento ocorre em dois períodos: matutino e vespertino. A manhã é voltada para o Ensino Fundamental II, do sexto ao nono ano. À tarde, a escola recebe as turmas do Fundamental I e Educação Infantil. Na rotina das aulas da instituição, são os alunos que trocam de sala durante as aulas, de modo que a aula de Língua Portuguesa ocorre em uma única sala para todas as turmas. A professora tutora é formada em Letras e também em Pedagogia, possui 18 anos de experiência com a docência e, atualmente, trabalha na Escola de Pindobas no regime de designação temporária. É seu primeiro ano de trabalho na referida escola.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para subsidiar o trabalho na elaboração da sequência didática, tomamos como base alguns autores como Schneuwly, Dolz (2004), a partir dos quais é estruturada a sequência didática, bem como as teorias que mostram que o gênero passou a ser um objeto de ensino/aprendizagem e não mais, apenas, um instrumento de comunicação. Também recorremos a Luiz Antônio Marcuschi (2008) na definição e diferenciação de tipo e gênero textual para esclarecer nossa primeira proposta de atividade. Os estudos de Irandé Antunes (2009) acerca de língua, texto e ensino também foram importantes para mostrar que o uso da língua, em textos orais e escritos devem ser levados até a sala de aula e que, inclusive, estão previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Além das teorias que abordam o gênero textual, utilizamos como referência e direcionamento para o primeiro contato com a sala de aula, a abordagem de Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2012) que tratam especificamente de Estágio e Docência. As autoras também nortearam as aulas expositivas na disciplina de Estágio Supervisionado I. E, por último e o mais importante, alguns conceitos de Paulo Freire (2018) que nos ensinou a olhar os alunos com os olhos do coração e desenvolver com amor cada gesto no que se refere ao trabalho com educação. O artigo do prof. Dr. Ernandes de Oliveira Ferreira (2018), que trata dos conteúdos de cartografia, mapas e fotografia nas aulas de Geografia, nos auxiliou como abordagem teórica da prática com fotos utilizadas em nossa sequência didática.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui apresentada foi fruto de orientações com a professora supervisora da disciplina, Selma Lúcia, aliadas às atividades e ao planejamento da professora tutora. Para a execução da sequência didática, nos reunimos com a professora tutora, em seu horário de planejamento. A SD foi lida em conjunto e adequada à realidade da turma. A partir daí, dedicamos quatro aulas para trabalhar produção de texto, *memórias literárias* e *fotografia*. A proposta foi que os alunos tivessem uma introdução ao gênero, visto que a escola está inscrita

nas Olimpíadas de Língua Portuguesa e o sexto ano participou da proposta produzindo *memórias literárias*.

Para a nossa SD, decidimos aliar o gênero à fotografia visando promover, também, um momento prático ainda não trabalhado na escola. O tema da produção textual seria a própria escola: “Escola de Pindobas: minha casa de todos os dias”. Assim, os alunos iriam escrever suas próprias memórias a respeito da escola, com descrição do espaço, suas emoções e sentimentos. Aliado a essa proposta, os próprios alunos iriam fotografar seu local preferido. Assim, estaríamos estimulando a afetividade dos alunos com a sua escola, demonstrando isso nas formas verbal (texto de *memórias literárias*) e não-verbal (*fotografia*).

Após a produção da SD e do planejamento com a professora tutora, partimos para a execução. No primeiro momento, seguindo o esquema de Dolz e Schneuwly (2004), realizamos a apresentação das propostas de atividade para a turma. Fizemos uma aula expositiva apresentando o gênero *memórias literárias*, suas características, estrutura e enredo. Nos módulos seguintes, trabalhamos a definição do gênero, e também o tipo textual descritivo que compõe tal gênero.

A primeira atividade foi uma proposta diferenciada. Seguindo o comando, os alunos deveriam descrever o caminho da escola até sua casa e detalhar as características da sua residência, pois o estagiário iria fazer uma visita para alguns alunos da turma. Como dito, a intenção da proposta inicial era fomentar uma primeira produção textual, bem como aproximar estagiário e alunos, trabalhando assim a afetividade com a turma. Nessa atividade, o foco era treinar o tipo textual *descrição* com os discentes.

Na aula seguinte, os estudantes foram convidados a ler os textos produzidos. A maioria da turma aceitou e foi até a frente e leu para toda a sala. Ao final das leituras, retornamos à aula expositiva, em que apresentamos a função da fotografia no decorrer do tempo. Trouxemos exemplos de uma foto tirada em 1929 e uma em 2019. Os alunos foram incentivados a notarem as diferenças entre as duas imagens, tanto em relação à forma de produção da fotografia quanto à fisionomia das pessoas fotografadas.

Após o momento expositivo sobre fotografia, partimos para a prática. Os alunos, individualmente, escolheram um local da escola para fotografar. O estagiário acompanhou um por um e os auxiliou na

manipulação do equipamento. Cada aluno registrou o seu “cantinho” preferido ou objeto que chamou a atenção.

A aula posterior foi dedicada inteiramente à escrita do texto de *memórias literárias*. Enquanto escreviam individualmente, eles também fizeram a seleção da foto que seria exposta. No decorrer da produção, houve muitas perguntas sobre o que e como escrever. Assim, fomos orientando, sanando as dúvidas e sugerindo abordagens referentes ao tema. Após a produção, a turma entregou os textos e, em um horário fora da escola, o estagiário os digitou, fazendo algumas adequações na escrita, mas preservando ao máximo a originalidade dos alunos.

Tantos as fotografias como os textos foram reunidos em uma exposição no pátio da escola. Fizemos um trabalho manual, produzindo as peças em papel cartão em que, de um lado fixou-se a imagem fotográfica e do outro o texto de *memórias literárias* produzidos pelos alunos. As peças foram penduradas por um fio de náilon no teto de uma parte do pátio, em um corredor que liga o centro do espaço ao setor da direção e secretaria. O local da exposição foi definido em conjunto entre o estagiário, professora tutora, pedagoga e coordenadora de turno. A exposição ficou, de certa forma, dinâmica e “em movimento” devido ao vento que circula pelo pátio, dando um efeito peculiar às fotografias.

A turma só teve contato com o resultado final da proposta durante a exposição que foi “inaugurada” no recreio. Ela foi previamente montada pelo estagiário, professora tutora e contou com o auxílio da pedagoga. Durante o período, foi possível perceber grande curiosidade e um significativo interesse dos alunos pela exposição, inclusive pelos estudantes das demais turmas da escola. O interesse se deu tanto pelas imagens, como pelos textos por eles produzidos. O momento também funcionou como uma integração entre os alunos, professores e funcionários.

É preciso salientar que os textos produzidos e expostos podem ser de grande relevância para o diagnóstico da escrita da turma. Foi possível perceber que os textos dos alunos podem servir para orientar as futuras aulas de Língua Portuguesa, abordando desde a caligrafia, ortografia, vocabulário, sintaxe, enfim, uma gama de situações que precisam ser trabalhadas. Nesse sentido, esses textos podem ser tomados como ponto de partida.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram avaliados, verbalmente, pela professora tutora, professora supervisora, pedagoga e pelo diretor. Todos foram unânimes em dizer que a proposta foi exitosa e cumpriu o planejado. A prática da fotografia foi um incentivo para produção textual, criando uma motivação para além das atividades de produção de textos convencionais. O tema escolhido possibilitou fortalecer os laços afetivos com a escola, escrever sobre ela, e fotografar os ângulos com os quais os alunos mais se identificavam.

Na aula seguinte à exposição, fizemos um momento de avaliação com a turma. A metodologia foi diferenciada. Em uma conversa, perguntamos aos alunos se foi difícil escrever sobre a escola, utilizando o gênero *memórias literárias*. A maioria respondeu que não, mas fizeram comentários interessantes como “eu escrevo bem o que eu gosto, o que eu não gosto escrevo de qualquer jeito” disse uma aluna.

Após esse diálogo inicial, distribuímos pequenas listas com *emojis* que expressavam os sentimentos “destetei”, “não gostei”, “indiferente”, “gostei” e “amei”. Os alunos deveriam escolher uma das imagens para avaliar a proposta. Dentre os estudantes, 21 deles escolheram a opção “amei” e um o *emoji* “gostei”.

Houve afetividade não só entre os alunos, mas entre os estudantes e demais professores, coordenadora, serventes e direção, pois, além dos alunos citarem alguns funcionários nos textos, as fotos e as *memórias literárias* chamaram a atenção dos servidores, gerando risos, emoção e também questionamentos sobre o funcionamento da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização do Estágio Supervisionado, pude perceber o tamanho da responsabilidade do trabalho docente. Conduzir o processo de aprendizagem é desafiador, complexo e requer constantes estudos, formações e a reflexão sobre sua prática na sala de aula.

Pude notar que os novos estudos que falam sobre o trabalho com gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa apresentam uma metodologia eficaz para o ensino de língua materna. Nossa sequência didática abordou os gêneros *memórias literárias* e *fotografia*,

possibilitando um diálogo entre a língua escrita e a linguagem visual, ambas se completando para transmitir uma mensagem.

A proposta também objetivou e conseguiu trabalhar a afetividade dos alunos com sua escola e, conseqüentemente, o relacionamento entre todo o corpo profissional da instituição. Também o texto produzido serviu como diagnóstico e apontou caminhos para trabalhar diversas áreas da escrita nas aulas futuras.

Por fim, podemos considerar que planejar, executar e finalizar uma proposta como essa exige dedicação, tempo, disposição, pois é necessário trabalho fora do horário de expediente. Porém, são práticas assim que geram envolvimento, afetividade, integração e, acima de tudo e o mais importante: ajudam na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. 256 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296 p.

PEREIRA, Ernandes de Oliveira. **Cartografia, mapa e fotografia: outra narrativa das serras turísticas capixabas no contexto da educação geográfica do IFES**. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 19, n.41, p. 234 - 257, set./dez. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Roxo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2004.

O ensino da estrutura e formação das palavras em sala de aula: uma proposta para o 9º ano

Elizangela Viana de Almeida Camillo

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue destina-se aos professores de Língua Portuguesa. Nesse relato será focado o ensino da estrutura e formação das palavras na disciplina de Língua Portuguesa para o ensino básico, em especial o 9º ano. O ensino da morfologia é importante porque, através dele, os alunos aprendem a respeito das palavras em formação, em especial os morfemas que auxiliam na maneira de falar e escrever.

No ensino básico, a morfologia analisa as palavras de forma isoladas, e é importante que o ensino seja feito em etapas. A sequência didática modular de Dolz e Shweneuly (2004) é uma excelente proposta para o estudo da língua porque visa um trabalho em etapas. Na experiência descrita nesse relato, foi utilizado esse modelo de sequência, a fim de abordar de forma ampliada o conhecimento dos alunos a respeito da temática.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A escola “Atílio Pizzol” é uma instituição Municipal de Ensino Fundamental. A estrutura física da escola é constituída de três pavimentos. No primeiro funciona o almoxarifado, secretaria, sala de planejamento, sala dos professores e sala de coordenação pedagógica. No segundo pavimento, funcionam as salas de aula, biblioteca, sala do AEE, laboratório de informática, refeitório, coordenação e cozinha. Já no terceiro pavimento, funcionam as salas de aula e o auditório. Atualmente a escola possui um total de 450 alunos, sendo 211 no turno matutino e 239 no turno vespertino.

Inicialmente, foram realizadas as etapas de observação e coparticipação, em três turmas: 7º ano A, e 9º A e B. O presente relato diz respeito às práticas de regência realizada na turma do 9º Ano B. A

turma escolhida para o presente relato em geral é constituída por jovens com idade entre 13 a 15 anos, composta por 28 alunos bem ativos os quais demonstraram bastante interesse pelo aprendizado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A prática de estágio é uma das etapas mais importantes na graduação de Letras, já que é o momento em que profissional passa a ter contato com a realidade escolar.

O estágio é o eixo central na formação dos professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação de professores, para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia (PIMENTA E LIMA, 2004).

Ainda, segundo Pimenta e Lima (2012, p. 45), “(...) é no contexto de sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá”.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Para chegar a um acordo sobre o conteúdo que seria abordado na regência de sala, fizemos uma reunião no dia do planejamento das professoras de Língua Portuguesa. Ficou decidido que eu trabalharia com o 9º ano. A professora tutora, Sílvia, apresentou os conteúdos que estavam em seu plano de aula, para que eu pudesse escolher, tendo duas opções: trabalhar com artigo de opinião ou estrutura e formação das palavras. Decidi trabalhar com estrutura e formação das palavras por me sentir mais segura em relação ao conteúdo. A proposta foi desafiadora, mas obtive êxito na atividade que propus aos alunos.

No mesmo dia da reunião com as professoras, já comecei a pesquisar e tirar minhas dúvidas com a professora tutora. Embora ela não tivesse o hábito de utilizar o livro didático com frequência, ela me emprestou o livro *Português: linguagens* de Cereja e Magalhães (2015), do 9º ano, para tomá-lo como apoio.

O segundo passo foi traçar as estratégias e o modo como seria abordado o conteúdo na sala de aula, de forma que não tornasse a aula mecanizada e cansativa. A professora orientadora Selma deu-me a sugestão de produzir uma sequência didática com 5 aulas de 50

minutos, sendo duas para explicar o conteúdo de estruturas das palavras, aplicar atividades e fazer correção; duas para o conteúdo de formação das palavras, seguindo o mesmo esquema e a última aula para a produção final.

Para começar a aula era preciso saber a respeito do conhecimento dos alunos sobre a temática, bem com observar as suas dificuldades sobre o assunto. Assim, foi realizada uma atividade diagnóstica. Foi criado então um quebra-cabeça constituído de morfemas (radicais/prefixos/sufixos), cada um em uma cor diferente, sendo sete palavras para cada dupla, totalizando quatorze duplas.

Na primeira aula, no dia 05 de junho, pedi que eles formassem a duplas e distribuí o quebra cabeça, pedindo que abrissem o envelope somente após autorização. Terminando a distribuição dos envelopes, pedi que os abrissem. Naquele momento, expliquei que era um quebra-cabeça e que eles deveriam formar palavras. Nesse momento, os alunos ficaram um pouco surpresos pois, inicialmente, parecia ser tarefa simples e fácil. Foi estipulado um tempo de 5 minutos para que eles formassem o máximo de palavras possíveis. O tempo proposto encerrou-se e comecei a sondagem: perguntei se eles sentiram dificuldades em realizar a tarefa, ao que disseram que sim porque tinham partes que possibilitavam a formação de outras palavras, o que dificultava saber qual era a palavra que deveria ser montada.

A partir da montagem do quebra-cabeça, distribuí, em papel impresso, o conteúdo a ser abordado - “estruturas das palavras”. Iniciei assim a explicação da minha primeira aula (com pincel e lousa, já que o *datashow* não funcionou, havendo, então, a necessidade de contornar o imprevisto) dizendo que o objetivo do quebra cabeça era fazê-los perceber que as palavras são formadas por partículas portadoras de sentido e que essas partículas se chamam morfemas. A partir daquele momento, expliquei cada um dos morfemas: radical, afixos, desinência, vogal temática e tema, utilizando como exemplos as próprias palavras do jogo aplicado, sendo, a meu ver, uma aula muito produtiva.

Na aula seguinte, dia 10 de junho, fiz uma revisão do conteúdo e distribuí a xérox com as atividades para que pudessem pôr em prática o que aprenderam. Logo após foi feita a correção dos exercícios sanando as dúvidas e mostrando o porquê dos erros.

No dia 12 de junho, comecei minha terceira aula de regência com uma crônica de Graciliano Ramos intitulada *Campanha pelo fim do sufixo eiro para virarmos brasileiros ou quem sabe brasilotos*. Distribuí cópias para que os alunos pudessem ter contato com o texto. A crônica foi utilizada como instrumento pelo fato da personagem apresentar uma crítica sobre o sufixo “eiro” e também trabalhar com as palavras novas, derivadas de outras já existentes, fazendo relação com o conteúdo que será abordado. Após a leitura, fiz uma breve interpretação do texto, percebendo grande participação da discussão por parte dos alunos. Em seguida, comecei as explicações a respeito do tema *Formação das palavras*.

Nesse momento, salientei que, como eles puderam perceber na crônica, o autor criou várias palavras novas, e que, nós, falantes de uma língua, estamos sempre aptos a criar novas palavras para nomear objetos, animais, etc. Essas palavras que assim são criadas recebem o nome de *neologismo*. Expliquei também que na Língua Portuguesa há vários processos de formação de palavras, mas que os principais são: a) Derivação: prefixal, sufixal, parassintética, regressiva, imprópria e b) Composição: por justaposição, por aglutinação, além de outros processos como Onomatopeia e Redução. Expliquei cada processo de formação das palavras, dando exemplos em todos os processos.

Na quarta aula, nesse mesmo dia, distribuí as cópias com as atividades para os alunos, e, após terem feito a atividade, realizei a correção. Perguntei se ainda tinham alguma dúvida, ao que me responderam que não. Insisti novamente, mas nenhuma dúvida foi exposta.

No dia 19 de junho, ministrei minha última aula de regência e, como avaliação final, propus que os alunos fizessem um trabalho de recortes de jornais e revistas. Distribuí duas folhas em branco e pedi para que os alunos dividissem com um risco ao meio uma das folhas, colando de um lado palavras com prefixo e do outro lado palavras com sufixo. Na outra folha, pedi para que fizessem a colagem de palavras com prefixo e sufixo juntos, como, por exemplo, a palavra *infelizmente*.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os alunos alcançaram os objetivos propostos no início da sequência didática. Apresentaram um grande empenho nas atividades propostas em sala de aula, como também participaram ativamente do

produto final, que se constituiu em uma atividade com recortes a respeito da estrutura e formação das palavras.

Alguns alunos apresentaram dificuldades para definir o sufixo, e, em alguns momentos confundiam com as desinências, mas as dúvidas foram sanadas e o trabalho foi muito proveitoso alcançando um índice muito bom de aprendizado. A aula foi avaliada como “muito boa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do relato de experiência apresentado acerca das aulas dadas na turma do 9º ano com o tema *estrutura e formação das palavras*, evidenciou-se a relevância no ensino do conteúdo. Ressalto que houve um interesse muito grande por parte dos alunos em relação ao que foi estudado. A metodologia não foi cansativa; eles puderam aprender a partir de um quebra-cabeça e da leitura de uma crônica, que incrementaram o ensino.

Inserir a crônica na metodologia foi interessante porque os mesmos estavam estudando o gênero para as Olimpíadas de Língua Portuguesa, o que permitiu também agregar conhecimento em ambos os conteúdos.

Diante de todos os fatos relatados, a regência, para mim, foi muito importante, pois me possibilitou mais segurança em sala de aula, e fez provar a mim mesma a capacidade que eu tenho para ser uma futura professora muito dedicada e responsável. A primeira turma nunca esquecemos, fui tratada com muito carinho e respeito pelos alunos do 9º ano B, como também por todos da escola. O respeito e o diálogo são a base de tudo para nos tornarmos profissionais competentes e, assim como citado em uma das rodas de conversa do estágio, defendo a pedagogia de Paulo Freire (1998) de uma educação libertadora, ou seja, dialógica, na qual sempre deve permanecer o diálogo entre professor e aluno, e não uma educação “bancária” em que são depositados conteúdos mecanizados sem dinâmica alguma.

Portanto, com a finalização do Estágio Supervisionado I, saliento que ainda temos muitas batalhas pela frente e devemos estar sempre tentando superar as dificuldades, dando espaço para o amor à profissão, que é um sentimento que fará a diferença na hora da prática, que visa uma transformação humanitária e transforma o ensino em algo inovador.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2.ed. Cortez, 2004.

Gênero literário: lírico

Gilmar Ribeiro Gimenes

APRESENTAÇÃO

O presente relato trata-se de uma obrigatoriedade como requisito parcial para aprovação e formação do estagiário no curso de Licenciatura em Letras/Português, do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Venda Nova do Imigrante, na disciplina de Estágio Supervisionado, momento em que foi realizado o estágio, que ocorreu no período entre 02/04/2019 a 05/07/2019, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, na mesma cidade.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Instituição Pública EEEF Escola Estadual de Ensino Fundamental II, está localizada na rua La Ville, nº 134, no bairro Trinta de Dezembro, Venda Nova do Imigrante - Espírito Santo. Esta instituição trabalha com o Ensino Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano), e conta com cerca de 50 funcionários e 595 alunos. Destes, 48 da educação especial, 189 do 6º ano, 160 do 7º, 173 do 8º, e 73 do 9º ano.

A escola ainda conta com biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciência, quadra de esportes, banheiros, cozinha e espaço para alimentação dos alunos, sala da diretoria, sala de professores, sala de atendimento especial, impressora, retroprojeto, televisão, etc. O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2017 é de 6.0 alcançando a meta; enquanto a meta nacional era de 5.0, a escola alcançou 4.7.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estágio Supervisionado foi baseado nas teorias de Pimenta e Lima (2012). O aprendizado da docência requer um conjunto de teorias e ações, como mostra Pimenta e Lima (2012),

[...] o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade. A prática educativa (institucional) é um traço cultural compartilhado e que tem relações com o que acontece em outros âmbitos da sociedade e de suas instituições. Portanto, no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional, (PIMENTA; LIMA, 2012. p. 43).

As autoras mostram que teorias devem ser utilizadas em razão da prática, e que ambas se complementam para formação docente. Sendo assim, as teorias se tornam ferramentas para o aprendizado prático. É nesse âmbito de ambiente de formação que acontecem as investigações, questionamentos e a prática do estagiário.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Para a regência com a turma V01 do 8º ano do Estágio Supervisionado, pensei em vários temas os quais poderiam ser apresentados, porém, decidi dialogar com o professor tutor, Luiz Henrique, que me indicou o trabalho com a linguagem polissêmica, retratando as figuras de linguagem. Assim, decidi reger minhas aulas trabalhando as figuras em textos do gênero literário lírico, com o gênero textual *poema*.

No processo de organização das aulas, utilizei os livros didáticos (manual do professor) *Português Trilhas e Tramas* das autoras Graça Sette, Márcia Travalha, Ivone Ribeiro e Rozário Starlinge, Volume 1. Também o livro *Se liga na língua – Literatura, Produção de texto, Linguagem*, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi. Com esses manuais, planejei e organizei as aulas a serem geridas, utilizando poemas e tirinhas para trabalhar figuras de linguagem.

Em sala, o primeiro desafio foi conciliar o tempo de aula com os conteúdos propostos. Essa dinâmica de organização do tempo é um detalhe que requer atenção, mas consegui bom êxito. Iniciei a aula com uma pequena introdução sobre o gênero literário lírico, que utilizaríamos para falar das figuras de linguagem e interpretação do mesmo. Também exemplifiquei por meio de textos escritos, as seguintes figuras de linguagem: comparação, metáfora. Quando pedi

para um aluno ler um texto, outros também manifestaram interesse pela leitura, momento em que propus, para maior participação de todos, uma leitura conjunta. Após os exemplos, organizei os alunos no formato de grupos de três a quatro alunos, para discutirem a atividade e realizarem os exercícios. Nessas atividades trabalhei a interpretação de texto “POEMA”, de Mário Quintana.

Nesse momento, o que me chamou atenção foi a satisfação deles por estudar em grupos. Percebi que o simples fato de saírem de seus lugares já era uma quebra de paradigma que fazia alguma diferença para eles. Notei que os grupos faziam questão de me chamar e mostrar seus feitos, mesmo aqueles que tinham mais facilidade com tarefas, percebi que “aquilo que era novo” na sala de aula despertava o “querer se apresentar deles”. Nesse momento, a aula foi encerrada, e a continuidade ficaria para outro dia.

Na aula seguinte, retomamos as atividades em grupo, e as tarefas foram concluídas. No momento da correção, muitos queriam ler as perguntas, então, mais uma vez aproveitei para trabalhar com eles o envolvimento e uma participação mais ativa. Com a correção e discussão de cada tarefa, encerrei a aula com os alunos, que aplaudiram e indagaram sobre minha última participação com eles.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Depois dos exercícios feitos, pude perceber que os alunos tiveram muito bom êxito na aprendizagem. Entenderam bem a dinâmica de interpretação de texto, a diferença entre as figuras de linguagem, a comparação, a metáfora e uma boa compreensão da linguagem polissêmica no geral. Devemos ressaltar que nem sempre o planejamento se realiza conforme o esperado, e uma situação, ou aula, muitas vezes, precisa ser alterada, mesmo que minimamente. Para atingir um objetivo, penso que é preciso saber lidar com as nossas limitações, situações contraditórias e inesperadas no momento da execução de uma tarefa, mas não podemos perder de vista onde queremos chegar. E nessa visão, vejo que os objetivos das aulas foram alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência do Estágio Supervisionado, pude perceber o quanto este é importante para formação docente. O primeiro contato com a escola, a relação com os discentes, com os professores, diretoria e todos os funcionários, tudo é enriquecedor para a formação, principalmente a regência em sala de aula.

Depois de passar pelas etapas do estágio, o aluno em formação docente terá grandes chances de estar bem preparado para sua função futura, pois as bases para o bom desempenho já foram adquiridas.

REFERÊNCIAS

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e docência**. 7 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

Site Qedu - <https://www.qedu.org.br/escola/166521-eeef-domingos-perim/censo-escolar>.

Site escolas - <https://www.escol.as/171575-domingos-perim>

Relato de experiência da sequência didática produzida a partir da crônica *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo

Greyce Mara Correia

APRESENTAÇÃO

Este relato de experiência destina-se aos professores de Língua Portuguesa que utilizam *crônicas* como recurso didático e pedagógico para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita em sala de aula e todos que se interessarem pelo assunto. Nesse trabalho, focalizaremos o ensino de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, localizada no município de Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Tal relato mostra-se pertinente uma vez que o recurso didático - a *crônica* - necessita ser mais trabalhado em sala de aula. Entretanto, este recurso carece de estratégias de ensino e aprendizagem que articulem teorias de linguagem ao objeto de apreciação. Diante dessa constatação, relata-se uma experiência de ensino que articulou uma *crônica* com teorias de leitura como proposto por Pietri (2007). Acreditamos que as estratégias de ensino criadas podem ser utilizadas em vários ambientes de ensino/aprendizagem de língua materna.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim é uma instituição de ensino pública que atende os anos finais do ensino fundamental, ou seja, do sexto ao nono ano. A diretora da mesma é Débora Michela Falqueto Perim, e a pedagoga, Jamara Nodari. O presente relato diz respeito ao trabalho desenvolvido com o auxílio da professora orientadora Selma Lúcia de Assis Pereira e do professor tutor Davi Schettino Mineti, na disciplina de Língua Portuguesa, em três turmas de sétimo ano, do turno matutino da referida escola (7ºM1, 7ºM2 e 7ºM3).

Para esse relato, escolheu-se essas três turmas de português, que têm em suas ementas o trabalho com a leitura e a escrita de gêneros

acadêmicos. As turmas, em geral, são formadas por alunos adolescentes (entre 12 e 16 anos) cujos conhecimentos acadêmicos ainda estão em fase de construção. Tais turmas são compostas por cerca de 25 alunos cada. A maioria destes apresentavam dificuldades básicas de escrita e pouco hábito de leitura.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para subsidiar o trabalho com o gênero textual *crônica*, com foco em leitura e produção textual, foram utilizados alguns conceitos de Fiorin (2018), Marcuschi (2002), Pietri (200) e Pimenta (1994).

Ao longo do estágio, principalmente nas aulas de regência, etapa final da experiência, deparei-me com as seguintes questões:

O que é ensinar de modo que os alunos aprendam? Que lógicas de organização curricular e de gestão escolar favorecem a aprendizagem? Como garantir que todos os alunos se apropriem dos instrumentos necessários para se situarem no mundo? Como estabelecer os vínculos entre conhecimento e formação cultural, desenvolvimento de hábitos, atitudes, valores? Para que ensinar? Que materiais, equipamentos, mídias, precisam ser mobilizados no processo de ensino? (PIMENTA, 1994, p. 120-121).

Diante destes questionamentos, decidi utilizar os gêneros textuais como ferramenta metodológica no ensino de Língua Portuguesa. De acordo com Fiorin (2018, p. 77) “fala-se e escreve-se sempre por gêneros e, portanto, aprender a falar e a escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros.” Por isso, nas aulas de regência do estágio, realizei uma sequência de atividades a partir do gênero *crônica*, pois, com o mesmo, pode-se desenvolver a competência de leitura e escrita dos alunos.

Há que se dizer também que os gêneros na sociedade servem para, como afirma Marcuschi (2002), estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia e toda vez que nos comunicamos, nos apropriamos de determinado gênero para fazê-lo. E o trabalho com gêneros no processo de ensino/aprendizagem de língua é importante pois, “mesmo que alguém domine bem uma língua, terá dificuldade de participar de determinada esfera de comunicação, se não tiver controle do(s) gênero(s) que ela requer”(FIORIN, 2018, p. 77). Neste sentido, o papel do professor, é de mediador, ou seja, apresentar, ao

aluno, diversos gêneros textuais, mostrar qual a função destes e em que situação utilizá-los.

Nesse caso, o gênero escolhido foi a crônica *A Bola*, de Luís Fernando Veríssimo. Pretendíamos levar o aluno a perceber o texto por meio de um processo de inferências e construção de significados, o que potencializaria o seu aprendizado e a compreensão do texto apresentado.

Por sua vez, Pietri (2007) apresenta e discute duas concepções de leitura distintas: a que enfoca o leitor e seus aspectos cognitivos no desenvolvimento e processamento da leitura e de compreensão de textos; e a que enfoca o texto, em sua produção, distribuição e papel social. Segundo o autor (2007),

(...) o trabalho com o texto [quaisquer] em sala de aula consiste em mostrar seletivamente as partes que o constituem e com base nesse jogo de esconder e revelar, realizar a elaboração e a verificação de hipóteses (PIETRI, 2007, p. 60).

Sua estratégia pretende ativar gradativamente os conhecimentos prévios dos alunos para solução de problemas de leitura. A partir dessas estratégias, compreendemos que as aulas de português na escola podem ser associadas à leitura de crônicas em sala de aula, desde que assessoradas por estratégias didático-pedagógicas pertinentes – como as estratégias de construção e verificação de hipóteses apresentadas por Pietri (2007).

Vale salientar que a escolha da crônica a ser levada à sala de aula, assim como também orienta Pietri (2007) em relação à escolha dos textos apresentados aos alunos, requer uma observação das competências e necessidades dos discentes, bem como das necessidades curriculares a serem trabalhadas.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui apresentada foi fruto de muito esforço e planejamento pedagógico. Tudo começou com a necessidade de articulação das teorias de linguagem, em especial as de leitura e escrita, com as práticas de sala de aula do ensino básico, cujo objetivo se destinava à leitura e à produção dos gêneros acadêmicos. Era preciso ver a leitura enquanto processo sociointeracional, no qual os alunos percebessem que ler vai muito além do ato de decodificar

palavras. Partindo dessa constatação, julgamos as crônicas um bom objeto de estudo e de avaliação das competências de leitura e produção textual a ser abordado em sala. Em primeiro lugar, pretendíamos chamar a atenção dos alunos para o processo de leitura e, antes de usarmos os gêneros acadêmicos, resolvemos partir da leitura de uma crônica, com o objetivo de refletir sobre o processo da leitura e escrita. Após muita procura, selecionamos a crônica *A Bola*.

Tal texto, mesmo tratando do tema leitura, ainda necessitaria, de nossa parte, da criação de algumas estratégias que deveriam ser realizadas antes e depois da leitura da mesma.

Dessa forma, antes da leitura de *A Bola*, fizemos um diagnóstico com os alunos sobre o gênero em questão, de forma que os mesmos fossem capazes de criar hipóteses para nossas questões de leitura. Nesse momento, seguindo os postulados de Pietri (2007, p. 17), ativamos gradativamente os conhecimentos prévios dos estudantes para solução de problemas de leitura, ou seja, consideramos nesse momento “o que se passa na mente do leitor [aluno] no momento em que ele lê: que conhecimentos prévios ele precisa ter e que estratégias precisa realizar, para que compreenda um determinado texto [no nosso caso a crônica].” Em seguida, perguntamos aos alunos: O que é crônica? Quais cronistas vocês conhecem? Vocês sabem quem é Luís Fernando Veríssimo? Já leram alguma crônica dele? Vocês conhecem a crônica *A Bola*?

Durante as perguntas, apresentamos o livro *Comédias para se ler na escola*, no qual está inserido o texto em questão. De maneira geral, os alunos, durante a prática de sala de aula, disseram que não sabiam exatamente o que é uma crônica; um ou outro apenas ouviu falar de Veríssimo.

Aqui, portanto, ativamos, os conhecimentos cognitivos dos alunos sobre o texto, mas essa informação só poderia ser confirmada após a leitura do texto, ou seja, após a interação com a crônica.

Após o diagnóstico, fizemos a leitura oral do texto. Um aluno foi o narrador, outro fez a fala do pai e outro a do filho. Deste modo, o ato de ler se tornou mais dinâmico e interativo. E para minha surpresa, ao final da leitura, os alunos falaram com entusiasmo a palavra “legal!”, uma expressão em destaque no texto. Em seguida, discutimos sobre a história e os personagens envolvidos, e sobre o tema do texto. Conversamos

sobre as brincadeiras tradicionais e as mais modernas, como videogame, indagando quais as vantagens e desvantagens das mesmas.

Depois do debate oral, passamos treze questões que envolviam interpretação, conhecimentos sobre a estrutura do texto (se era narrativo, narrado em 1ª ou 3ª pessoa, etc.), questões de linguagem como o emprego de estrangeirismos, ironia e gírias. Também discutimos em quais situações devemos ou não utilizá-las. Fizemos a correção das atividades e, na aula seguinte, passamos para a produção de texto. Nessa etapa, os alunos produziram uma pequena crônica com a temática “bola, jogos eletrônicos” ou sobre a vida deles. Deixamos os alunos à vontade para escreverem. Todos se empenharam bastante e, por meio dos textos, conheci um pouco mais sobre os alunos e quais as principais dificuldades de escrita que eles apresentaram, auxiliando-os na correção.

Em outro momento, eles fizeram desenhos de bola e jogos eletrônicos, cortaram as letrinhas do nome da crônica e do autor, esbanjando imaginação e criatividade para confeccionar o mural com os trabalhos realizados. Foi muito divertido!

AValiação DOS RESULTADOS

Os alunos, por meio das atividades descritas acima, puderam perceber que nem todas as perguntas de leitura eram possíveis de se responder apenas com o texto. Descobriram ainda que muito de seu conhecimento de mundo os ajudou a encontrar respostas para as questões formuladas. Eles evidenciaram ainda que uma hipótese de leitura formulada deveria ser compatível com as demais hipóteses já construídas, sob condição de construir uma interpretação impossível.

Por meio desta atividade, ainda foi percebido e explicitado que a leitura se dá por meio da interação, na qual o leitor, por meio de seu conhecimento de mundo, deve interagir com o autor via texto, a fim de construir significados – afinal o significado não é dado, mas construído, como foi percebido pelos alunos durante as atividades da disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do relato de experiência aqui apresentado, que se pautou na exposição de uma experiência de ensino que articulou o gênero textual

crônica com teorias de leitura, evidenciamos que as estratégias de ensino aqui propostas podem ser utilizadas em vários ambientes de ensino/aprendizagem de língua materna, além da educação básica aqui enfocada. Isso ocorre pois os alunos, de forma geral, ainda precisam perceber que o sentido do texto e do mundo a sua volta não é dado, mas construído por meio de sua atuação e/ou inserção no mesmo.

A experiência de ensino aqui descrita, apesar de simples, demonstra com clareza a necessidade do trabalho com a leitura e escrita na sala de aula, de forma a atuar com as mesmas enquanto processo de decodificação, cognição, interação e produção de texto. É ainda interessante perceber que o aluno passa a ser um agente no processo de leitura e compreensão: ele não apenas absorve as ideias do autor, mas constrói a compreensão baseado em conhecimentos linguísticos e extralinguísticos e realiza, para isso, um processo de construção de hipóteses que serão confirmadas ou não a partir do próprio material de leitura e de seus conhecimentos. Dessa forma, passa-se a existir a ideia de leituras possíveis.

REFERÊNCIAS

- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. 2.reimp. São Paulo: Contexto, 2018.
- PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Gêneros textuais e ensino**. Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2002.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Diário, diários: relações entre o “querido diário” e os “likes”

Jéssica do Nascimento Oliveira

APRESENTAÇÃO

Este relato tem como objetivo apresentar e refletir sobre as experiências desenvolvidas nas atividades do Estágio Supervisionado I - anos finais do Ensino Fundamental. O desenvolvimento desse componente curricular deve ser realizado a partir do 6º período do curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante. Além disso, ressalta-se que o principal objetivo do estágio obrigatório é a integração da teoria à prática, articulado com o desenvolvimento do conhecimento durante toda a trajetória do currículo do curso. E, ainda, deve propiciar que os estudantes de licenciatura vivenciem situações reais de planejamento de ensino, de dinâmica de sala de aula, de experiência profissional, dentre outras conjunturas do cotidiano escolar.

Em relação à experiência que será relatada, o enfoque será sobre o Ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente a aplicação de uma sequência didática com o tema *O gênero discursivo Diário*. Essa SD foi desenvolvida com as turmas de 6º ano, turno vespertino, da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Domingos Perim”. Utilizou-se uma perspectiva de *diário virtual*, fazendo um paralelo com as redes sociais, a fim de aproximar o aluno ao gênero. Esse relato se faz pertinente, uma vez que o recurso didático das mídias sociais está sendo utilizado cada vez mais nas escolas.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim localiza-se no bairro Trinta de Dezembro, centro de Venda Nova do Imigrante - ES. Essa instituição abrange alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano. Em relação à maioria dos alunos, é perceptível que gostam de participar das atividades cotidianas e extras que acontecem durante o ano letivo. No geral, eles têm bom

relacionamento com os colegas, professores e funcionários. Além disso, são participativos e colaborativos em relação ao empenho para a realização dos trabalhos.

A comunidade na qual a escola se encontra é composta por famílias oriundas de vários municípios do estado, com famílias que trabalham na agricultura, comércio, agroturismo e outros. É formada, em sua maioria, por descendentes italianos, que valorizam sua cultura por meio de diversas manifestações culturais populares. Vale pontuar que um dos principais valores preservados pela escola é o diálogo aberto com a comunidade, procurando sempre questionar, avaliar e analisar os problemas presentes no âmbito escolar para que possam ser solucionados, prezando pelo bem-estar e aprendizado dos educandos.

As turmas em foco para este relato de experiência eram compostas por 26 e 27 alunos, pertencendo às turmas 6ºV01 e 6ºV02, respectivamente. A maioria dos alunos apresenta certa dificuldade de leitura e escrita, sobretudo quando é dada a autonomia para escreverem a respeito de suas vidas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estágio Supervisionado é uma etapa fundamental no processo de formação acadêmica dos profissionais da educação. Compreende-se como uma atividade que integra o processo de ensino/aprendizagem, ou seja, é um momento da formação acadêmica que serve para orientar os alunos acerca das situações reais de trabalho no cotidiano das instituições de educação. Dessa forma, “considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental.” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 29).

Seguindo essa premissa, a prática do estágio deve ser pautada na perspectiva da formação do professor crítico-reflexivo, destacando-se a unidade entre teoria e prática, além da pesquisa como base da formação profissional. É preciso, portanto, prezar pelo desenvolvimento das potencialidades individuais, ou seja, propiciar que a nova geração de profissionais docentes, para além das habilidades pré-estabelecidas, sejam capazes de adotar não só métodos e processos inovadores, mas também novas tecnologias e metodologias alternativas.

Com base nisso, Pimenta e Lima (2004) afirmam que a dissociação entre a teoria e a prática resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, evidenciando a necessidade de explicitar por que o estágio é teoria e prática. As autoras comentam ainda que a profissão do educador é uma prática social, é uma forma de intervir na realidade social, pois a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação.

O estagiário deve, portanto, desenvolver atividades que permitam a análise, o conhecimento e a reflexão do trabalho docente, de suas ações, de suas dificuldades, seus impasses, garantindo uma visão mais geral do contexto escolar. Para Pimenta e Lima:

Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola (2012, p. 55).

Diante disso, formar professores é muito mais do que apenas treiná-los com metodologias e técnicas para ensinar determinados conteúdos. Formar profissionais da educação exige o desenvolvimento de práticas de análise, de reflexão e de compreensão do que seja verdadeiramente atuar no contexto escolar nos dias de hoje.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui apresentada foi resultado da execução de uma sequência didática sobre o gênero *diário*. Esse gênero foi escolhido pois estava no cronograma da professora tutora a abordagem sobre o mesmo. Além disso, a escolha desse gênero justifica-se pela necessidade de valorização do pensamento crítico do aluno sobre a linguagem, contribuindo para a formação do mesmo. O *diário* oferece tanto para o escritor, quanto para o leitor, o entendimento de que o registro é uma relação entre o seu tempo e o seu espaço, traçado por meio de um diálogo.

De acordo com Machado (1998), os relatos do *diário* são bastante próximos quanto à temporalidade do momento da escrita. Sobre isso ele discorre que

Quanto à presença constante das marcas temporais relativas ao tempo de produção, pode-se dizer que ela está ligada ao caráter de periodicidade, quando

não ao de cotidianidade, de escritura do dia-a-dia, que mantém uma distância temporal mínima entre os acontecimentos vividos e o ato de produção (MACHADO, 1998, p. 25).

Vale ressaltar, também, que, para aproximar ainda mais o aluno do gênero, foi traçado um paralelo entre diários e redes sociais. Esse fato se faz verdade, visto que as pessoas as utilizam como um meio de registrar o seu dia e as memórias vivenciadas. Nessas pequenas publicações (*posts*), uma imagem em conjunto com uma legenda, torna-se capaz de resumir um momento especial vivido por alguém. Sobre esse fato, Dalmaso (2015) pondera que

Se anteriormente, os blogs funcionavam como redes de memória que a partir das potencialidades do hipertexto difundiam na internet nossas opiniões e dicas de links, atualmente são os sites de redes sociais que têm desempenhado o papel de espaço de manifestação pública sobre todo e qualquer tema (DALMASO, 2015, p. 2).

Sendo assim, o principal objetivo dessa SD foi propor uma maneira eficaz de se trabalhar com o gênero *diário*, utilizando a metodologia de aulas expositivas, com auxílio de *datashow*, *notebook* e caixas de som para a apresentação de vídeos e textos virtuais. Portanto, almejou-se com realização de atividades que contribuem para o desenvolvimento da capacidade dos alunos, aumentar as habilidades de leitura, escrita e, também, o estímulo criativo por meio de uma produção de um *diário virtual*.

No primeiro momento da aula, foi explicado aos discentes o propósito do estágio e o motivo da regência da aula pela aluna estagiária. Em seguida, foi apresentada a proposta da aula, bem como os passos dos módulos seguintes. E, assim, passou-se para o momento da produção inicial, em que os mesmos foram instigados a responder questões para fazer um breve levantamento em relação ao conhecimento deles sobre o tema. Tanto a turma 6ºVo1, quanto a 6ºVo2, participaram efetivamente das discussões.

A primeira atividade do Módulo I teve como foco discutir a importância, as características e as funções do diário. Para isso, foram distribuídos papéis coloridos para que os alunos escrevessem e colassem no caderno a definição de diário para eles, a fim de acompanhar o desenvolvimento dos mesmos em relação ao conteúdo. Ao final da aplicação da SD, os resultados foram comparados. Quando foi solicitada

a leitura de algumas definições, muitos disseram que *diário* é onde se escreve todos os dias ou onde se guardam os segredos.

Após esse momento, foi feita uma breve explanação conscientizando-os que o *diário* é um gênero tão antigo quanto a humanidade, pois, desde os primórdios, os povos antigos já tinham o costume de se reunir e repetir histórias, todavia, era feito de modo oral. Oliveira (2002) descreve que existem diferentes tipos de diários. Inicialmente, eram utilizados para narrar acontecimentos públicos de uma determinada comunidade; depois passaram a ser usados a fim de relatar histórias de viagens e de guerra, e, tardiamente, utilizados como diário íntimo, como objeto de autorreflexão do indivíduo.

Seguidamente da apresentação do conteúdo, os alunos leram alguns fragmentos do livro *Diário de um banana* e *O diário de Anne Frank* para que percebessem as características gerais do gênero. Antes do início da leitura, os alunos foram instruídos a prestar atenção quanto à forma do *diário* sendo direcionados pelas questões: Como os personagens começavam a escrita? Havia uma saudação? Eles registravam o dia do acontecimento? Sobre o que escreviam? Como finalizavam? Foi possível perceber bastante interação dos alunos durante a leitura do primeiro livro, uma vez que se identificaram com o personagem principal: um garoto do Ensino Fundamental que vive as mesmas experiências deles.

No módulo II, foi finalizada a explanação sobre os aspectos do gênero e, em seguida, discutiu-se a respeito dos diversos tipos de diário. Ressalta-se que existem infinitos tipos de diário, desse modo, foram selecionados apenas alguns para estudo. O primeiro tipo estudado foi o *diário de guerra*. Para isso, foram lidos fragmentos do livro *O Diário de Zlata*, a fim de que os alunos traçassem semelhanças com *O Diário de Anne Frank*. O segundo foi o diário de classe, em que se mostrou a evolução do diário de papel para o virtual. Já para estudar o diário íntimo, foram lidos trechos do livro *Como meu diário se tornou um sucesso*, que narra a história de uma garota que teve seu diário publicado, revelando todos os seus segredos.

Além desses diários, foram apresentados aos alunos os diários virtuais, com os quais expressaram mais interesse e identificação. Para mostrar como um *post* de rede social pode ser considerado um diário, foram lidos alguns exemplos reais de pessoas que publicaram sobre os seus dias na internet. E, por fim, falou-se sobre o *diário de bordo*. Nesse

momento, fez-se um paralelo entre os diários de bordo utilizados nas grandes navegações e os vlogs de viagens publicados no Youtube. Com o intuito de fixar melhor o conteúdo, os alunos foram orientados a montar um mapa mental com os tipos de diário estudados com suas respectivas definições.

Na penúltima aula, Módulo III, foi entregue aos alunos uma folha com elementos gráficos impressos fazendo referência ao Facebook. Posteriormente, os alunos foram solicitados a escrever um *post/diário* de algum dia marcante de suas vidas. Durante esse momento de produção, muitos demonstraram dificuldades de escrita e, outros, manifestaram-se ponderando não ter vivido nada legal. Diante desse fato, foram feitas algumas intervenções para que todos conseguissem produzir. Indagou-se aos que estavam com dificuldades, por exemplo, sobre o que tinham feito nas férias, como foi a festa junina da escola e, até mesmo, sobre o seu dia de aula. Após essas perguntas, conseguiram escrever.

Para finalizar os módulos, cada aluno que se sentiu à vontade, leu o texto em voz alta para a turma. Durante esse momento, ocorreu uma situação inesperada, quando alguns alunos zombaram e desrespeitaram a religião do outro enquanto este explicava seu escrito antes da leitura. Para controlar esse fato, foi feita uma fala sobre respeito ao próximo e intolerância religiosa.

Após a resolução desse problema, os educandos trocaram os textos entre pares para que pudessem “deixar um like” na produção do colega e comentar. Foi um momento de descontração e interação. Os comentários variaram entre brincadeiras, dicas para melhorar o texto e palavras de incentivo, como, por exemplo, na página do diário de um aluno que escreveu sobre o dia da separação dos pais.

Outra dinâmica realizada com o intuito de valorizar os trabalhos produzidos, foi expô-los em um mural montado no corredor da escola. Esse mural tinha características de uma página de Facebook. Os alunos se demonstraram muito felizes enquanto afixavam os textos no mural, uma vez que relataram que os textos produzidos são lidos apenas pela professora da turma.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Para avaliar o aprendizado adquirido pelos discentes diante do que foi exposto, foram solicitados a retomarem a ficha entregue no início dos módulos e acrescentarem mais algum ponto sobre o conteúdo ou reformularem a conceituação inicial sobre *diário*. Foi possível constatar que, majoritariamente, tinham algo a mais para acrescentar. Desse modo, perceberam que o diário serve não só para guardar segredos, mas também para registrar vivências de guerra, conteúdos de aula, o dia de alguém por meio de uma foto e, por fim, para registrar uma viagem, seja por roteiro escrito, seja por vídeo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o relato de experiência apresentado, que se pautou no estudo do gênero *diário* em paralelo às redes sociais, evidenciou-se que as metodologias aqui propostas podem ser utilizadas para o estudo de outros gêneros. Dessa forma, esse trabalho pretendeu promover uma reflexão que aponte a necessidade de estratégias para o trabalho com a leitura e escrita, em consonância com as novas tecnologias, as quais servirão como um instrumento de apoio ao fazer pedagógico, ou seja, uma forma de aproximar o aluno do texto utilizando uma ferramenta de seu cotidiano. Vale ressaltar que o uso das tecnologias possui um valor relativo: elas serão relevantes se forem adequadas e coerentes com os objetivos traçados pelo professor. O educador, além de ter que conhecê-las e manuseá-las, precisa acompanhar as constantes mudanças do mundo tecnológico e concretizá-las de fato na utilização de estratégias que direcionem o aluno a realizar a leitura de diferentes textos.

REFERÊNCIAS

DALMASO, Silvana. **A construção da memória nos sites de redes sociais: percepções sobre experiências no Facebook**. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/100-encontro-2015/historia-da-midia-digital/a-construcao-da-memoria-nos-sites-de-redes-sociais-percepcoes-sobre-experiencias-no-facebook/at_download/file. Acesso em: 13/06/2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, A. R. **O Diário de Leituras: A introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários Públicos, Mundos Privados: o diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

Estágio Supervisionado I: Relato de Experiência

Marsilete Barbosa Pereira

APRESENTAÇÃO

Este referente relato sobre o Estágio Supervisionado indica que queremos ser profissionais capazes de produzir novos conhecimentos, estar conscientes das mudanças, e, por essa razão, estamos adquirindo um espaço na sala de aula tanto em relação à prática quanto à teoria.

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Domingos Perim fica localizada na rua La Ville nº134, no bairro 30 de dezembro, na cidade de Venda Nova do Imigrante - ES, tendo como diretora, Débora Michela Falqueto Perim.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Acreditamos que o Estágio Supervisionado possa nos proporcionar um grande aprendizado em nosso futuro como docente, mostrando a realidade que vivenciaremos, conforme (Pimenta e Lima, 2004, p.99), “O estágio pode ser considerado como uma oportunidade de aprendizagem da profissão docente e da construção da identidade profissional”.

É importante destacar que há diferentes concepções nesse processo no que diz respeito à teoria e à prática. Mesmo que o futuro professor se sinta preparado para exercer sua função com os conhecimentos adquiridos somente “(...) as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam.” (Pimenta e Lima, 2005 p. 08). Faz-se, então, necessária a vivência e o diálogo com a realidade dos alunos e da escola em seu contexto social.

DESCRIÇÃO DE EXPERIÊNCIA

A turma na qual realizei o estágio foi a do 6º ano, com aproximadamente 26 alunos. Sua rotina é iniciada com a chamada dos discentes, onde um representante de turma faz a chamada com o professor. Nessas 60 horas de estágio foram quatro aulas de observação, e as demais foram de coparticipação, com exercícios de textos e interpretação, histórias lidas pelos alunos obedecendo aos sinais de pontuação, ida dos alunos à biblioteca para escolha de livros e atividade de produção de textos.

Fizemos um passeio ecológico na Gruta da Onça no município de Castelo, fechando minha aula com o tema sobre o gênero discursivo *relato pessoal*. Realizamos uma atividade de compreensão e interpretação do texto “Atrás de um sonho”, do autor Artur Bruninho Hanwolf Thorey.

A aula teve a duração de 1 aula de 50 min. Ao final, os alunos foram produziram textos e os entregaram para exposição em sala de aula. Os materiais didáticos utilizados foram: quadro, pincel, folhas xerocadas e folhas em branco para produzir o relato pessoal. Sem dúvida, foi uma experiência nova, com conhecimentos adquiridos através da tutora e formas diferentes de se trabalhar. Isso ficou marcado.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Durante a aula, ao passar o *relato* para os alunos, observei que há muitos erros gramaticais, possivelmente trazidos desde os primeiros anos de ensino, que estão refletindo no Ensino Fundamental, momento em que o professor não dá conta, já que dispõe de pouco tempo para se dedicar aos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que mais me marcou e ficou de experiência foi a forma como a tutora se relaciona com seus alunos. A paciência, a dedicação, o carinho superaram qualquer dificuldade.

REFERÊNCIAS

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

THOREY, Artur Bruninho Hanwolf. **Atrás de um sonho**. Disponível em: <http://tecendoastramasdotexto.wordpress.com/2014/12/16/atras-de-um-sonho>. Acessado em 28/05/2019.

Estágio supervisionado: experiências e aprendizados por meio da atuação em sala de aula

Moyanne André de Amorim Leal
Samara Côra Spadeto

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue refere-se ao cumprimento do primeiro Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Letras Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda do Imigrante, Espírito Santo.

O presente trabalho foi realizado a partir das experiências vivenciadas na escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, mais precisamente nas turmas de sexto ano e na disciplina de Língua Portuguesa. Tal relato mostra-se pertinente à medida em que, nós, enquanto docentes em formação, adotamos essa nova vivência como propulsora de novos aprendizados, reflexões, mudanças e desafios a serem sempre superados. Além disso, as aulas destinadas às turmas foram planejadas a partir de estratégias facilitadoras do aprendizado e, portanto, podem ser utilizadas como referência em outras áreas do saber.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Domingos Perim é uma instituição pública de Ensino Fundamental II (atende a alunos do 6º ao 9º ano). O presente relato diz respeito ao trabalho desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa em três turmas de 6º ano do turno matutino. As turmas, em geral, são formadas por alunos pré-adolescentes (entre 11 e 12 anos) que formam grupos de cerca de 26 a 28 alunos por sala. Em sua maioria, durante os períodos de observação, coparticipação e regência, observamos que os discentes apresentavam dificuldades básicas de escrita e na leitura, o que contribui significativamente para a dificuldade de compreensão de enunciados de provas e atividades, por exemplo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Selma Pimenta e Maria Socorro Lima, no livro *Estágio e docência*, consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação com a realidade escolar. Destacam ainda que:

[...] O estágio como componente curricular e eixo central nos cursos de formação de professores [...] apresenta os aspectos indispensáveis à construção do ser profissional docente no que se refere à construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias (PIMENTA E LIMA, 2012, p.29).

Desse modo, como proferem as autoras, observando e convivendo com o professor por meio do estágio, podemos imitá-lo, nos espelhamos nele ou tomá-lo como exemplo para sermos ainda melhores. Freire (1996), também ressalta que “[...] é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39). Assim, reafirmamos o quão necessário é a execução do estágio presencial, pois é nele que vivenciamos novas experiências, enxergamos de maneira crítica a realidade e aprendemos, de fato, o que é a docência.

No que se refere à regência, para subsidiar o nosso trabalho em sala de aula, utilizamos a metodologia de ensino de Dolz e Schneuwly (2011) que, por meio de uma sequência didática, constroem uma estratégia que é válida tanto para produções orais quanto escritas.

A mesma caracteriza-se por constituir “[...] uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”. Ainda, “[...] instauram uma primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prática de linguagem e os instrumentos que facilitam essa apropriação” (DOLZ; SCHNEUWLY. 2011. p.43).

Desse modo, utilizar-se de uma sequência didática para o ensino de gêneros é de grande valia, uma vez que facilita o aprendizado dos estudantes na medida em que segmenta o estudo em etapas, que, de acordo com os autores acima citados, se dividem em: apresentação da situação, primeira produção, módulos e produção final.

Com base nisso, por meio de etapas, apresentamos o gênero *diário* para os discentes e, ao final, os mesmos tiveram que colocar em prática tudo o que fora aprendido. Pretendíamos, com a realização e aplicação da sequência didática sobre o gênero em questão, levar o

estudante a perceber as peculiaridades e características constitutivas de um diário, bem como de um relato pessoal, além de estimulá-lo ao aprimoramento da escrita e da leitura.

Como salienta Silva e Sousa (2013, p.13) a leitura, assim como a escrita “[...] assume uma função de destaque nas atividades escolares, sociais e culturais. É a partir da leitura que construímos a nossa visão de mundo e nos constituímos como sujeitos sócio-históricos no meio em que atuamos”.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado nos aproximaram da realidade e nos fizeram questionar, pensar, repensar, observar e refletir sobre a educação e a prática docente. As primeiras semanas foram inteiramente de observação e análise, quando acompanhamos a docente em sala de aula para levantamento dos dados para futuros diagnósticos.

As atividades de coparticipação começaram com a iniciativa da professora em nos pedir para que ficássemos com a turma enquanto ela precisava se ausentar rapidamente, inclusive em momentos de prova. No decorrer das aulas, a docente passou a solicitar o nosso auxílio para realizar o tradicional “visto” nos cadernos dos alunos que haviam cumprido as atividades propostas. De forma gradativa, passamos a ajudá-la em diversas outras práticas, tais como: realizar a chamada, tirar dúvidas dos alunos com dificuldade na realização de alguma atividade ou em entender algum ponto do conteúdo estudado, levar os alunos à biblioteca da escola a fim de realizarmos a leitura de textos, etc.

Através desses momentos de aproximação observamos o quanto os estudantes possuem dificuldades em compreender o texto e muitas palavras simples nele contidas. Isso, imediatamente nos causou incômodo, pois se os mesmos não conseguem entender o que o texto diz, como interpretarão enunciados em atividades avaliativas?

O auge do Estágio Supervisionado I se deu em relação ao período de regência, quando foi decidido, juntamente com a professora tutora, que lecionaríamos para duas turmas de sexto ano do turno matutino a respeito do gênero textual *diário*. O trabalho com *diários* justifica-se pelo fato de que é um gênero discursivo que promove a reflexão

individual, que possui linguagem simples, que preza pelas impressões pessoais e relatos, sem grandes preocupações literárias, o que aproxima o escritor e leitor da língua e da escrita. Além disso, “[...] utilizar o diário como material didático é compreender sua riqueza, uma vez que este oferece uma dimensão do perfil social, histórico, político, cultural do momento em que foi escrito” (POZZANI; STEFFLER. 2016. p. 8).

O objetivo principal da sequência elaborada e aplicada para as turmas foi gerar o conhecimento dos alunos acerca do gênero em questão, bem como estimulá-los ao desenvolvimento da escrita, leitura e de sua narrativa, além de corroborar para que os mesmos tenham autonomia em suas próprias produções.

Iniciamos a regência indagando os alunos sobre seus conhecimentos acerca do gênero *diário*. Foram lançados, aos mesmos, questionamentos de reflexão sobre o assunto a fim de que, oralmente, expusessem suas experiências e saberes sobre a temática. Num primeiro momento, instigamos os discentes a proferirem o que já sabiam sobre o gênero *diário* por meio de perguntas simples. Em seguida, trabalhamos tal gênero, sua importância e função. Além disso, mostramos os elementos próprios desse tipo de texto e, em seguida, realizamos uma atividade oral com o intuito de estimular o discurso dos alunos e fazer com que recordassem de fatos importantes de suas vidas que mereceriam destaque.

Em um segundo momento, trabalhamos especificadamente com o livro *O diário de Anne Frank*, estruturado em forma de diário em que a personagem central faz relatos pessoais e emocionantes sobre a tensão que a família judia Frank sofreu durante a Segunda Guerra Mundial. Realizamos a leitura de algumas páginas da obra e contextualizamos o volume. Adiante, desenvolvemos uma análise do livro, observando as características e estruturação do gênero *diário*.

Após a apresentação, discutiremos sobre a apropriação dos instrumentos de linguagem, característicos desses tipos de texto, e o desenvolvimento do conhecimento dos estudantes sobre o gênero. Os discentes foram solicitados a desenvolver uma página de diário relatando fatos marcantes ou diferentes que os mesmos tenham vivenciado recentemente ou no passado. Ao findar da atividade, os textos foram expostos em um *varal diário* dentro da própria sala de aula e, então, os estudantes tiveram a oportunidade de ler a produção

dos outros colegas de classe, compartilhando, deste modo, experiências enriquecedoras.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os alunos em formação, através da atividade descrita acima, cumpriram uma tarefa que solicitou a capacidade de escrita, de síntese de alguma história de sua vida e a aplicação correta dos elementos característicos do gênero estudado em um texto escrito. Em vista disso, a aproximação com o gênero em questão, corrobora para que o estudante, em um diálogo incessante entre ele (escritor) e o leitor, se torne protagonista e narrador de sua escrita, bem como, propicia uma estreita relação entre a interação do sujeito com o mundo à sua volta. Por meio dessa atividade, ainda foi possível trabalhar a capacidade de leitura, escrita e produção. Acreditamos que, ao findar das aulas os alunos tenham, de fato, aprendido sobre o gênero *diário*, a sua importância e quais as suas características constitutivas.

Com o intuito de obter um retorno dos discentes sobre a sequência de aulas dadas por nós a respeito do gênero *diário*, realizamos, de maneira breve, a aplicação de uma pesquisa simples por meio de um pequeno papel contendo cinco *emojis* (desenhos) representando cinco sentimentos, a saber: 1. *Detestei*, 2. *Não gostei*, 3. *Indiferente*, 4. *Gostei*, 5. *Adorei*. Os estudantes receberam o comando de circular ou colorir qual *emoji* melhor representava a sua satisfação com as aulas dadas. Para nossa felicidade, cerca de 90% das respostas foram relacionadas a opção “adorei”.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Consideramos o período de Estágio Supervisionado como uma experiência positiva, enriquecedora e desafiadora. Julgamos que os alunos compreenderam o conteúdo ensinado, o que se pôde perceber através das produções escritas realizadas por eles em sala de aula, assim como, pela avaliação aplicada a respeito de nosso desempenho como professoras-estagiárias.

Além disso, por meio da experiência de ensino realizada, consideramos que a atividade desenvolvida com os discentes contribuiu para o desenvolvimento de sua escrita e leitura, pois o

relato que escreveram requeria uma capacidade de síntese, atenção aos fatos narrados e coerência no que estava sendo dito. Isto é, corroborou para seu aprimoramento da língua.

Em suma, o estágio, de modo geral, propiciou uma aproximação significativa com a prática docente, visto que, pela observação, coparticipação e, principalmente, a regência em sala de aula, aumentamos nossa percepção quanto aos métodos de ensino eficazes, contextualizados e que realmente signifiquem para o aluno. Além disso, a nossa aproximação com o estudante serviu para reafirmar nosso pensamento de que os docentes não formam apenas estudantes, e sim sujeitos para a vida e para a cidadania.

REFERÊNCIAS

- DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 54 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- POZZANI, Graciana, Martelozo; STEFFLER, Juliana, Carla, Barbieri. **O gênero diário pessoal: contexto e interdisciplinaridade no estudo da obra Diário de Anne Frank**. Cadernos PDE. v.1. 2016.
- SILVA, Adriana da; SIMÕES, Alex Caldas. **Práticas de leitura em sala de aula: o uso de filmes e demais produções cinematográficas em aulas de Língua Portuguesa**. Práticas de Linguagem, v. 1, n. 2, p.52-59, jul./dez.2011.

Estágio Supervisionado I: percepções de uma experiência

Ozeias Mota Real

APRESENTAÇÃO

O relato que se segue, diz respeito a experiências e percepções de uma etapa do estágio no Ensino Fundamental II, para a disciplina de Estágio Supervisionado I, do 6º período do curso de Letras Língua Portuguesa do IFES, Campus Venda Nova do Imigrante. Os estudantes foram encaminhados para algumas escolas da região e, sob orientação da supervisora, deveriam observar e auxiliar o professor de português até o momento de prepararem suas aulas de regência com fins de avaliação da disciplina. Fui encaminhado para a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora “Aldy Soares Merçon Vargas” onde acompanhei a professora Scynthia Padovani, nas turmas de 6º e 8º ano.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora “Aldy Soares Merçon Vargas” está localizada na Praça da Matriz, nº 9, Centro, Conceição do Castelo, Espírito Santo. A diretora é Rita de Cássia Bortolini Ayres Dassie. A escola possui 620 alunos, sendo 405 no matutino e 235 no vespertino.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para teorizar todos os métodos aplicados durante o período de estágio, recorreremos ao livro *Estágio e Docência* de Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima, a partir do qual demos início a uma sequência de discussões sobre a prática de ensinar e de como trabalhar em sala de aula. Guiados pela teoria alinhada com a prática, pensamos na educação enquanto algo mútuo e que produz retorno. Não dissociamos a teoria da prática, e todas as ações aplicadas são passíveis de reação. A partir da leitura de Pimenta e Lima (2018),

pensamos na educação em sala de aula, refletindo também sobre os processos de ensinar e educar, que estão ligados à humanização, ou seja, são práticas humanas, que visam à evolução e cidadania e assim compreender o sentido da disciplina de estágio.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência do Estágio Supervisionado agregou muitos conhecimentos para a caminhada docente. Iniciei o estágio em uma turma de sexto ano. As práticas da professora Scynthia sempre me foram muito coerentes com o que era proposto. No período de observação, eu entrava juntamente com a professora tutora e me sentava no fim da sala, a fim de observar, em um plano geral, a turma. A observação se estendeu por alguns dias, até cumprir as vinte horas que eram propostas. Nesse tempo, observei a didática da professora, suas dinâmicas e seus combinados com as classes em que ela lecionava. Observei o comportamento dos alunos, e como era o retorno das atividades tanto para casa quanto as de sala de aula.

Depois da etapa da observação, comecei a etapa de coparticipação, em que eu ficava à disposição da professora e dos estudantes, para trabalhar em conjunto. Como eu já havia observado as demandas das classes, procurei ser útil onde era mais necessário. Durante esse período de coparticipação, ajudei nas atividades de leitura e rodas de conversa na biblioteca, auxiliando os alunos na escolha dos livros e dialogando sobre as obras lidas e escolhidas. Finalizando a minha colaboração de coparticipação, auxiliei as turmas de sexto ano em uma atividade de produção de texto. Colocamos cinco palavras aleatórias no quadro e as crianças deveriam escrever uma redação que contivesse as cinco palavras do quadro. A atividade rendeu bons frutos e ainda estimulou a criatividade dos estudantes.

A terceira etapa do estágio é também a mais complexa, a etapa da regência. Nessa etapa somos encaminhados a planejar e lecionar uma aula que seria observada pela professora tutora. Poderíamos escolher entre uma sequência didática ou um plano de aula. Optei por um plano de aula. Lecionei para uma turma do oitavo ano, onde identificamos uma demanda. A aula foi sobre verbos, e demos uma revisão no conteúdo. Aproveitei o espaço para discutir uma questão muito importante: a temática étnico-racial. Através da leitura de um

poema, discutimos o conteúdo e realizamos atividades para trabalhar os verbos no poema, envolvendo suas conjugações, seus tempos, modos e todas suas características. Finalizamos com produção de um poema, momento em que os estudantes puderam se expressar e se atentar aos verbos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Depois de todo o processo trilhado, era esperado que alguns objetivos fossem alcançados. Enquanto estagiário e professor em formação, os resultados foram satisfatórios. As três etapas foram concluídas, atendendo aquilo que foi proposto. Foram cumpridas 60 horas em sala de aula e, depois de finalizada a regência, foi concluído um processo.

As aulas de observação foram fundamentais para minha aprendizagem e para a composição de minha aula de regência. As aulas de coparticipação me ajudaram a exercitar algumas idéias, a pesquisar e me informar a fim de ajudar os estudantes, e a regência proporcionou ótimos momentos. A experiência em sala resultou em um plano de aula elaborado, uma turma envolvida e bons poemas produzidos pelos estudantes que serão utilizados em outra atividade pela professora tutora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas percepções foram salientadas durante desse período. Comecei a me atentar às várias etapas dentro da carreira docente e percebi que as realidades e os currículos podem não ser exatamente o que esperamos. Muitos conhecimentos foram adquiridos com essa experiência. Aprender a lidar com o

próximo, aprender a planejar e aprender a me reinventar sempre, nunca ser uma cópia, mas sempre me redescobrir.

Descobri o impacto que a tecnologia causa na sala de aula e que nem sempre a teremos a nosso favor. Muitas descobertas contribuem para a dinâmica desse processo. Descobri a interação professor e aluno, como combinar as atividades em sala. Também aprendi e que muitas surpresas podem acontecer e é preciso sempre ter um plano “B”. No mais, percebi que ser professor é também saber ser empático,

afetuoso e sempre ter a noção de que estamos formando cidadãos, bons, honestos, curiosos e com um mar de conhecimentos a descobrir.

REFERÊNCIAS

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão.** In: **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2018.

Trabalhando o gênero textual *comentário* articulado à obra *O Pequeno Príncipe*

Viviana Leite Pimentel

Apresentação

O relato de experiência que se segue corresponde ao Estágio Supervisionado I, realizado no período de abril a junho de 2019, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, de Venda Nova do Imigrante - ES. A pedagoga que me recebeu para o estágio é Jamara Nodari e o professor tutor chama-se Davi Schettino Mineti. Ele é formado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Madre Gertrudes de São José” (1998). Especialista em Língua Portuguesa pela mesma instituição (2002) e em Educação de Jovens e Adultos, pelas “Faculdades Integradas de Jacarepaguá” (2008). O estágio foi realizado no turno matutino, às quartas-feiras, com três turmas do sétimo ano.

Caracterização da unidade de ensino

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim é uma instituição de ensino de administração estadual que atende alunos do Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano). O presente relato refere-se ao trabalho desenvolvido durante a disciplina Estágio Supervisionado I, em três turmas do sétimo ano da referida escola, na disciplina de Língua Portuguesa. O total de alunos nas três turmas é de aproximadamente 80 alunos.

Introdução

O Conselho Nacional de Educação CNE, órgão que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação do professor, estabelece, por meio da Resolução CNE 01, de 18 de fevereiro de 2002, que a prática do estágio deverá ser “desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em

situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema” (Art. 12, § 2º). Em consonância com o CNE, o Instituto Federal do Espírito Santo, conforme o Art. 2, da Resolução do Conselho Superior, de 27 de junho de 2014 menciona que,

O estágio é considerado um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente do trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular na Educação Profissional, Técnica de Nível Médio e na Educação Superior, oferecido pelo Ifes nas modalidades presencial e a distância (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2014, p. 01).

Diante disso, o estágio corresponde a um requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciatura em Letras/Português, no nosso caso, além de proporcionar a vivência imprescindível para o exercício da carreira docente.

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, a disciplina de Estágio Supervisionado inicia-se no sexto período e, dentre a carga horária total, o aluno deve cumprir 60 horas de atividades de reflexão teórica, na escola, divididas em três eixos: a observação das aulas do professor regente, a coparticipação e a regência de classe.

Esse relato de experiência corresponde à prática realizada durante o componente curricular do Estágio Supervisionado I, no período de abril a junho de 2019, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, de Venda Nova do Imigrante – ES, no turno matutino, em três turmas do sétimo ano (totalizando 80 alunos), na disciplina de Língua Portuguesa.

Para subsidiar o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos como aporte teórico metodológico os pressupostos de Pimenta e Lima (2012), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Marcuschi (2011). E, além desses teóricos, também consideramos importante conduzir nosso trabalho à luz de Paulo Freire (2002), porque seu pensamento será sempre norteador nas práticas de um bom professor.

Ressalta-se ainda a importância do Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura, porque dele depende, em grande medida, a qualidade da formação docente, já que, em muitos casos, é o primeiro momento em que o discente, na posição de aprendiz de uma profissão, tem contato com as escolas. Diante disso, é de suma relevância para os

estagiários realizarem reflexões sobre a experiência do estágio, buscando unir a teoria aprendida na graduação à prática em sala de aula.

O Estágio Supervisionado

Entendemos que o Estágio Supervisionado corresponde a uma vivência rica e importante para a formação de qualidade dos futuros professores. No mesmo caminho, Pimenta e Lima (2012) argumentam que “o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia” (PIMENTA E LIMA, 2012, p. 123). O estágio, dessa maneira, proporciona o conhecimento da realidade da escola, tornando-se uma atividade fundamental de reflexão sobre as práticas pedagógicas, como podemos observar por meio do excerto:

Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade e ultrapassá-la (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 111).

Consideramos importante mencionar também que, para a grande maioria dos graduandos, o estágio corresponde ao primeiro momento de contato com a realidade escolar antes do exercício da docência. Dessa maneira, ratifica-se a importância dessa vivência.

Entretanto, as teorias evidenciam uma dificuldade do estágio que é o distanciamento entre teoria e prática, conforme explanam no trecho, “o reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 41). Para as autoras, em grande medida, o estágio fica reduzido à prática instrumental, dissociado da teoria. Entretanto, é necessário adotar uma postura diferente, de reflexão da realidade escolar, unindo teoria e prática. Nesse caminho, as autoras argumentam que,

[...] o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para a análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em

questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 43).

Salientamos, por fim, que o graduando experimenta um ambiente propício de enriquecimento profissional, acadêmico e até mesmo pessoal durante o estágio, já que pode refletir sobre a nova realidade que está vivenciando, bem como testar diferentes maneiras de ensinar, sem a responsabilidade de ser o professor regente.

Descrição da experiência

Um dos requisitos da disciplina de Estágio Supervisionado I, da graduação em Letras/Português do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - Ifes, Campus Venda Nova do Imigrante, é o cumprimento de sessenta horas de atividades de reflexão teórica, na escola, divididas em três eixos: observação (ou revisão) e análise da realidade; atividades de coparticipação e docência compartilhada, em uma escola da região que oferte o Ensino Fundamental II. Diante disso, o relato de experiência apresentado refere-se à experiência do estágio realizado na EEEEF Domingos Perim, no período de abril a junho de 2019, no período matutino, com três turmas do sétimo ano.

A princípio, apenas observamos as aulas do professor tutor. Em seguida, fomos convidados por ele a desempenhar atividades de coparticipação. Dentre essas atividades, destacamos as seguintes: auxiliar os alunos nas atividades, “dar visto” no caderno, corrigir avaliações e mediar a leitura.

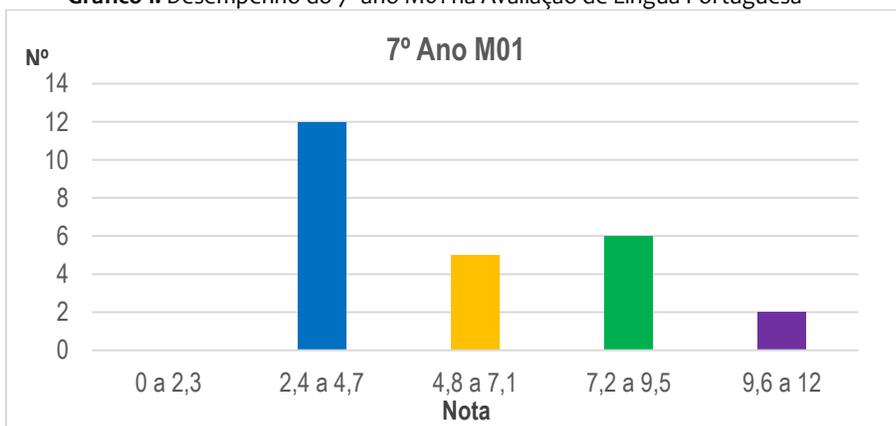
Em relação ao “visto” no caderno, adotamos a estratégia do carimbo, utilizada pela professora orientadora, Selma Lucia Pereira em sua prática docente. Pensando na faixa etária – adolescentes - utilizamos dois carimbos com figuras do tipo *emoji*, análogas aos *emojis* da rede social *Facebook*. Pela reação dos alunos, a estratégia foi bem-sucedida, pois eles passaram a realizar as tarefas para poder receber os carimbos. Consideramos importante, porém, fazer a ressalva de que é necessário ler as respostas das atividades realizadas pelos alunos, porque, em alguns casos, no afã de receber o carimbo, a atenção dedicada às tarefas pode ficar em segundo plano, o que não é nosso objetivo.

Também foi realizada a correção das avaliações de Língua Portuguesa, em que constatamos, por meio dos resultados, que muitos alunos erraram questões simples como destacar o verbo num texto. Além disso, havia uma questão que exigia uma resposta pessoal e a grande maioria dos alunos errou ou copiou do texto, *ipsis litteris*. Apreendemos que, em muitos casos, os alunos simplesmente não leem as questões ou simplesmente decodificam as letras, mas não compreendem. Com isso não conseguem elaborar respostas satisfatórias.

Depreendemos que uma quantidade bastante significativa desses alunos não consegue fazer inferências, nem mesmo manter o foco para ler e interpretar os enunciados, acarretando, dessa forma, respostas equivocadas. Sobre isso Marcuschi (2011) afirma que “[...] a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais” (MARCUSCHI, 2011, p. 90). Diante disso, percebemos que a maioria dos alunos não chega a obter a compreensão dos conteúdos estudados, o que é bastante preocupante.

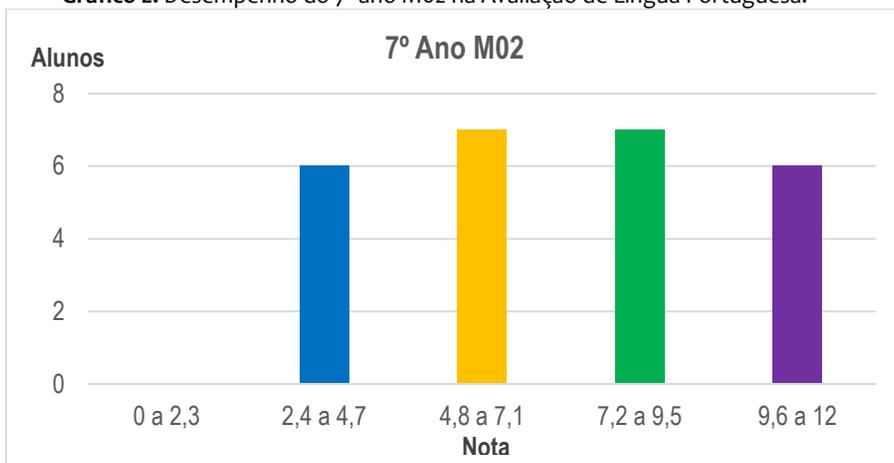
A fim de evidenciar alguns dados e com o intuito de facilitar a visualização de como foi o rendimento das turmas na avaliação, elaboramos os gráficos abaixo:

Gráfico 1: Desempenho do 7º ano M01 na Avaliação de Língua Portuguesa



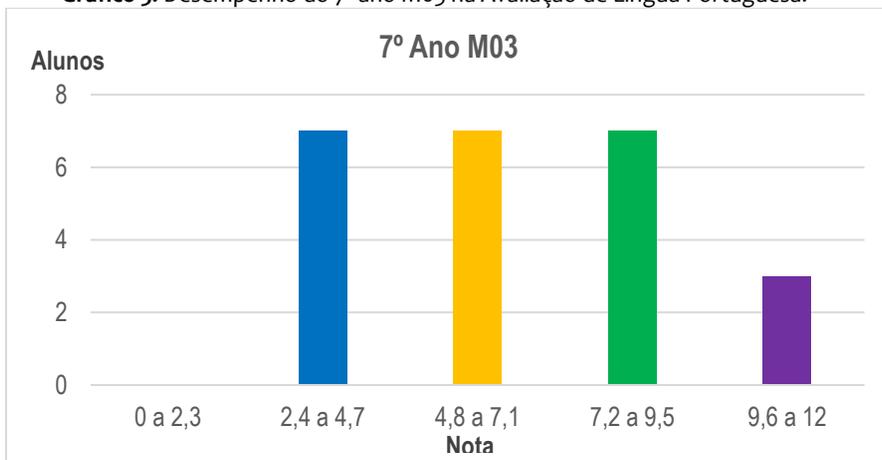
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2: Desempenho do 7º ano M02 na Avaliação de Língua Portuguesa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 3: Desempenho do 7º ano M03 na Avaliação de Língua Portuguesa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao todo, 75 alunos realizaram a avaliação, sendo 25 alunos no 7º M01, 26 alunos no 7º M02 e 24 alunos no 7º M03.

Por meio dos gráficos, podemos evidenciar algumas situações: em relação ao 7º ano M01, observa-se que mais de 50% dos alunos tiraram uma nota inferior a 60%, isto é, mais da metade da turma tirou nota abaixo da média. A turma, de fato, é mais agitada, dentre as três, e também é a que mais sofre pelo barulho advindo das aulas de

educação física, devido à proximidade da sala à quadra de esportes. Provavelmente, esses fatores influenciam no rendimento dos alunos. Já no 7º Mo2 e 7º Mo3, os alunos conseguiram obter um resultado mais satisfatório em comparação com o 7º Mo1, pois muitos alunos tiraram notas superiores aos 60%. No entanto, metade da turma no Mo2 não atingiu a média e menos da metade no Mo3 também não atingiu a pontuação mínima.

Evidenciamos ainda que as turmas estão em níveis diferentes de aprendizagem - alguns alunos conseguiram alcançar bons resultados, outros estão na média e outros não conseguiram resultados satisfatórios. Talvez coubesse propor atividades de nivelamento para que haja maior equilíbrio entre os alunos. Ademais, cabe salientar que apenas uma parcela pequena de alunos conseguiu tirar notas acima de 10,8, isto é, mais de 80% do valor total da prova. Além disso, nenhum aluno, em nenhuma turma, acertou 100% das questões.

Evidentemente, não se deve considerar as notas como um fim em si mesmas. Muitos outros fatores afetam no rendimento dos alunos, mas os resultados obtidos podem direcionar as práticas do professor, visando uma aprendizagem mais satisfatória.

Houve também a oportunidade de realizar a mediação de leitura do livro Zoom, de Istvan Banyai. Essa obra não possui texto (palavras), só imagens. Cada página é uma imagem e, pouco a pouco, essas imagens vão se ampliando como se estivesse ampliando o zoom. Foi uma atividade interessante: os alunos foram bastante participativos e, aparentemente, gostaram do livro. Foi uma atividade interessante também para explorar o conhecimento de mundo dos alunos e para trabalhar a oralidade deles.

Ressaltamos que a mediação não é tarefa simples. Ela requer preparo por parte do professor e conhecimento da obra escolhida, mas não só isso. É necessário ter um pouco de *expertise* e conhecimento de mundo para que se consiga aproveitar a oportunidade para desenvolver assuntos diversos.

Acreditamos que a leitura em sala de aula é imprescindível e que uma boa mediação faz toda a diferença na formação do aluno, portanto, devemos nos preocupar com a nossa responsabilidade nesse processo e consideramos importante participar de formações ou cursos em mediação de leitura.

Como mencionado anteriormente, uma parte do estágio é destinada à regência de classe. Diante disso, a sugestão do professor tutor foi a de que trabalhássemos a obra *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, devido às temáticas abordadas no livro, que são interessantes para a formação humanística do aluno, como a importância da amizade, o valor das coisas etc.

Nesse sentido, elaboramos uma sequência didática (SD) a partir dos pressupostos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), cuja definição é a de que se trata de “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 82). Ainda na perspectiva desses teóricos, a sequência didática tem como finalidade “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero, permitindo, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Posto isto, salientamos a importância do trabalho tomando como base a sequência didática.

Considerando os pressupostos acima, trabalhamos com o gênero discursivo *comentário*, juntamente com a obra *O pequeno príncipe*. A escolha do gênero justifica-se, pois ele faz parte do cotidiano do aluno, tanto oralmente, quanto escrito, em redes sociais, por exemplo. Além disso, por meio desse gênero discursivo, o aluno demonstra seu ponto de vista, se posiciona e argumenta.

Acreditamos que incentivar a argumentação dos estudantes contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, habilidade essencial para o exercício da cidadania. Para além disso, constatamos que, ultimamente, tem crescido de forma assustadora os comentários em redes sociais em que as pessoas utilizam um discurso de ódio e intolerância. Tais práticas são extremamente nocivas para a vida em sociedade. Dessa maneira, trabalhar com o gênero *comentário*, além de contribuir para a construção de conhecimentos acerca do gênero, possibilita orientar para o respeito e a tolerância para com os demais ao expor opiniões e ao argumentar sobre questões diversas.

Como não conseguimos cópia do livro para todos os alunos, nem teríamos tempo hábil para a leitura integral, optamos pela exibição do filme *O pequeno príncipe* e, posteriormente, propomos a leitura de pequenos trechos da obra.

Os alunos assistiram ao filme na Casa da Cultura – espaço que conta com uma sala de vídeo ampla e confortável, em Venda Nova do Imigrante -, já que esse espaço tem capacidade para comportar todos os alunos. Além disso, os alunos puderam sair da rotina da sala de aula, o que consideramos importante para eles. Salientamos ainda o apoio que a diretora e a pedagoga nos deram ao proporcionar esse “passeio” com os alunos.

Após a exibição do filme, discutimos sobre ele e, em seguida, apresentamos a proposta de se trabalhar o gênero textual *comentário*, a partir da obra. Explanamos sobre o conceito do gênero e apresentamos suas características. Num segundo momento, solicitamos que os alunos produzissem comentários sobre suas percepções acerca do filme. Cabe mencionar, sobre esse ponto, que os alunos, de fato, produziram os textos, alguns com mais facilidade, outros não, mas não deixaram de produzir.

Por fim, confeccionaram um mural que tinha o *layout* de uma página da rede social *Facebook*, onde foram colados os comentários e as ilustrações produzidos por eles. Depois de pronto, cada aluno recebeu um *emoji* para curtir o trabalho que mais gostou. Esse momento de interação foi muito proveitoso; os alunos gostaram bastante.

Reflexões sobre a experiência do estágio

A reflexão, de fato, permeia a vivência do estágio, desde a observação das práticas do professor regente até a aplicação da proposta de aula. Nessa perspectiva, corroboramos o pensamento de Paulo Freire (2002, p. 43-44) que nos diz que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Acreditamos que o momento é oportuno para aproveitar as práticas boas do professor tutor e pensar em maneiras de reformular as que não são tão proveitosas. Nesse sentido, consideramos indispensável a oportunidade de conhecer a realidade da sala de aula e das práticas do professor regente, para, a partir disso, formularmos o nosso modelo de aula.

A reflexão também possibilita fazer algumas indagações sobre como deve ser a prática ou as práticas docentes mais adequadas para evitar o fracasso escolar. Acreditamos que esse seja o grande desafio

da docência. Para os alunos, ao que parece, qualquer coisa é mais interessante do que estudar. Algumas vezes eles até estão em silêncio, mas isso não significa que estejam prestando atenção na aula. Já para os professores, alguns fatores revelam os desafios enfrentados: o mundo atual, dinâmico e instantâneo, ocasionado pelo advento da internet, as famílias cada vez mais desestruturadas e ausentes, o sucateamento da educação, dentre outros.

Tudo contribui para que os alunos tenham dificuldades de concentração, de foco, além de não adquirirem consciência da importância dos estudos e da disciplina necessária para bom desempenho escolar. Nesse cenário, tem ficado a cargo da escola a tentativa de dirimir os problemas da formação (acadêmica e humanística) dos jovens - papel injusto, pois requer responsabilidades que deveriam ser de todos.

No decorrer das atividades propostas na sequência didática, os alunos vivenciaram diferentes situações. Saíram da rotina para assistir ao filme, tiveram momentos de interação na área de lazer, fizeram leituras, produziram textos, ilustrações e o mural. De uma forma geral, os alunos foram bastante participativos e disseram ter gostado das atividades. Sobre a produção textual, evidenciamos que muitos alunos têm dificuldade de escrever e também de fazer inferências. Nesse sentido, caberia propor mais atividades e leituras que os levem à reflexão e que desenvolvam seu pensamento crítico. Esperamos, por fim, que as atividades propostas tenham contribuído para a formação humanística desses alunos.

Considerações finais

Diante do exposto, consideramos importante ratificar que a vivência do estágio é uma experiência imprescindível, como anteriormente citado, pois permite aos estagiários conhecer a rotina da escola, a realidade dos professores e dos alunos, as práticas docentes, entre outros. A partir disso, podemos refletir sobre os métodos utilizados e aperfeiçoar as práticas pedagógicas futuras.

Salientamos que é por meio da reflexão que podemos repensar a prática. Conseqüentemente, começamos a criar nossa identidade como docente, isto é, passamos a elaborar o nosso próprio modo de ser, de fazer.

O estágio também é um momento oportuno para relacionar os conteúdos estudados na graduação com a prática vivenciada na escola, sob a supervisão do orientador. Dessa maneira, a construção de conhecimento do graduando torna-se muito mais consistente tendo sido obtido a partir da união da teoria com a prática.

Cabe mencionar que também é uma experiência difícil e exigente visto que requer dedicação, planejamento e associação dos conteúdos teóricos às práticas. Além disso, percebemos que os desafios da profissão são inúmeros, entretanto, esperamos, por meio do trabalho e do estudo, colher bons frutos na carreira docente.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP n. 01, de 18 de fevereiro de 2002**. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. de R. R. e G. S. C. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão textual como trabalho criativo. In: **Universidade Estadual Paulista**. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 11. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Conselho Superior. **Resolução Nº 28 de 27 de junho de 2014**. Vitória, ES, 2014.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 7ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

Uso de crônicas humorísticas nas aulas de Língua Portuguesa: uma estratégia de incentivo à Leitura

Alice Lorenção

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que segue diz respeito à regência do Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante. O enfoque deste relato está organizado nas aulas que foram ministradas de acordo com o plano de aula desenvolvido para a turma de 9º ano do Ensino Fundamental onde o estágio foi cumprido. A experiência relatada se refere ao uso de textos humorísticos nas aulas de Língua Portuguesa como uma forma de incentivar os alunos à leitura. Assim, tentou-se promover uma reflexão sobre a construção de sentido humorístico nas crônicas da escritora brasileira Thalita Rebouças, a fim de propor estratégias de incentivo à leitura a partir da relação dos descritores do PAEBES e das competências e habilidades da BNCC (2017) para alunos do último ano do Ensino Fundamental. Tal relato mostra-se pertinente, uma vez que a utilização dos textos de humor em sala de aula proporciona um ambiente lúdico de aprendizado, sobretudo, por esse modo de proporcionar a formação de leitores críticos diante da sociedade, bem como de atender às diretrizes dos documentos que norteiam a educação básica.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

O Estágio Supervisionado - etapa Ensino Fundamental II - foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, localizada na Rua La Ville, nº 134, Bairro Trinta de Dezembro, na cidade de Venda Nova do Imigrante. A escola está representada pela Diretora Débora Michela Falqueto que coordena toda a Instituição juntamente com o apoio dos demais integrantes da gestão escolar. Sob supervisão da pedagoga Jamara Nodari, pude observar, então, a estrutura física

da escola que é composta por doze salas de aula, banheiros masculinos e femininos nos dois andares do prédio, bebedouros, cozinha, laboratório de informática, biblioteca, sala de AEE, quadra ampla e pátio externo. Além de sala de professores, a escola possui uma sala de planejamento que é destinada a eles. O estágio foi realizado às quartas-feiras, no turno vespertino, no horário de meio dia e meia às dezessete e meia. O professor tutor que foi observado chama-se Luís Henrique G. Vargas. As turmas acompanhadas e observadas foram as do 9º ano V01, 9º ano V02, 8º ano V01 e 8º ano V02. Em geral, as turmas, são compostas por alunos com idades entre 14 e 15 anos, e apenas uma delas não possui alunos com necessidades especiais. Para este relato de experiência - 2019/2 - escolheu-se a turma de 9º V01 composta por 29 alunos, onde foi percebido certo desinteresse pelo gosto à leitura.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O gênero *crônica* é um conteúdo rico devido aos muitos conteúdos que podem ser abordados a partir dele, principalmente quando humorística, pois permite refletir sobre o motivo do riso e dos possíveis julgamentos que constituem o enredo. Para tanto, as aulas foram pensadas e articuladas com os documentos oficiais que regem a educação, como a Matriz de referência do Programa de Avaliação Básica do Espírito Santo (PAEBES) e as competências e habilidades da Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017) voltadas para a Língua Portuguesa. Para esse relato de experiência foram selecionados os descritores D06, D10, D14 e D16, de modo que algumas perguntas foram feitas em relação aos descritores citados como forma de suscitar uma leitura mais detalhada das crônicas.

Além disso, no que diz respeito ao texto humorístico, tem-se a definição de que “é aquele que subverte as expectativas, acionando uma possibilidade de leitura que nem sempre é explícita, podendo ou não levar ao riso” (SANTOS, ANDRADE, p. 21). No que se refere ao conceito de crônica, Sá (1985) explicita que a crônica “[...] exige um conhecimento técnico, um manejo adequado da linguagem, uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade”. (p. 22).

Ainda, segundo Antonio (2006), o “[...] cronista tem liberdade de recorrer ao lirismo, ao paradoxo, às divagações filosóficas, à alegoria,

ou mesmo, ao efeito cômico, para captar *flashes* do cotidiano e, a partir deles, tecer seus comentários subjetivos (p. 73). Dessa forma, pode-se entender, a partir das definições abordadas, que “crônica e humor compartilham uma mesma temática – o homem e a sua vida cotidiana –, o que proporciona ao leitor a satisfação de pensar e, sobretudo, de rir da sua própria experiência”. (ANTÔNIO, 2006, p. 76).

Vale ressaltar que as crônicas selecionadas apresentam, em seus conteúdos, fatos do cotidiano que se relacionam com situações vividas pelas pessoas e pode tratar de diversos assuntos de forma cômica e irônica. Nas crônicas de Thalita Rebouças é possível observar a abordagem de alguns temas que se fazem semelhantes aos do cotidiano dos alunos, além do tom humorístico e da linguagem coloquial que a autora insere nos textos e que também se assemelha com a realidade de fala dos adolescentes. Isso faz com que o público leitor seja conquistado.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui relatada foi pensada após ser percebido certo desinteresse dos alunos, especialmente, da turma de 9º ano V01, pelo gosto à leitura. Dessa forma, depois de algumas conversas com o professor tutor, decidiu-se planejar uma aula com o propósito de incentivar os alunos a lerem. Nesse sentido, foram selecionadas crônicas humorísticas da referida escritora brasileira. A escolha do gênero citado foi devido aos alunos já conhecerem algo sobre ele, o que facilitou o processo de entendimento do texto. Além disso, as crônicas possuem um linguajar semelhante às falas dos adolescentes em seu cotidiano.

Para tanto, foram escolhidos os textos dos livros *Fala sério, Professor!* e *Fala sério, Amor!* Foram realizadas, previamente, as leituras dos textos com o objetivo de verificar o efeito de sentido humorístico que foi construído pela autora para melhor explicá-los aos alunos. Além disso, foram selecionados os descritores da Matriz de referência do PAEBES de Língua Portuguesa e, também, as competências e habilidades da BNCC que justificam a escolha dos descritores. Com base nisso, algumas perguntas interpretativas foram elaboradas, como exemplificadas nas figuras abaixo:

Figura 1: PAEBES, BNCC e ATIVIDADES.

Descritores do PAEBES	Competências da BNCC	Habilidades da BNCC	Atividades
D04 - Inferir uma informação implícita em um texto.	Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BNCC, 2017, p. 87)	Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas [...] quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias [...]. (BNCC, 2017, p. 187)	1) Quais as informações implícitas são possíveis de serem identificadas na crônica? 2) O que faz com que essas informações sejam reconhecidas no texto?

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 2: PAEBES, BNCC e ATIVIDADES.

Descritores do PAEBES	Competências da BNCC	Habilidades da BNCC	Atividades
D06 - Identificar o tema de um texto.	Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias. (BNCC, 2017, p.87)	Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção [...]. (BNCC, 2017, p. 155)	3) Qual o tema do texto lido? 4) Quais elementos auxiliaram na identificação desse tema? 5) O título revela claramente o tema do texto ou foi necessária a leitura completa da narrativa para sua identificação?

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 3: PAEBES, BNCC e ATIVIDADES.

Descritores do PAEBES	Competências da BNCC	Habilidades da BNCC	Atividades
D14 - Distinguir fato da opinião relativa a esse fato.	Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais. (BNCC, 2017, p. 87)	Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários [...]. (BNCC, 2017, p. 157)	6) Elenque algumas opiniões expressas pela personagem principal. 7) Relacione essas opiniões aos fatos do enredo que as motivaram. 8) Como foi possível identificar a opinião da personagem?

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 4: PAEBES, BNCC e ATIVIDADES.

Descritores do PAEBES	Competências da BNCC	Habilidades da BNCC	Atividades
D16 - Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.	Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias. (BNCC, 2017, p. 87)	Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia, eufemismo, antítese, aliteração, assonância, dentre outras. (BNCC, 2017, p. 191)	9) Identifique as partes que você julga como humorísticas nas crônicas lidas. 10) Por que você considera tais partes humorísticas? 11) Quais elementos contribuíram para a construção do efeito humorístico na narrativa? 12) O humor da crônica revela alguma crítica? Se sim, qual?

Fonte: elaborado pela autora.

Depois de tudo isso ser planejado, a regência foi dividida em 3 aulas de 55 minutos cada. As aulas estão descritas de acordo com o que foi ministrado em sala. Com base também no objetivo de trabalhar em grupos, na primeira aula, a turma foi separada em trios e duplas para que assim recebessem as crônicas a serem lidas, juntamente, com as perguntas que foram respondidas. Cada grupo ficou com uma

crônica de temática diferente e cada integrante do grupo ficou responsável de responder uma das questões que foram entregues, assim todos foram oportunizados para participarem da aula contribuindo cada qual com a sua resposta. Para que os alunos pudessem ler e responder as questões no caderno de produção de textos, foi estipulado um tempo de 30 minutos. Após o término da leitura e, assim que todos conseguiram fazer as suas anotações a respeito do texto, realizou-se a formação de um semicírculo para que a discussão dos textos fosse mais dinâmica. Este momento de discussões diz respeito já à segunda aula.

Após a discussão ser finalizada, com a utilização do quadro branco e pincel, foram feitas algumas anotações sobre o que os alunos responderam quando perguntado sobre qual gênero textual eles haviam lido e ainda sobre algumas de suas características. O mesmo foi feito quando foi falado a respeito do que seria um texto humorístico. Com a utilização do *datashow*, fizemos a explanação de alguns trechos das crônicas disponibilizadas, a fim de mostrar, no enredo, como a escritora construiu o efeito de sentido humorístico, bem como também se lembrou os elementos que compõem o gênero *crônica*.

Ainda na segunda aula, foi proposto um desafio aos alunos de produção de uma pequena crônica humorística com base no que foi ressaltado em sala. A tarefa ficou como atividade para casa. Na terceira aula, antes de ser realizado o momento destinado às leituras das produções feitas pelos alunos, houve uma breve retomada dos conteúdos vistos para aqueles que faltaram, como uma forma de colocá-los a par dos acontecimentos das aulas anteriores. Nessa abordagem, foi lida uma crônica humorística já trabalhada em sala com o objetivo de fazer anotações a respeito do gênero. Feito isso, os alunos que escreveram os textos foram oportunizados a lê-los com o propósito de incentivar a leitura e dar voz e vez aos estudantes. As crônicas foram recolhidas e analisadas com a finalidade de saber se os alunos conseguiram atingir o propósito de produção do gênero estudado. Os resultados foram os esperados.

Devido à importância concedida à leitura, durante as aulas houve o sorteio de alguns livros com o intuito de promover o hábito de ler. Entre os livros sorteados, estava um dos livros de crônica da escritora brasileira Paula Pimenta (*Apaixonada por histórias*) que possui

também, assim como a Thalita Rebouças, uma escrita acessível ao público jovem e adulto. A intenção do plano de aula desenvolvido, além do incentivo à leitura, foi também de promover o trabalho em equipe e de encorajar os alunos a fazerem as leituras orais de seus textos para a turma.

AValiação dos Resultados

Os alunos, a partir da prática descrita acima, foram avaliados conforme a observação da participação de todos, seja em grupo ou individualmente, ao dar voz aos alunos para discutirem sobre os textos e realizarem a leitura das suas produções. A participação e colaboração de cada aluno foram anotadas, bem como a leitura posterior dos textos. Percebeu-se que as crônicas humorísticas, assim como outros textos de humor, promovem um ambiente lúdico, descontraído, possibilitando o desenvolvimento da leitura por prazer. A leitura e análise de textos de humor permitem a reflexão e o debate de diferentes temáticas.

É relevante destacar que, segundo Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017), a **“leitura nunca deve ser associada a qualquer forma de castigo escolar ou punição por baixo aproveitamento escolar (...)”** (p. 44. Grifos meus). Nas séries finais do Ensino Fundamental, os alunos aprendem, ou pelo menos deveriam aprender, a dimensão prazerosa que a leitura proporciona. Destaca-se ainda que

[...] além de apenas ler, é importante ler e compreender profundamente o texto lido. Nossas intuições e aquilo que já sabemos sobre o mundo e sobre as coisas poderão nos guiar por uma jornada de descobertas [...] (FERRAREZI JR., CARVALHO, 2017, p. 46).

Desse modo, é possível pensar estratégias de incentivo à leitura para a formação de leitores críticos, relacionando os descritores do PAEBES e as competências e habilidades da BNCC. No entanto, faz-se necessário mais estudos voltados para este objetivo.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Andréia Simoni Luiz. **Mosaicos da memória: estudo da crônica humorística de Luís Fernando Veríssimo** – 2006 387 f.; Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

FERRAREZI JUNIOR, Celso; CARVALHO, Robson S. de. **De Alunos a Leitores: O ensino da leitura na educação básica**. São Paulo: Parábola, 2017. Série estratégias de ensino.

SÁ, J. de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, L. W. dos; ANDRADE, F. **Referenciação e humor no ensino de língua portuguesa**. São Cristóvão: Interdisciplinar, v. 31, jan.-jun., p. 11-24, 2019.

Práticas de Leitura em sala de aula: o uso de memes nas aulas de Língua Portuguesa

Andrieli Feu Dordenoni

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue destina-se aos professores de Língua Portuguesa (Letras, Linguística) que utilizam *memes* em sala de aula como recurso didático e pedagógico para desenvolver práticas de leitura, interpretação e produção textual em sala de aula. A experiência salienta a disciplina de Estágio Supervisionado I, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Campus Venda Nova do Imigrante. O presente relato evidencia-se pertinente por levar à escola o universo do alunado e os recursos digitais conhecidos pelos mesmos. Serão traçados aqui mecanismos de vinculação do objeto *meme*, as teorias da linguagem e as teorias do ensino e aprendizagem como dos Paulo Freire (1996) e Luiz Antônio Marcuschi (2008). A experiência data de 2019/2 e as aulas foram aplicadas na Instituição de ensino Profª Aldy Soares Merçon.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Instituição de ensino Profª. Aldy Soares Merçon é uma escola de ensino básico que funciona nos turnos matutino (7:00h ao 12:00), vespertino (12:30 às 17:30) e noturno (18:30 às 22:20) nas modalidades fundamental - anos finais, ensino médio e EJA. Para a aplicação da proposta aqui mencionada, optou-se por trabalhar com uma turma de 6º ano e duas turmas de 8º anos do Ensino Fundamental II. As turmas são compostas em média por 25 alunos e os mesmos, em sua maioria, apresentavam dificuldade em interpretar textos simples, dificuldade na produção textual (questões de ortografia, gramática) e pouco hábito de leitura.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para amparar o emprego dos *memes*, utilizou-se a teórica Lilian Porto (2018) que traça o histórico de tal gênero desde sua criação e os mecanismos linguísticos que devem ser acionados para compreender a produção de humor dos mesmos. A respeito da definição do referido gênero, a autora diz que “os memes são itens culturais que possuem três dimensões que as pessoas podem imitar: conteúdo, forma e posicionamento” (PORTO, 2018. p. 25). E a respeito do processo de compreensão dos mesmos, Porto diz:

A análise do processamento textual de memes foi essencial para que se pudesse compreender como os sistemas de conhecimentos eram mobilizados e de que forma as estratégias cognitivas e textuais atuavam durante o processo de construção de sentidos de tais textos”. (PORTO, 2018. p. 178).

Utilizou-se ainda a teoria de linguagem em discurso e a teoria dos multiletramentos de Roxane Rojo (2008), que evidencia a necessidade de reorganização e revisão do que se enquadra efetivamente no termo “letramento” após a globalização, como é possível evidenciar no seguinte trecho:

Podemos dizer que, efeito da globalização, o mundo mudou muito nas últimas duas décadas. Em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação. (ROJO, 2008. p.583).

A fim de complementar a utilização do gênero e suas aplicações, empregamos também a teoria de Marcuschi (2008) sobre as relações entre a produção textual, análise dos gêneros e compreensão dos mesmos. Sobre a definição de gênero textual o autor comenta:

Entende-se por Gêneros Textuais entidades de natureza sociocultural que materializam a língua em situações comunicativas diversas. É um campo de estudo que tem recebido uma maior atenção nos últimos anos, devido à percepção de sua relevância para o ensino de língua portuguesa e funcionalidade na vida cotidiana, nas incontáveis áreas que esta abrange. (MARCUSCHI, 2008. p.01).

Por fim, a despeito das teorias de ensino e aprendizagem e a reestruturação de conteúdos, optou-se pelo uso de Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996):

São conteúdos que, extrapolando os já cristalizados pela prática escolar, o educador progressista, principalmente, não pode prescindir para o exercício da pedagogia da autonomia aqui proposta. Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. (FREIRE, 1996. p.07).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui apresentada é uma das três demandas básicas das diretrizes do Estágio Supervisionado I. São elas: Observação, coparticipação e docência compartilhada. O trabalho com memes tratou-se de uma percepção com relação à situação do alunado: desmotivados, cansados devido à aproximação do fim do ano letivo, com muitas tarefas tradicionais para darem conta e uma necessidade enorme de serem incentivados. A partir desse panorama, foi possível desenvolver uma aula diferente e “leve”.

Os objetivos das aulas eram fazer com que os estudantes aprendessem sobre a construção de sentido nos memes, relacionando os mesmos a seus respectivos efeitos de humor; incentivando a produção de textos pelo alunado em gêneros diversos, uma vez que, suas produções eram dotadas de problemas gramaticais e ortográficos graves, e somente o *continuum* de produções seria capaz de auxiliar na melhoria das mesmas e promover a criticidade a partir de um objeto do cotidiano dos estudantes. Assim a identificação tornou a aula mais fluida e participativa a fim de tentarmos promover a criatividade dos estudantes a partir da criação dos memes.

A princípio, a aula foi expositiva e dialogada, ministrada na sala de aula, com a utilização do *datashow* para apresentação dos memes. Nesse momento, os alunos foram instigados a explicar oralmente como compreendiam o meme proposto e porque o achavam engraçado. A proposta fez com que todos desejassem participar e interagir, o que tornou a aula mais produtiva.

Em seguida, foi promovido o diálogo com os estudantes sobre a produção de sentido dos memes e como percebiam suas críticas intrínsecas. Nesse momento, foram ensinadas chaves de leitura para que os estudantes compreendessem determinados memes.

Por fim, propusemos a produção de seus próprios textos, a partir de imagens previamente selecionadas e entregues impressas. Nesse ponto, a criatividade dos alunos foi colocada em prática. A princípio, pedimos que cada estudante escrevesse o texto de cinco memes, a

partir de cinco imagens diferentes entregues a eles, mas, para surpresa, todos produziram muito mais que o exigido. As frases não utilizadas em seus trabalhos ficaram guardadas no caderno de Língua Portuguesa.

Na segunda aula, propôs-se a produção de uma redação a respeito de uma situação que viveram e que os *memes* os faziam lembrar e identificar. As produções tanto dos *memes* quanto da redação foram avaliadas e adicionadas ao portfólio, cuja avaliação final data o fim do trimestre. As exposições e pontuações dos alunos em sala também foram avaliadas.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir da prática exposta acima, foi possível notar um empenho maior e mais categórico dos alunos nas produções. Isso pode ser compreendido a partir do viés Freiriano, que afirma o trabalho com os conteúdos programáticos a partir do universo do alunado e assim, uma vez que se tratava de um assunto do cotidiano de todos os estudantes, os resultados foram melhores que o esperado. Os alunos foram capazes de compreender ainda os mecanismos de produção do humor e que os mesmos necessitam do conhecimento de mundo, ou seja, o conhecimento prévio de cada um para que a interpretação dos *memes* fosse efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente relato de experiência, articulando o objeto *meme*, às teorias de multiletramentos (Rojo, 2008), à produção de humor (Porto, 2018), de gênero (Marcuschi, 2008) e ao ensino aprendizagem (Freire, 1996), foi possível evidenciar a efetividade das estratégias de ensino aqui propostas, uma vez que, há a necessidade do alunado perceber o que aprende na escola em seu cotidiano. Apesar de simples, a prática aqui descrita envolveu todos os alunos, incluindo aqueles com algum tipo de deficiência, que, em outras situações, ficavam à margem nas atividades. Em especial, cito aqui a interação promovida a partir do tema com duas alunas que apresentam deficiência intelectual, que, de modo geral, não participam e ficam limitadas a suas apostilas específicas; as alunas

deram exemplos, riram e participaram de forma ativa como os demais alunos da sala. Por fim, deixo aqui minha impressão emocionada do que me pareceu, de fato, objetivo da inclusão: tornar um conteúdo acessível a todos os públicos, independente de suas condições e necessidades específicas.

REFERÊNCIAS

- VICENTINI, Luiza; ZANARDI, Juliene Kely. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. **Palimpsesto**. Rio de Janeiro. N. 21, Jul.-dez. p. 329-339. 2015.
- ROJO, Roxane. O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em Dis(curso)**. LemD, v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008.
- PORTO, Lilian Mara Dal Cin. **Memes: Construção de sentidos e efeito de humor**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Café com Memórias: uma viagem para apreciarmos sem moderação as histórias

Angelita Piveta de Almeida

APRESENTAÇÃO

O relato aqui apresentado abordará a experiência da estagiária de Letras-Português, do Ifes - Venda Nova do Imigrante que realizou o projeto “Café com Memórias”, cujo objetivo foi resgatar as memórias a partir dos textos escritos pelos alunos na 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa no presente ano e apresentar em forma de ilustração, teatro e música na instituição de ensino na qual a mesma faz o Estágio Supervisionado I.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Victório Bravim está localizada na Rua Projetada, nº 01 em Araguaya, no Município de Marechal Floriano, Espírito Santo, em uma colina rodeada pela mata atlântica e com clima ameno, onde só se ouve o canto dos pássaros e o murmurar dos discentes que totalizam 313 no Ensino Fundamental II e Médio, conforme o Censo Escolar de 2018. Esse relato será apresentado para a disciplina do Estágio Supervisionado I, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, sob a Supervisão da professora Selma Lúcia de Assis Pereira, do Instituto Federal do Espírito Santo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para embasar e auxiliar na execução do projeto, foram utilizados os livros didáticos *Projeto Telaris*, dos sétimo e oitavo anos de Ana Borgatto, Teresinha Bertin e Vera Marchezi (2015), e também algumas imagens impressas do tema abordado, como itens que relembram as memórias relacionadas ao olfato, audição e visão (frasco de perfume cheio, um

aparelho celular com música instrumental de Natal e posteriormente uma imagem da obra da brasileira Tarsila do Amaral “Abaporu”).

Concordamos com Marcuschi (2005, p. 19), quando diz que “[...] os gêneros textuais são como entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa. Assim, os gêneros surgem como formas da comunicação, atendendo a necessidades de expressão do ser humano [...]”. Nesse sentido, também os PCNs (1998, p. 74) apontam que “[...] a leitura do texto literário expande sua capacidade de se expressar através da leitura em voz alta (principalmente na declamação de poemas), prática defendida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais”.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Promover o desenvolvimento da capacidade de expressão a partir das representações artísticas.

A experiência da docência aconteceu a partir de um diálogo com a professora regente do estágio, pois a mesma trabalhou o gênero *memórias* com os alunos há pouco tempo, devido à Olimpíada de Língua Portuguesa “lugar onde vivo”. Então montamos um minirroteiro e, por iniciativa da estagiária, o projeto foi escrito, esmiuçado e, posteriormente, apresentado ao corpo pedagógico para possível aprovação e, conseqüentemente, a execução em ambiente escolar, com a participação de todos(as) alunos(as) e os docentes da área de linguagens da escola.

AValiação DOS RESULTADOS

Por meio do projeto, os discentes puderam expor suas habilidades através de suas produções, executá-las de forma responsável e quebrando paradigmas. O evento propiciou maior envolvimento com a escola, colegas e estagiária, permitindo laços afetivos que serão levados a diante, para além dos portões da Instituição. Os alunos tiveram a oportunidade de criar, recriar, viver e reviver as memórias através das apresentações artísticas e culturais. Tiveram contato com escritores e dialogaram com os mesmos sobre como escrever, quando e para quem escrever, quais metodologias empregadas, etc. Observaram também que é possível a

interdisciplinaridade acontecer no âmbito escolar, pois se a maioria tiver foco e disposição para enfrentar os desafios encontrados no percurso, o objetivo será alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ser concluído de forma satisfatória, o projeto atingiu os objetivos estabelecidos anteriormente, uma vez que ocorreu o envolvimento de toda a escola e a interação entre as turmas. A disponibilidade de agregar valor ao projeto por parte dos docentes da área de linguagens foi maravilhosa e vivenciamos algo diferente, prazeroso e incentivador por ambas as partes envolvidas.

Vale ressaltar que, apesar de alguns desencontros que ocorreram no percurso da realização desse projeto de tamanha relevância, tudo caminhou conforme planejado e foi de grande valia conviver no espaço escolar com uma diversidade multiculturalista, onde os costumes, as crenças, a cultura, enfim, uma infinidade de valores interage e almeja o mesmo objetivo.

As oficinas, o teatro, as produções, as caricaturas, os depoimentos, as músicas, tudo e todos(as), de forma direta ou indireta, contribuíram para o enriquecimento mútuo e agregaram um valor inestimável às nossas memórias. Reitero a importância de se desenvolver, incentivar, resgatar e valorizar o espaço onde viveram e as memórias dos nossos antepassados que muito contribuíram para a nossa formação quanto cidadão, inserido em um local onde a cultura europeia é forte e onde residem famílias que apreciam um bom café acompanhado de uma prosa de relatos das memórias, muitas delas trazidas do outro lado do oceano para o nosso país, sendo elas de valor afetivo ou não. Concluo minhas colocações com o saudoso Fernando Pessoa ao proferir que “A memória é a consciência inserida no tempo”.

REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Ser professor: as experiências humanizadoras proporcionadas pelo Estágio Supervisionado I

Bruna Lima de Bairros
Thaís Gregorio Xavier

APRESENTAÇÃO

Este relato de experiência destina-se àqueles professores de Língua Portuguesa que têm por intenção utilizar as temáticas de “Consciência Negra e Racismo” em suas aulas como recurso para o desenvolvimento social e cultural dos educandos. A pertinência de tal relato se pauta, então, na necessidade de se problematizar e refletir acerca da sociedade atual e as diversas formas de preconceito existentes e perpetuadas todos os dias. Articulado às teorias de Munanga e Gomes (2006), além de nos pautar nas leis 11.645/2008 e 10.639/2003, relataremos as experiências de ensino vivenciadas por meio da disciplina Estágio Supervisionado I – Anos Finais do Ensino Fundamental, ministrada pela professora Selma Lúcia de Assis Pereira, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante. Acredita-se que seja de extrema urgência trazer para o cotidiano dos alunos a criticidade, bem como a promoção de reflexão perante à sociedade vigente, fato reiterado ao longo desse relato.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim situa-se na rua La Ville, nº 134, Bairro 30 de Dezembro. A instituição atende, no período matutino, o total de 324 alunos matriculados e 22 professores regentes. A referida escola é composta por 12 salas de aula, 01 sala de informática - são 13 computadores no total, mas, infelizmente, nem todos funcionam -, 01 sala de vídeo, 01 quadra e 01 pátio externo. Além dessas dependências, há as salas de professores, da pedagoga, de planejamento, de coordenação, de AEE e a secretaria. Há banheiros femininos e masculinos nos dois andares da escola.

As turmas, em sua maioria, possuem de 30 a 35 alunos e são formadas por alunos entre 14 e 18 anos. Nesse sentido, as turmas em foco para este relato de experiência se constituem pelos oitavos anos, regidos pela gestão da professora de Língua Portuguesa Lubieska Prueza. Preliminarmente, percebe-se a carência dos alunos em se tratando de novas práticas pedagógicas que visem sua participação iminente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A título de embasar os conhecimentos aqui propostos, utilizamos os conceitos de Munanga e Gomes (2006) acerca da diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Além disso, como já é de praxe, utilizamos a Lei 11.645/2008 - a qual versa sobre a inclusão no currículo da rede de ensino a temática da História e cultura afro-brasileira e indígena - e a Lei 10.639/2003 - que determina o dia 20 de novembro como o dia da Consciência Negra.

Para os autores, o termo raça é, de certa forma, contraditório, uma vez que pode ser usado em diferentes possibilidades de comunicação e, dependendo da forma como é usado, pode evidenciar um complexo campo de relações, as quais são estabelecidas entre os povos negros e os brancos.

Tal conceito pode abarcar uma significação no campo das ciências naturais, pois define as classes dos animais que possuem uma origem comum com aspectos e potencialidades físicas específicas ao seu parentesco. A partir dessa perspectiva, durante a II Grande Guerra, o nazismo e seus adeptos denotaram um sentido biológico ao vocábulo, a fim de justificar a ideia de que a raça branca e ariana seria superior aos outros grupos, o que culminou na segregação e na morte de milhares de pessoas.

Todavia, o Movimento Negro, atualmente, faz uso dessa sentença como forma de evidenciar suas características, isto é, rejeita-se tal conceito de supremacia e relaciona-se ao fato de reconhecer a diferença entre os grupos sociais, sem a atribuição de qualidades positivas ou negativas. Nesse sentido, por meio da apropriação do termo, o Movimento Negro tenta denunciar o racismo, uma vez que alerta acerca das desigualdades sociais enfrentadas pela população negra no Brasil. Portanto, dependendo da situação e da forma como

se diz, a palavra pode ser negativa e conter ideias racistas, porém também pode servir para o autoconhecimento e compreensão da própria história.

As diferenças, portanto, são construções sociais, políticas, culturais e econômicas; tudo isso reafirma e perpetua os valores aos quais estamos submetidos quando se trata das relações de poder. Dessa maneira, a diversidade está em todos os âmbitos sociais, logo, a questão racial está inserida neste grande tema.

O termo “etnia”, nesse sentido, é considerado mais adequado por alguns estudiosos, pois seu sentido não abarca a questão biológica que é atribuída à raça. Tal uso se firmou, pois abrange a diversidade dos povos, sejam estes judeus, índios, negros, etc. Essa nomenclatura visa ratificar o pertencimento ancestral e étnico-racial do povo negro.

Todavia, a questão maior não é a de delimitação das expressões que devem ser usadas. Ambas – raça e etnia – devem, pois, ser consideradas de forma igual, logo que essa complexidade de definição é o que representa e legitima a identidade do negro brasileiro.

O racismo, nesse sentido, é fruto da aversão bem como do ódio àquelas pessoas que não pertencem, racialmente falando, ao padrão estabelecido. Tal padrão se constitui por sinais como a cor da pele, o tipo do cabelo, o formato do olho, do nariz, etc. Deste modo, as atitudes racistas resultam da crença de uma supremacia racial, na qual há a imposição de apenas uma das raças como a perfeita. Esses aspectos foram evidenciados pelas teorias raciais, no século XIX, por exemplo, o que levou à exclusão, à discriminação racial e ao extermínio em massa.

Assim sendo, tem-se a expressão de duas formas as quais estão interligadas: a individual e a institucional. A primeira é manifestada por atos discriminatórios de um indivíduo contra outros. Níveis extremos podem ser atingidos, tais como a violência, agressões, destruição de bens e propriedades e, muitas vezes, assassinatos.

Já a forma institucional pressupõe práticas discriminatórias sistemáticas, as quais podem ser fomentadas pelo Estado. Sua manifestação se dá por meio de isolamento da população negra em alguns bairros, – são exemplos disso as periferias – em escolas e em empregos, assim como o genocídio, a limpeza étnica e a tortura.

Há a recorrente confusão entre os conceitos de “racismo” e “etnocentrismo”, todavia o segundo aponta para o sentimento de superioridade que uma determinada cultura pode exercer sobre as

outras. Acredita-se, portanto, que os valores, os princípios, as convicções e a moral devem ser considerados absolutos e fundamentais, o que generaliza as concepções culturais de cada povo.

O etnocentrismo está, de fato, imbricado na sociedade e, por causa disso, torna-se laborioso controlar e até mesmo erradicar tal problema. Este conceito é o caminho para o racismo, visto aqui como o ato, a ação. O etnocentrismo é o pensamento, a ideia. Já o racismo é a aplicação dessas ideias em atitudes discriminatórias, pois a partir do momento em que há a perpetuação da prática racista, esta já se constitui e classifica como tal.

O preconceito é efeito de um pré-julgamento que os membros de um grupo social têm em relação a uma raça, uma etnia, uma religião. Tal julgamento prevê como aspecto principal a inflexibilidade de idéias; há o tendenciamento à manutenção de um ideal, mesmo que haja fatos e dados contestadores dessas proposições.

A incidência do preconceito racial no Brasil ratifica a existência de todo um sistema social, político, cultural e econômico racista que, cada vez mais, perpetua e produz as desigualdades raciais presentes dentro da sociedade brasileira. O preconceito racial é, portanto, fruto do racismo o qual acredita numa supremacia racial, sendo esta a fonte principal e provedora do preconceito em relação às raças.

Dessa maneira, há, visualmente, a semelhança entre a discriminação e o preconceito, uma vez que ambos têm por ideia central a promoção de atitudes e sentimentos negativos de um grupo em relação a outro. Todavia, define-se o verbo “discriminar” como o ato de distinguir, diferenciar e discernir, nesse sentido, a discriminação racial se constitui da prática do racismo bem como a efetivação do preconceito racial.

Vale ressaltar que a diferença entre esses dois aspectos se dá da seguinte forma: a discriminação racial é a ação de uma pessoa contra outra pessoa, já o preconceito se constitui da base das ideias, em outras palavras, o preconceito é o que leva à discriminação, que é, portanto, o ato em si, motivado pelo preconceito.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Quando adentramos nesse processo de estágio, não imaginávamos que pequenas coisas no âmbito escolar iriam

enriquecer tanto nosso ser na docente. Antes de iniciar a regência, conversamos com a professora tutora, Lubieska Prueza, a fim de saber qual tema ela nos indicaria para abordar nas turmas de oitavos anos. Feito isso, tivemos em mãos uma lista com variados temas e dois nos chamaram atenção, sendo eles: Consciência Negra e Música. Estávamos com receio de pegar as duas turmas de oitavo ano (8º Mo1 e 8º Mo2), por se tratar de duas turmas consideradas as mais falantes e bagunceiras da escola regente, mas para a nossa admiração as duas turmas ao longo das aulas, abraçaram a ideia, participaram e o resultado foi alcançado com base no nosso objetivo.

Para abordar melhor os temas, fizemos um planejamento que gerou no seu produto final 5 aulas, sobre o que foi pedido. A primeira aula abordou a teoria, dialogando com uma música (Canção Infantil – Cesar Mc part. Cristal), sobre preconceito e racismo. A segunda aula foi pensada com o diálogo do tema (consciência negra) com poema cantado e nessa aula mostramos vídeos de *slam* e debatemos um pouco sobre a percepção dos discentes sobre o que foi visto. Ainda nessa aula, falamos da atividade que eles iriam produzir. Na terceira aula, convidamos Filipe Souza, um poeta do Estado que participa de competições de poemas pelo país e depois da apresentação, ele explicou como seria a produção criativa dele para escrever as poesias e dar dicas para a produção dos alunos. Como os alunos tiveram bastantes dúvidas sobre como escrever e o que escrever, a quarta aula foi para a produção dos poemas e, por fim, a última aula foi dedicada à apresentação das poesias.

No primeiro encontro, pensamos em uma aula interativa: fizemos quatro perguntas e, ao longo de cada questionamento, pedíamos que os alunos comentassem o que sabiam e se não sabiam, o que pensavam sobre o assunto. As perguntas foram: O que é preconceito? O que é racismo? O que é consciência negra? Por que comemoramos essa data? Eles começaram a falar, e para nossa surpresa, muitos não sabiam diferenciar bullying de racismo ou preconceito de discriminação. Alguns não sabiam o que era preconceito, e com base nas indagações dos estudantes, mediamos a conversa e, aos poucos, fomos tirando suas dúvidas. Colocamos no quadro as palavras-chave que eles iam falando: pré-conceito, bullying, preconceito, discriminação, racismo, raça, cultura, cor, dentre outras. Em seguida, distribuímos uma folha para um com a letra da música Canção Infantil

e, após ouvirem, debatemos sobre os temas que a música tratava. Com base na conversa que tivemos houve esclarecimento de vários pontos e dúvidas em outros.

Na outra semana, na segunda aula, levamos os alunos para a sala de vídeo e mostramos alguns exemplos de poesia cantada. Alguns vídeos mostrados foram tirados de competições de rua (*slam*). A proposta aqui, era para os alunos trazerem o tema para mais perto da realidade e pensarem na produção que teriam que fazer como atividade para a conclusão do tema. Após a exibição dos exemplos, tiramos dúvidas e falamos sobre os temas que os vídeos tratavam, lembrando sempre sobre racismo, consciência negra, preconceito etc. Na sequência, falamos sobre a presença de um poeta que viria na próxima semana e, obviamente, todos ficaram muito empolgados. Nesse dia, foram adicionadas mais palavras-chave ao longo da conversa sobre o tema tais como: colorismo, embranquecimento da sociedade, período da escravidão, cabelo afro, religião e vários outros. É importante destacar a vontade dos alunos de falar sobre o tema, a vontade de participação e os comentários produtivos sobre a vida pessoal de cada um e os meios de combate que os eles próprios explicitaram ao longo da conversa.

A apresentação do Filipe foi pensada para os alunos se sentirem mais à vontade para escrever e terem ideias sobre os temas, com base em tudo que foi refletido até aquele momento, além de ser um momento diferenciado nas aulas e uma novidade para os alunos. Filipe, em sua apresentação, contou um pouco da sua história escrevendo poemas, declamou duas produções nas turmas e tentou interagir com os alunos, os quais ficaram curiosos e atentos sobre cada fala do poeta. A aula foi produtiva pois, a partir dela, as turmas entenderam como fazer um poema e deram inspiração para a escrita.

Na penúltima aula, quarto dia e o dia de produção, os alunos sentaram-se em grupos e começaram a rascunhar poemas sobre o tema que foi tratado até então, e, com nosso auxílio, produziram poemas que nos causaram reflexão e, ao mesmo tempo, uma satisfação imensa por observar o engajamento de criação que cada aluno teve de colocar cada palavra que formava o texto deles. Quando estávamos orientando os grupos separadamente, percebemos que a maioria das dúvidas que eles tiveram ao longo das aulas foram

sanadas, porque ao longo dos versos dos poemas eles explicaram algumas das palavras-chave utilizadas nas aulas.

Finalmente, a produção. Na última aula, os alunos estavam empolgados e ansiosos para mostrar suas produções. Organizamos a sala em roda e os grupos que se sentiram confortáveis para apresentar foram para frente da sala e declaram seus poemas. Nos emocionamos com as poesias, pois elas tinham um teor reflexivo e todos demonstraram entendimento de tudo que falamos até então. Recebemos cada texto separado em uma folha para avaliarmos tanto a escrita quanto o tema, se fizeram ou não, de acordo com o que foi pedido para assim conseguirmos avaliar.

Concluindo, o período de regência no estágio foi um caminho árduo, difícil e teve suas barreiras para serem enfrentadas. Entramos em duas turmas que achávamos que seria impossível dar aulas pela conversação e desrespeito, porém nos surpreendemos com o *feedback* que ambas as turmas nos deram. Houve participação, cooperação e, no final, todos produziram excelentes textos. Com isso, percebemos que é possível criar vínculos entre os alunos e as matérias por mais que sejam delicadas. A satisfação que tivemos em relação a nossa dedicação mostrou que vale a pena trilhar esse caminho na docência.

Intenta-se, por meio dessa sequência de atividades, a reflexão acerca do racismo na sociedade brasileira bem como a importância da Consciência Negra, a identificação e reconhecimento das formas de preconceito na sociedade, a criação de hipóteses, a partir dos exemplos usados em sala de aula, para o combate ao racismo no cotidiano e, essencialmente, desenvolver a criticidade em relação aos padrões sociais vigentes.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

De acordo com Pimenta e Lima (2012, p. 132):

o professor no espaço do estágio tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito que não apenas reproduz o conhecimento, mas também pode tornar seu próprio trabalho de sala de aula em um espaço de práxis docente e de transformação humana. *É na ação refletida e no redimensionamento de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade.* (grifos nossos)

Pautando-se nessa perspectiva da formação de agentes de mudança social, percebemos a demasiada necessidade dos alunos no contato com o novo, posto que cansados das aulas cotidianas nas quais se usa de forma enfadonha o livro didático, excluindo a proposição de atividades diversificadas e lúdicas, os discentes têm sua singularidade e originalidade deslegitimadas, o que contribui para a mecanização dos saberes.

Desde o começo, o medo nos deixou receosas, contudo, tal sentimento nunca foi motivo de estagnação. Nunca nos paralisamos frente às adversidades; muito pelo contrário, o medo foi o combustível gerador de nossas motivações e os resultados obtidos – principalmente o retorno dos alunos e da professora tutora – foram demasiadamente satisfatórios. Citando um de nossos alunos: “nunca é um adeus. Sempre é um até logo”. Dizemos “até logo” para aqueles que cruzaram nosso caminho até aqui trilhado, pois um novo começo nos chama e, nós, como seres inacabados que somos, aguardamos nosso novo destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas palavras de Pimenta e Lima (2012, p. 131): “O homem precisa *reaprender a pensar*. Entretanto, o simples exercício de reflexão não é garantia de salvação dos cursos de formação de professores, pois a reflexão não é um processo mecânico”. É por esse motivo, então, que sua compreensão se dá por meio de uma perspectiva histórica e coletiva, uma vez que é realizada a partir da autoanálise acerca das práticas adotadas em sala de aula.

O estágio, nesse sentido, é uma experiência enriquecedora, principalmente, no que tange à (re)formulação das práticas e métodos dos futuros professores. Percebe-se a iminente necessidade de tal disciplina para a constituição de um profissional qualificado para as diversas situações cotidianas.

A escola é lugar do novo, do amplo, do diverso, de reflexão, de promoção dos direitos e da consciência de mundo, da autonomia. Nesse sentido, é imprescindível que, neste ambiente, seja adotada uma visão que contemple os alunos e alunas, possibilitando a compreensão das implicações sociais, éticas, econômicas, políticas e ideológicas. A escola não deve funcionar como uma transmissora de

ideias liberalistas, muito menos conservadoras e tradicionais. Ela deve promover o debate, não deve privar o aluno de pensar por si mesmo. A título de considerações, fazemos nossas as palavras de Rubem Alves (2011, *online*):

Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas. Escolas-gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Seu dono pode levá-los aonde quiser. Deixaram de ser pássaros, pois a essência dos pássaros é o voo. Escolas-asas não amam pássaros engaiolados. Amam os pássaros em voo. Ensinar o voo não podem, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo só pode ser encorajado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou asas?** O voo, signo da liberdade, só pode ser encorajado. 2011. Disponível em: <<https://www.revistaeducacao.com.br/gaiolas-ou-asas/>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

BRASIL. **Lei 11.645**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>.

Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. **Lei 10.639**. Brasília, 09 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

CESAR MC - Canção Infantil part. Cristal. Vitória: PineappleStorm Records, 2019. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2Xo>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

KLEIN, Ana Maria; NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; GALINDO, Monica Abrantes (Org.). **Cultura Afro-brasileira e Racismo: Reflexões e práticas a partir dos direitos humanos, literatura e questões de gênero**. Curitiba: Appris, 2017.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006. (p. 171-197)

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

Humor nos gêneros textuais

Carla Tedesco Barboza

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Carla Tedesco Barboza, realizei o estágio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof^a Aldy Soares Merçon Vargas localizada na cidade de Conceição do Castelo – ES. Meu estágio aconteceu durante toda a semana (segunda a sexta-feira), sob orientação da professora da disciplina de Estágio Supervisionado I, Selma Lúcia de Assis Pereira, juntamente com a professora tutora Thais Bueno e também sob a supervisão da pedagoga do turno matutino Beatriz Driusso.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora “Aldy Soares Merçon Vargas” localiza-se na Praça da Matriz, nº 9, Centro, Conceição do Castelo, Espírito Santo. A diretora é Rita de Cássia Bortolini Ayres Dassie. A escola possui 620 alunos, sendo 405 no matutino e 235 no vespertino.

Minha experiência teve início no dia 19 de agosto de 2019, observando e analisando duas turmas de 9º ano e uma turma de 8º ano, todas do turno matutino, com o objetivo de conhecer a realidade e particularidades de cada turma, de cada aluno e também me inserir nessa nova realidade que é a sala de aula.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Pimenta e Silva (2006, p. 06):

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.

Desse modo, faz-se necessária a participação efetiva do licenciando nas práticas educativas do Estágio Supervisionado, uma

vez que será de grande importância em sua formação e interação com a realidade vivida em sala de aula.

Percebi, diante disso, tudo o quão grande é o desafio do docente perante a todas essas particularidades. Como citam Pimenta e Lima (2006), na obra *Estágio e docência: diferentes concepções*: “(...) na prática a teoria é outra”. E realmente é isso que acontece e, mesmo que o professor seja extremamente competente e capacitado, “(...) as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas os quais se defrontam.” (PIMENTA, LIMA. 2006 p.06).

Mesmo com os diversos desafios da escola, ainda existem profissionais que estão dispostos a lutar pela educação e isso é o que nos encoraja e nos motiva a querer essa troca, querer ser esse profissional que vai fazer a diferença na vida desses alunos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A docência compartilhada se deu do meio para o final desse período do curso, e agora a tão esperada regência. Planejei minha aula por alguns dias, solicitando o auxílio da professora tutora para que eu pudesse levar algo que os alunos entendessem e que fosse contribuir de alguma forma para a vida deles.

Juntamente com o auxílio da Thais, professora tutora, ministrei a aula nas duas turmas de 9º ano que acompanhei. A aula teve como tema “Humor nos Gêneros Textuais”. Apliquei a mesma aula nas duas turmas e as aulas renderam de formas diferentes. Em uma turma houve mais interação, na outra nem tanto, mas todos os alunos conseguiram concluir a proposta de atividade que lhes apresentei. Ressalto que os objetivos foram alcançados em 90%, quando tive os resultados da produção em mãos. Alguns alunos entenderam de forma muito clara e objetiva o que foi pedido, porém, outros não conseguiram introduzir o humor na atividade; outros não entenderam o gênero e somente introduziram o tema.

Pensamos, inicialmente, em atribuir uma nota para que se valorizasse a produção e o trabalho dos alunos. Percebemos, eu e a professora, que, mesmo os alunos não atendendo a todos os requisitos da avaliação, eles se empenharam para produzir algo bom, bonito e que nos agradasse. Foram diversas produções muito interessantes e bem pensadas. Gostaria de ter tido mais tempo para

dar o *feedback* aos alunos e talvez até dar a chance a eles de melhorar e entender a deficiência de cada resultado – mesmo perguntando a todo tempo se todos entenderam a proposta da atividade, alguns alunos não compreenderam o que havia sido pedido e isso influenciou na nota que a professora atribuiu a essa atividade.

AValiação DOS RESULTADOS

O resultado, de modo geral, foi bem gratificante para mim. Apesar de ter ficado entristecida com alguns outros resultados, o sentimento é de que a missão não foi concluída com o êxito esperado. Mas entendo que nem sempre todos vão alcançar 100% e a nossa função é trabalhar de forma mais assídua para ajudar esses que não alcançaram os objetivos.

Estar mediando uma aula, lidando diretamente com os alunos é uma experiência quase inexplicável, pois é só na prática que essa sensação se explica. Atividades rotineiras como tirar dúvidas, sugerir raciocínios que eles poderiam seguir para realizar a atividade proposta, são tarefas gratificantes. É bom observar o brilho nos olhos quando te perguntam “professora, tá bom assim?” e quando a resposta é sim, aquele sorriso de “eu consegui!”. Tudo isso me mostrou o quanto valeu a pena planejar, aplicar e vivenciar aquela aula com aqueles alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta etapa, sou imensamente grata à professora orientadora Selma Lúcia de Assis Pereira por ter-nos dado a base para a realização desse estágio, por todo conhecimento que nos foi oferecido e por todas as orientações nos momentos de desespero (que não foram poucos). Sou grata também à professora tutora Thais, que me acolheu com todo carinho em suas aulas, que me possibilitou estar com aqueles seres humanos pequenos em tamanho, mas grandes em amor e carinho, que me orientou, auxiliou e esteve comigo dando todo suporte necessário para que tudo acontecesse da melhor forma todos os dias. Gratidão também à Escola Aldy Soares, ao corpo docente e aos funcionários que sempre demonstraram muito cuidado e carinho em cada ‘bom dia’ recebido pelos corredores.

Encerro essa etapa do Estágio Supervisionado I, com o coração cheio de alegria e gratidão por todos os momentos de aprendizagem não só no IFES, na disciplina de estágio, mas também na escola junto aos alunos, e junto à professora e demais funcionários da escola.

Como cita Rubem Alves (2000, p.133),

Aprender é uma das coisas mais bonitas, mais gostosas da vida. Acontece em qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer lugar. Ajudar as pessoas a descobrir esse prazer, a ‘degustar’ o sabor dessa iguaria é ascender às mais altas esferas da atuação humana. A escola existe para estimular a ‘gula’ pelas delícias de poder saber..., pois ‘a capacidade de sentir prazer não é um dom natural. Precisa ser aprendida.

REFERÊNCIA

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. São Paulo: Revista Poésis -Volume 3, 2006

Experiência em sala – um aprendizado sobre o uso da carta nos dias atuais

Débora Rocha Polli

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue, destina-se aos professores de Língua Portuguesa que utilizam em sua didática o uso de recursos considerados “antigos”, mas que ainda existem, mesmo que seja de outros modos. Então, tem-se como principal objetivo apresentar o uso da *carta* nos dias atuais, para os alunos de 7º e 8º ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Pedreiras” (EEEFM “Pedreiras”). Por mais que o gênero tenha saído de uso nos dias atuais, é importante que os estudantes conheçam, já que existe um recurso, usado por eles, que é bastante comparável a tal, que é o *e-mail*. Para a aula, foram utilizados os teóricos de Marcuschi (2008) e de Teixeira (2011).

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Pedreiras” é uma unidade que atende a estudantes de 5º ano até a 3ª série do Ensino Médio, localizada na Rua Peterle, número 16, em Pedra Azul, bairro de Domingos Martins, no Espírito Santo. O presente relato diz respeito à regência realizada nessa unidade, como uma obrigatoriedade para a disciplina de Estágio Supervisionado. O trabalho foi realizado na aula de Língua Portuguesa, nas turmas de 7º ano I e II, além do 8º ano, no segundo semestre de 2019, supervisionado pela professora mestre Priscila Guimarães Pinto e pela pedagoga do turno vespertino Sônia Aparecida Modolo Reis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar a regência aqui apresentada, foram utilizados os estudos dos teóricos Marcuschi (2008) e Teixeira (2011). Primeiramente, é importante que os estudantes conheçam o que são

gêneros textuais e qual a importância deles em nosso meio, por isso a utilização dos estudos de Marcuschi (2008), no livro *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. Para exemplificar o porquê de se ensinar o gênero *carta*, e qual sua importância, mesmo que não seja mais utilizada por todos, o autor diz que

A razão é simples, pois desenvolver um texto escrito é fazer as vezes do falante e do ouvinte simuladamente. Mesmo que o texto escrito desenvolva um uso linguístico interativo não do tipo comunicação face a face, deve, contudo, preservar os papéis que cabem ao escritor e ao leitor para cumprir sua função, sob pena de não ser comunicativo. (MARCUSCHI, 2008, p. 53)

Esse é exatamente o papel da carta: uma comunicação entre duas ou mais pessoas. Mesmo que não seja face a face, o escritor precisa interagir e deixar claras todas as coisas que precisa passar para o seu leitor. Portanto, para falar especificamente sobre o gênero, Teixeira (2011) nos diz que

[...] a carta possibilita o prazer da escrita, dos sentimentos, da intimidade. Mais especificamente nas cartas pessoais onde o papel, a escrita, as palavras e até mesmo o cheiro podem demonstrar afeto, tristeza e alegria. (TEIXEIRA, 2011, p. 2149)

Assim, foi por esse motivo que o gênero foi escolhido, já que a professora tutora havia aconselhado a desenvolver nos estudantes esse afeto para poderem desabafar de alguma forma, e a *carta* possibilita essa interação pessoal, além de estarem aprendendo a utilizar a escrita de forma coerente e coesa.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui apresentada foi fruto de muita conversa entre a autora de tal relato e a professora tutora, que auxiliou em todo processo. Durante a observação em sala, foi perceptível a necessidade dos discentes de relatarem fatos de suas vidas e desabafarem sobre o que acontecia no dia a dia deles. Porém, sabemos que, durante as aulas, se torna complicada essa comunicação, já que os professores precisam ensinar o conteúdo, portanto, pensamos a estratégia das *cartas* para uma aula dinâmica e de muito aprendizado.

Módulo I

Para um primeiro contato, foi utilizado o *datashow* para apresentação de alguns *slides*, já que é um recurso mais tecnológico e que chama a atenção dos educandos.

Antes de introduzir o assunto esperado, foi feita uma breve diferenciação do que são os tipos de textos e os gêneros textuais, com o seguinte quadro:

TIPOS DE TEXTOS		GÊNEROS TEXTUAIS
NARRATIVO	→	<ul style="list-style-type: none">• Conto• Romance• Fábula• etc.
DESCRITIVO	→	<ul style="list-style-type: none">• Carta• Diário• etc.
DISSERTATIVO ARGUMENTATIVO	→	<ul style="list-style-type: none">• Manifesto• Sermão• etc.
DISSERTATIVO EXPOSITIVO	→	<ul style="list-style-type: none">• Jornais• Enciclopédias• Dicionários• etc.
EXPLICATIVO INJUNTIVO	→	<ul style="list-style-type: none">• Bulas• Receitas• etc.
EXPLICATIVO PRESCRITIVO	→	<ul style="list-style-type: none">• Leis• Regras de trânsito• etc.

Fonte: elaborado pela autora.

Com isso, os educandos puderam perceber que os gêneros textuais abrangem os tipos de textos. Também foi esclarecido que eles fariam um tipo de texto descritivo, portanto, deveriam descrever a situação proposta pela professora estagiária.

Continuando a aula, houve a especificação do gênero *carta* e todas as características que o compõem. Para isso, ainda utilizando o *datashow*, foram apresentados vários exemplos dos diferentes tipos de cartas: carta pessoal, argumentativa, do leitor e aberta; diferenciando cada uma e associando ao gênero *e-mail*, que é utilizado pelos discentes.

Ao final, como método de avaliação, houve um momento de passar pelas carteiras para dar o “visto” nos cadernos daqueles que copiaram as informações passadas no decorrer da aula.

Módulo II

Como proposta para a segunda aula, foi lembrado brevemente como escrever a carta pessoal, já que essa foi a escolhida por ser de cunho pessoal, e, em seguida, foi entregue uma folha com todas as características desse gênero, para que os estudantes pudessem escrever com segurança.

A aula foi dedicada inteiramente à produção textual. O tema proposto para tal *carta* foi a pergunta *Quem sou eu?* com o intuito de que falassem sobre seus planos, seus medos, o que esperavam com relação à escola, ou, caso quisessem, escrevessem sobre suas vidas. Por fim, produziram seus próprios envelopes e o colocaram em uma caixa que foi levada especialmente com essa intenção, já que foi avisado a eles que ninguém, além da professora, leria as cartas produzidas.

AValiação DOS RESULTADOS

Tendo em vista que todos produziram as cartas, a avaliação foi positiva, mesmo que alguns tenham errado algumas características, puderam perceber que o texto escrito vai além do tipo dissertativo-argumentativo, que é o que estão acostumados a produzir. Perceberam ainda que a comunicação precisa ser efetiva e bem elaborada para que seu leitor entenda suas reais intenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato aqui apresentado serviu para que, mesmo que de forma simples, mostre aos futuros docentes e aos que já exercem a profissão, que é possível apresentar gêneros que já saíram de uso, mas que foram importantes de alguma forma para os novos gêneros que estão surgindo, além da real relevância de se trabalhar a escrita dos educandos de forma mais agradável e divertida. Por fim, a experiência serviu para mostrar aos professores que por trás de cada estudante, seja ele quieto ou agitado, existe um ser humano e não uma máquina copiadora.

REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TEIXEIRA, Cassia Regina. O ensino do gênero textual carta nas aulas de língua materna. **Cadernos do Cnlf**, Rio de Janeiro, v. , n. 5, p.2149-2160, 2011. Anal. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7920867-O-ensino-do-genero-textual-carta-nas-aulas-de-lingua-materna-cassia-regina-teixeira-uerj-kassiar-teixeira-hotmail-com.html>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Relato de experiência do Estágio Supervisionado I

Erlimar Cristo da Silva

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue tem por objetivo apresentar a prática de regência compartilhada realizada no período do Estágio Supervisionado I, disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Letras Português, do IFES, Campus Venda Nova do Imigrante, no Espírito Santo. A docência compartilhada, com o auxílio do professor tutor em sala de aula, é um dos eixos do estágio obrigatório que passa pelo período de observação, coparticipação e docência compartilhada. Esta tem por objetivo inserir os futuros docentes no seu campo de trabalho que é a sala de aula, e oportunizar as vivências com os alunos. A realização desta regência aconteceu na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim. Este momento foi realizado na turma do 7º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino, quando os alunos puderam ter o contato com o gênero *carta* e toda a sua estrutura, aliado à conscientização sobre o *bullying*.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim é uma instituição de ensino básico que pertence ao Governo do Estado do Espírito Santo. Sua estrutura é composta por um único prédio dividido em três pavimentos. No térreo, estão localizados a sala da diretora, da pedagoga, secretaria, sala dos professores, e sala de planejamento. Ainda no térreo, temos o refeitório, cozinha, biblioteca, sala da coordenação, biblioteca, e sala de AEE, além da quadra de esportes coberta, onde os alunos participam das aulas de educação física. No 2º andar, está localizado as salas de aula. A escola conta com a direção de Debora Michela Falqueto Perim, e com auxílio da pedagoga Jamara Nodari. Nos turnos matutino e vespertino, a escola atende aos alunos de Ensino Fundamental. O professor tutor é formado em Letras,

especialista nesta mesma área e também na área de Educação de Jovens e Adultos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a elaboração desta regência compartilhada e de sua fundamentação teórica, tomamos como base os estudos de Luiz Antônio Marcuschi (2008), sobre produção textual, análise de gêneros e compreensão. Este autor possui teorias claras e objetivas sobre a importância da leitura, produção e compreensão do gênero textual, e principalmente, sobre a necessidade do acompanhamento do professor mediante a produção dos alunos para que assim possíveis dúvidas, ou dificuldades possam ser sanadas. Este teórico também elenca, em seus estudos, três pontos-chave para esta regência, que são a produção textual, a análise sócio interativa dos gêneros textuais e os processos de compreensão do texto e a sua produção de sentido.

Para além da fundamentação teórica de Marcuschi (2008), também foi utilizada a abordagem de Selma Garrido Pimenta e Maria do Socorro Lucena Lima (2012), que possibilitam ao aluno conhecer as teorias sobre o Estágio Supervisionado e auxiliá-lo nesta nova etapa de vivência dentro da sala de aula. Essas pesquisadoras contemplam em seus estudos todos os caminhos necessários para que o estágio possa ser proveitoso. Acrescentam ainda que o estágio deve ser uma etapa de conhecimento mútuo entre alunos e professores, possibilitando que o discente que vivencia esta experiência possa compreender seu papel como futuro professor, auxiliador e mediador do conhecimento. E, principalmente, o estagiário deve compreender a sua responsabilidade com o aluno que precisa de atenção, devendo também agir com total respeito ao professor, para que seu acesso ao conhecimento e aprendizagem não sejam prejudicados.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Para o período de regência mencionado, passamos pela fase de seleção de conteúdos e sua execução. Esse processo foi realizado em parceria com o professor tutor, que acompanhou toda a execução dentro da sala de aula, com o apoio da professora e orientadora Selma Lúcia de Assis Pereira. Para a execução da regência, o conteúdo foi

selecionado com base nas necessidades dos alunos de algo que fosse possível alinhar à conduta destes em nossa sociedade, juntamente com o ensino da língua e a vivência desta na prática.

Mediante a uma reunião com o professor tutor, já previamente marcada para o dia do seu planejamento, escolhemos o conteúdo a partir de um debate de ideias. O conteúdo escolhido foi o *bullying*, tendo em vista tratar-se de algo do qual muitos alunos são vítimas. Sabemos que muitos alunos desconhecem seus direitos, bem como as implicações legais. Objetivamos a produção de uma *carta*, que passaria por todo o processo de escrita, endereçamento, envelopamento. Quanto à entrega, ela seria direcionada a um aluno de outra turma, ou até mesmo algum amigo da escola ou funcionário. O conteúdo escrito nesta carta deveria ser de conscientização sobre o tema que eles aprenderam em sala, ou seja, o *bullying*, com o intuito de outros alunos conhecerem o que foi abordado com a turma do 7º ano M3 onde a aula foi ministrada.

O conteúdo abordado sobre o tema *bullying* perpassa a origem do termo, as formas pelas quais essa violência acontece, as implicações legais, e a orientação para que possíveis vítimas procurem ajuda, bem como onde buscar essa ajuda, caso estejam vivendo algum caso mencionado em aula.

Os conteúdos trabalhados para a produção do gênero *carta* foram: sua estrutura (o que representa cada uma das partes); endereçamento, envelopamento e entrega. Realizo uma menção ao depoimento de uma aluna, que me procurou após a explicação e realização da aula, relatando que já havia sido vítima de *bullying*, mas somente soube o que era após a realização desta aula. Ressalto a importância do trabalho de temas como este serem realizados pela escola de uma forma mais ampla, para que mais alunos possam conhecer seus direitos e procurar ajuda, caso necessário.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram avaliados mediante a interação dos alunos com o conteúdo abordado e a produção da *carta*, sendo assim, a avaliação dos alunos foi realizada de forma processual, de acordo com o avanço das aulas e do conteúdo. Durante a produção do gênero, e após a escrita do texto, a carta produzida foi lida pelo professor, que

apontou possíveis erros de ortografia e de concordância, solicitando aos alunos que realizassem as devidas correções. Todos os processos foram avaliados juntamente com o professor que acompanhou a regência, mas a avaliação principal de leitura e apontamento de correções necessárias foi realizada pelo docente, no momento da regência, acompanhado pelo professor tutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se extremamente necessário destacar a importância que o Estágio Supervisionado possui na formação docente. Tal formação, apenas com a parte teórica, não seria suficiente sem o contato do futuro docente com a sala de aula, no período do estágio. Este contato oportuniza principalmente nosso crescimento humano e profissional, pois vivenciamos a realidade do que é estar em uma sala de aula, e de frente a diversos alunos com formas de pensar diferentes, com necessidades diversas de aprendizado.

Este período nos faz pensar em como seremos e atuaremos em sala de aula, que tipo de professor eu serei e como irei lidar com as diversas situações inusitadas ou impressionantes que podem surgir. Menciono aqui, novamente, que é impossível formar um futuro docente sem o contato antecipado com a sala de aula que este período proporciona, pois quando estamos diante da tão mencionada teoria abordada em sala de aula, vemos que as palavras se tornam vivas a nossa frente.

Após o estágio e a vivência deste período que contribuiu tanto para a minha formação e para a humanização do futuro professor que existe em mim, digo que não há forma melhor de aprendermos a estar presentes no palco da vida. Considero que todos os professores vivem e atuam em um palco, mas ao invés de sermos a atração principal, nós ensinamos a estes que nos assistem diariamente que eles são as estrelas, e lhes entregamos todo o protagonismo, para que eles brilhem. Nós não somos a atração principal, pois nós conduzimos a luz que nosso mundo precisa; conduzimos estes jovens a serem luz em nosso mundo, já que o brilho destes pode apagar as trevas que imperam em nosso mundo.

REFERÊNCIAS

- DIANA, Daniela. **A carta como gênero textual**. Toda Matéria, 14 mar. 2017. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/a-carta-como-genero-textual/>. Acesso em: 20 set. 2019.
- SULZART, Silvano. **O Diário de Davi Satil: uma Vítima de Bullying** (Adaptado). Online, 12 mar. 2016. Disponível em: <https://linguagemeafins.blogspot.com/2018/07/odiario-de-davibullyingtextosatividade.html>. Acesso em: 20 set. 2019.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual Análise de Gêneros e Compreensão**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008. 296 p. v. 1
- DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais & Ensino**. 1. ed. rev. São Paulo: Parábola, 2010. 248 p. v. 1.

Relato de docência: a experiência com uma turma do Ensino Fundamental II

Fernanda Leite Evald

PRIMEIRAS PALAVRAS

O presente relato tem por objetivo apresentar a experiência vivenciada na docência do Estágio Supervisionado I, realizado entre os meses de agosto e novembro do ano de 2019. A regência, bem como a observação e a coparticipação, é uma atividade direcionada aos estagiários, fundamentada a partir de dois documentos, a saber: a resolução CNE 1, que regulamenta o estágio de licenciaturas a nível nacional, e a resolução do conselho superior nº 58, que regulamenta o processo de estágio dos alunos do IFES. O intuito de realização do estágio é inserir o aluno em seu futuro ambiente de trabalho, a fim de que ele possa relacionar teoria e prática, constituído como disciplina obrigatória na grade curricular do nível superior. Nesse sentido, pode-se afirmar que exercer a regência de sala, com supervisão do professor tutor, configurou-se um momento de fundamental importância para a minha formação, visto que tal atividade possibilitou a utilização dos conteúdos apreendidos nas aulas do curso de Licenciatura em Letras na sala de aula do Ensino Fundamental II, bem como o contato com os docentes e discentes da escola concedente. Foi um momento de muitas trocas de experiências que ajudaram na construção de novos saberes. Ainda é importante ressaltar que, para embasar os passos percorridos neste caminho, foram usados os teóricos Rodrigues (2015), Marcuschi (2010) e Pimenta e Lima (2012).

A UNIDADE DE ENSINO CONCEDENTE

Para que, de fato, o estágio seja possível aos estudantes de licenciatura, é preciso que uma escola conceda permissão aos graduandos de participar de sua rotina, acompanhando os professores e integrando-se ao fluxo de vida escolar. Nesse sentido, como então estudante do sexto período do curso de Letras do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus

Venda Nova do Imigrante, realizei o Estágio Supervisionado I na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim.

A escola, de administração estadual, está localizada na rua La Ville, nº134, no bairro Trinta de Dezembro, em Venda Nova do Imigrante/ES e segue sob a direção de Débora Michela Falqueto Perim, acompanhada pela pedagoga Jamara Nodari. O corpo docente é composto por vinte três professores de disciplinas, cinco de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e cinco cuidadoras. Já o corpo discente possui cerca de 560 alunos matriculados.

No que tange ao espaço físico, são doze salas de aula, uma sala de AEE, refeitório, secretaria, sala dos professores, sala de planejamento, biblioteca (que infelizmente não funciona), refeitório, coordenação, sala de vídeo, sala de informática, entre outros. Como o nome sugere, é ofertado o Ensino Fundamental II, com onze turmas no turno matutino e oito no vespertino.

UM ADENDO

O estágio foi realizado no horário de 12:30 às 17:30, nas terças-feiras, totalizando uma carga horária semanal de cinco horas, em duas turmas de sexto ano (6V01 e 6V02), sob a tutoria da professora Lubieska C. Prûeza Souza. Por uma questão de disponibilidade quanto ao horário, eu e minha colega de turma Kamilly Sabino acompanhamos as mesmas turmas, apesar de não sermos uma dupla.

Aproximando-se do final do processo, cumpridas as atividades de observação e coparticipação, recebemos da tutora a responsabilidade de trabalhar com o gênero *fábula*, sendo que cada uma ficaria com uma sala e, de tal modo, individualmente, planejamos nossa aula com apoio e supervisão da docente. Mas como é bem próprio da rotina escolar, um imprevisto surgiu e foi preciso uma nova organização: a aula foi aplicada em dupla e para um sexto ano do turno matutino (6 M01), no qual nunca havíamos entrado.

Portanto, para cumprir da melhor forma possível com nosso compromisso, reavaliamos e reestruturamos nossos planos de aula, organizando-os em um só, bem como conversamos sobre como seria lecionar em dupla. Embora, inicialmente, tenhamos ficado um pouco abaladas com o fato, posteriormente entendemos (considerando todo o caminho percorrido na escola) que imprevistos são extremamente

comuns e os desafios são fundamentais para aprendermos a lidar com a insegurança.

BASE TEÓRICA

Todo processo de aprendizagem envolve leitura e mediação, e o estágio não foi diferente. Cientes da necessidade de embasar nossa proposta de aula e ansiando por entender um pouco mais acerca desse novo momento da graduação, utilizamos como base teórica os estudos de Pimenta e Lima (2012). No que diz respeito à importância do momento de estágio, as autoras relatam que,

O estágio traduz as características do projeto político-pedagógico do curso, de seus objetivos, interesses e preocupações formativas, e traz a marca do tempo histórico e das tendências pedagógicas adotadas pelo grupo de docentes formadores e das relações organizacionais do espaço acadêmico a que está vinculado [...] (p. 113).

As autoras corroboram com a tese de que o processo de estágio é fundamental e ao longo do livro *Estágio e Docência*, do qual o trecho acima foi extraído, desconstruem tabus sobre a prática do estágio, bem como problematizam importantes questões acerca da educação.

Essa perspectiva também é defendida por Rodrigues (2015), que aponta o estágio como um momento de reflexão crítica, sendo válido destacar que a experiência de regência realmente serviu para pensarmos criticamente acerca do fluxo de vida presente na sala de aula, possibilitando nos envolver por completo na função de docentes, uma vez que conversamos com a professora tutora, planejamos, montamos uma proposta de atividade e, por fim, assumimos a turma.

Nesse processo, foi igualmente importante uma fundamentação teórica para realização da aula proposta, ou seja, aplicar as teorias vistas na graduação dentro da realidade escolar. Recebemos a função de trabalhar o gênero *fábula* e, pautados nos estudos de Marcuschi (2010), percebemos, nitidamente, a relação entre ambos - gênero e teoria. Para o autor, é fundamental o trabalho com diversos gêneros, visto que é uma oportunidade de lançar um olhar sobre as diferentes formas de uso da língua, além de ser um meio de dar conta da abrangência posta pelos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Assim, apontada a importância do estágio e a justificativa para o nosso tema de aula, construímos o embasamento teórico

fundamental, pois ao assumirmos nossa profissão precisamos estar bem preparados, principalmente pelo fato de lidarmos com muitas vidas, pessoas muito diferentes uma das outras, sempre havendo novas demandas e imprevistos.

A EXPERIÊNCIA DA REGÊNCIA E OS RESULTADOS ALCANÇADOS

Diante da necessidade de propormos uma aula com o gênero *fábula*, fizemos o movimento de embasar teoricamente nosso tema. Como já afirmado acima, separamos quais *fábulas* usaríamos e pensamos em duas aulas de 55 minutos cada, compostas por três momentos.

No primeiro momento, usamos uma caixa colorida com figuras de animais que compõem o enredo de fábulas (leão, tartaruga, rato, cigarra, raposa e lebre). Os alunos retiraram os papéis e nós os afixamos no quadro. Depois de todos os “animais” devidamente afixados perguntamos: “Vocês conhecem alguma história da qual esses bichos façam parte?” ao que os estudantes participaram de forma ativa, respondendo, entre outros: “O rei leão”, “O rato e o leão”, “A lebre e a tartaruga”. Nesse sentido, é válido ressaltar que almejávamos a resposta “fábula”, pois nosso objetivo era que eles soubessem indicar o gênero abordado, mesmo que talvez não soubessem indicar suas características.

Assim, seguimos para o segundo momento, no qual colocamos no quadro uma fórmula para a construção de uma *fábula* (Fábulas = texto curto + animais + moral) e, a partir dela, apresentamos as características do gênero. Em seguida, entregamos uma xerox com um breve resumo acerca do tema e duas fábulas: *O leão e o mosquito* e *O lobo e o cão*.

Depois de lermos os dois textos em voz alta, pedimos aos estudantes para grifarem as características estudadas, a fim de que eles percebessem dentro da narrativa os aspectos que a compunham, estabelecendo assim, uma relação entre a teoria e o texto. É interessante destacar que, ao planejar a aula, esperávamos a participação dos alunos e ela de fato aconteceu, o que possibilitou trabalharmos o respeito ao outro, pois foi preciso mediar os turnos de fala.

Esse dois momentos corresponderam à primeira aula sobre a qual é importante afirmar que o primeiro contato com os estudantes foi

tranquilo. Mesmo sem nos conhecer, após a explicação da professora tutora sobre os fatos ocorridos, fomos bem recepcionadas, sendo possível inferir que a turma reagiu de forma positiva, pois interagiu muito, participando de tudo o que foi proposto. Também é importante apontar a necessidade de termos um segundo plano, uma vez que o planejado para as duas aulas quase foi pouco diante do andamento da aula.

O terceiro momento foi a proposta de produção de uma *fábula* em conjunto, de modo que o texto foi escrito no quadro e recebeu ideias de todos os alunos desejosos em participar. Acreditamos que escrever em grupo possibilita o envolvimento de um maior número de alunos na elaboração da atividade, pois rompe com o tradicionalmente proposto e permite aos estudantes entender melhor a construção textual, no que tange aos aspectos coesivos.

Primeiramente, pedimos para que os alunos escolhessem os dois animais que seriam as personagens da história e anotamos no quadro, sendo eles: um gato e um peixe. Definidas as personagens, atribuímos nomes a elas, fato muito interessante, uma vez que uma das sugestões foi totalmente incomum (Filzinho) e, apesar da resistência de alguns, depois de inserido no texto, os estudantes demonstraram satisfação com o resultado. Tínhamos, então, o gato Tony e o peixe Filzinho, em uma fazenda perto do lago (cenário também escolhido pela turma).

Ao deixarmos os estudantes escolherem as personagens e o cenário, bem como construírem juntos o enredo e a moral, trabalhamos a autonomia, a organização, o respeito ao outro, a criatividade e o uso de conectivos ao longo da narrativa. Um dos pontos marcantes em nossa aprendizagem enquanto regentes foi perceber que, além desses tópicos trabalhados, o texto produzido em conjunto é uma excelente ferramenta de ensino/aprendizagem, pois se configura como meio de estimular a oralidade e mostrar como construir um texto coerente e coeso, sem apenas apontar o erro, mas debatendo sobre a construção de sentidos.

Como método de avaliação, foi atribuído “visto” (no final do trimestre, os “vistos” são contabilizados e convertidos em nota) para aqueles que copiaram a produção, sendo observado que, de uma turma com trinta alunos presentes, apenas três não fizeram a atividade no caderno. Mas, a maior satisfação está no fato da maioria dos alunos terem demonstrado interesse e real aprendizagem do conteúdo. Assim, ao avaliarmos nossa docência percebemos que nossos

objetivos foram atingidos, embora seja necessário melhorar e aprimorar alguns pontos.

Por fim, entregamos aos estudantes uma avaliação com vários emojis (curtir, amei, engraçado, triste ou raiva), a fim de que apontassem sua percepção acerca da aula apresentada e, para nossa alegria, vinte e nove alunos marcaram entre “curtir” e “amei” e apenas um apontou “raiva”. Desse modo, acreditamos ter alcançado nossos objetivos junto aos alunos, o que consideramos ser de fundamental importância no processo de construção de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de estágio foi um grande momento de aprendizagem no qual todos os passos contribuíram para a experiência de docência, vista como de fundamental importância para nossa formação enquanto docentes, pois nos possibilitou o contato direto com nosso futuro local de trabalho: a escola.

Nesse sentido, encerrar esse processo causa uma sensação de alívio, alegria e nostalgia diante de tudo que foi vivenciado dentro da escola, nas rodas de conversa da graduação e dos relatos produzidos e compartilhados em sala. Além disso, como exposto no relato de observação, fica a certeza da concordância com as palavras de Freire: “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática.” (*apud* FREITA e FOSTER, 2016, p.58). É possível acreditar no processo educacional, mas também é necessário coragem e muito preparo.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; FORSTER, Mari Margarete dos Santos. Paulo Freire na formação de educadores: contribuições para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas. *Educ. rev.* [online]. 2016, n.61, pp.55-70 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n61/1984-0411-er-61-00055.pdf>>. Acesso em: 20 set 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org.). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel;

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 8ª ed. São Paulo. Editora Cortez, 2012.

RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. Estágio supervisionado e formação de professor: uma reflexão sobre integração teoria e prática. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 2, n. 4, p.1-13, fev. 2015.

Estudo do gênero *fábula* para o sexto ano do Ensino Fundamental

Fernanda Luiz Cardoso
Lígia da Conceição Falqueto

APRESENTAÇÃO

O presente relato de docência é dedicado aos professores de Língua Portuguesa, e está mais relacionado ao conteúdo de Literatura, que inclui *fábulas*, gênero no qual é possível trabalhar a leitura e o senso crítico do estudante, além de resgatar valores, como a caridade, a responsabilidade, o respeito, a amizade, entre outros. Embasamos nas estudiosas Leila Lauer Sarmiento (2003) e Nelly Novaes Coelho (2000) para abordarmos a *fábula* em sala de aula.

CARACTERIZAÇÃO DA TURMA NA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim é a instituição onde desenvolvemos a aula-regência. A diretora responsável pela escola chama-se Debora Michela Falqueto Perim; a pedagoga, Jamara Nodari e a professora tutora de Língua Portuguesa, a Lubieska Pruêza. Nessa instituição, ministramos duas aulas na turma do sexto ano do turno matutino. A turma é formada por 32 alunos pré-adolescentes entre 9 e 11 anos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como já explicitado, baseamos nossa aula nas análises de Leila Lauer Sarmiento (2003) e Nelly Novaes Coelho (1988), com o intuito de apresentar o gênero *fábula* para os discentes. A intenção foi expor as características, apresentar um pouco da história e as obras mais conhecidas que levam os alunos a pensarem sobre as atitudes dos personagens, o que, conseqüentemente, afeta sua subjetividade.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A professora tutora Lubieska Pruêza propôs-nos o estudo da *fábula* na sala dos sextos anos. Com isso, preparamos o conteúdo, fizemos o plano de aula e tivemos a experiência em ministrar duas aulas com a turma do 6º Mo1.

Primeiramente, pesquisamos sobre o gênero, escolhemos os exemplares e disponibilizamos apostilas impressas aos alunos, aos quais pedimos para que se organizassem em duplas. Perguntamos, ainda, aos estudantes sobre o que conheciam sobre as *fábulas*; se já tinham ouvido falar e iniciamos a explanação acerca do tema, apresentando as características principais e um pouco do contexto histórico.

Em seguida, fizemos a leitura da fábula “O rato e o leão” e realizamos perguntas concernentes à reflexão do texto, como por exemplo: De que maneira esta fábula ou moral seria útil em sua vida? Este ensinamento está presente em seu cotidiano e vivência social? Está presente na sociedade? Quais características humanas estão presentes no rato e no leão? Propomos tais interpelações com intuito de auxiliar os alunos na interpretação e identificação da finalidade e intenção do texto. Nesse momento, alguns alunos compartilharam suas respostas demonstrando capacidade reflexiva e textual.

Em seguida, com intuito de trabalhar a criatividade com os alunos, propomos uma atividade sobre a história “A cigarra e a Formiga”. Depois, pedimos para lerem atentamente o texto com a proposta de, ao final da leitura, cada aluno produzir uma moral ou ensinamento, conforme a proposta da *fábula*.

Na segunda aula, propusemos uma dinâmica que consistia em disponibilizar um envelope contendo duas fábulas e quatro morais embaralhadas. Logo, os alunos deveriam relacionar a fábula lida com a sua respectiva moral.

Dessa forma, os discentes fizeram a compreensão e associação entre a fábula e a moral. Com isso, observamos se os alunos conseguiam estabelecer relações de causa/consequência no texto, identificar o conflito gerador do enredo e extrair a informação principal. Além disso, a dinâmica proporcionou a interação entre os alunos, que foram divididos em grupos. Obtivemos, como isso, resultados positivos nas associações das *fábulas* com as morais expostas.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A maioria dos alunos participou das atividades e da dinâmica. Cada dupla trocou opiniões entre si, levantando a mão para responder e tirar dúvidas. Por outro lado, teve uma minoria que pouco se envolveu na aula e não participou da reflexão sobre a moral da *fábula* apresentada, ocasião em que precisamos ler as respostas desses alunos para a turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, a partir da reflexão sobre nossa prática de hoje, podemos reavaliá-la e melhorá-la, buscando soluções para os desafios enfrentados, testando-as, observando as reações dos estudantes, procurando compreender os significados das perguntas e das respostas de nossos alunos. Assim, é avaliando o resultado das atividades, e avaliando suas próprias ações que o professor aperfeiçoa seus conhecimentos. (RODRIGUES, 2015).

REFERÊNCIAS

- CARUSO, Carla. Uol. **Fábula** - Quem foi Esopo? 2020. Disponível em:<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/fabula-quem-foi-esopo.htm>> Acesso em: 16 out. 2019.
- JELIN, Israel. **Fábulas entortadas**. 1º ed. - Sabará, MG: Ed. Dubolsinho, 2011.
- MACHADO, A. Q. T.; FRANZ, Edinéia Chaves. **Fábula: Uma fonte de motivação para a produção textual e leitura**. Idéias: Revista do curso de Letras, UFSM, p. 67 - 70, 29 jul. 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
- RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. **Estágio Supervisionado e Formação de Professor: Uma Reflexão sobre Integração Teoria e Prática**. Rio Grande do Sul: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, v.4, n.2, 2015
- SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de Redação** - Volume Único - Editora: Moderna. São Paulo. 2003.

Mediação da aprendizagem no sétimo ano do Ensino Fundamental com o gênero textual *notícia*, um relato de experiência

Hilary Christini Entringer

APRESENTAÇÃO

O presente relato de experiência da disciplina de Estágio Supervisionado I, do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português pelo IFES, Campus Venda Nova do Imigrante-ES, tem por objetivo descrever como foi a vivência prática daquilo que até então era somente visto na teoria. Assim, o “[...] estágio não se resume no cumprimento das horas previstas. Mais do que isso é uma experiência a ser cumprida, para que a formação seja mais completa” (BIANCHI; ALVARENGA; BIANCHI, 2017, p. 84). E para tal ato alcançar bons resultados, toda ação dentro de sala de aula que envolva uma prática pedagógica precisa de planejamento, como nos orientam Anna Cecília de Moraes Bianchi, Marina Alvarenga e Roberto Bianchi no *Manual de orientação: estágio supervisionado* (2017, p. 17).

UNIDADE DE ENSINO CONCEDENTE DO ESTÁGIO

A realização dessa etapa de docência compartilhada, assim como a de observação e a de coparticipação, foi feita na instituição concedente do estágio, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim. Esta entidade de ensino estadual situa-se na rua La Ville, bairro Trinta de Dezembro, com a atual direção de Débora Michela Falqueto Perim, pedagoga Jamara Nodari, coordenação Marilídia Fernandes Soares e Mara Sandra Lourenço Bittencourt. Quando tudo começou, há quase cem anos, as atividades escolares iniciaram com 35 alunos matriculados e, atualmente, a instituição recebe 570 alunos, que dentre esses, 324 são do turno matutino. A escola conta com 12 salas de aula e 22 professores no turno matutino e desse grupo de docentes mencionados, três são da disciplina de Língua Portuguesa.

Para essa experiência, as aulas foram ministradas nos sétimos anos do Ensino Fundamental II, no turno matutino, que tiveram cerca de 80

estudantes matriculados no segundo semestre letivo de 2019. Logo, por meio da fase de observação, etapa de coparticipação, planejamentos com o professor tutor, pude compreender a realidade dos alunos que acompanhava; qual era defasagem de conteúdo que eles apresentavam; qual conhecimento era pouco abordado pelos livros didáticos e o que era preciso fazer para tirá-los da zona de conforto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

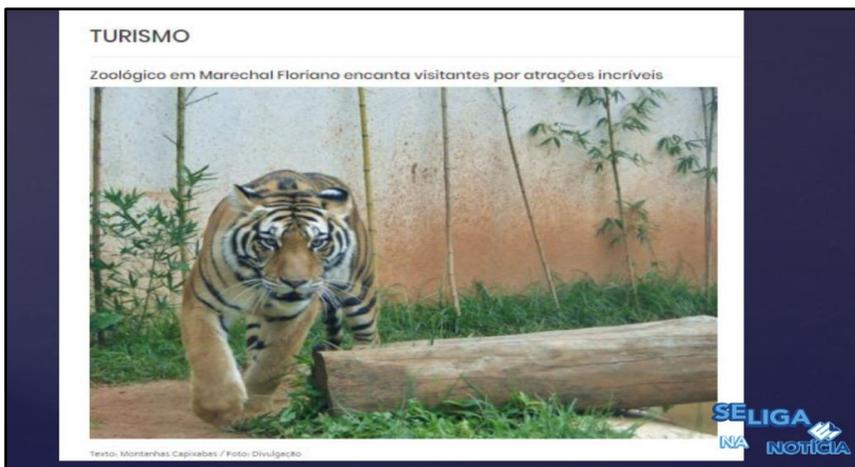
A base dessa prática de ensino foi mediada pela obra *Gêneros orais e escritos na escola* de J. Dolz, M. Noverraz e B. Schneuwly (2004, p. 47), em que os autores descrevem a sequência didática, como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual”. A *notícia* foi o gênero textual escolhido com o objetivo de promover a criticidade e autonomia dos estudantes observados. Porém, para mediar a aprendizagem é preciso lembrar que os alunos não são somente seres prontos para serem depositados conhecimentos, eles trazem uma história e um conhecimento de mundo. Logo,

Nesse momento nossa ação desenvolve-se para organizar as ‘informações’ e ‘desinformações’, tornando-as disponíveis aos alunos, no sentido de direcioná-los para o entendimento de nossa concepção de Estágio Supervisionado como um momento de aproximação da realidade estudada, num esforço de compreensão crítica. (FAZENDA, 1991, p. 120).

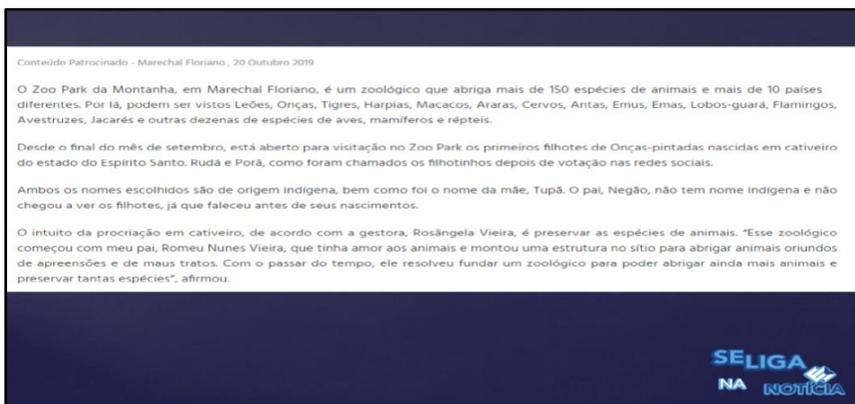
DOCÊNCIA COMPARTILHADA

Após três aulas de planejamento e troca de informações entre professor tutor, professor orientador e gestão escolar, a sequência didática foi colocada em prática. Para isso, a primeira orientação feita aos alunos foi a de formar um círculo em sala e aula e responder a algumas perguntas como forma de diagnosticar os saberes dos estudantes acerca do gênero textual *notícia* que seria estudado e revisado. Tais questões são “Vocês sabem o que é uma notícia?”, “Você já leu uma notícia?”, “Qual foi a última notícia que você leu?”, “Você lembra qual era o assunto da última notícia lida?”, “Você sabe em quais meios de comunicação uma notícia pode ser divulgada?”, entre outras.

Em seguida, foram apresentadas aos estudantes as diversas maneiras que as notícias podem ser veiculadas, como via rádio, material impresso, emissoras de TV e sites de comunicação. Ao conferir as diferenças, algumas notícias foram comentadas em sala, ouvidas e lidas. Como exemplo, segue uma notícia do jornal *Montanhas Capixabas* a respeito do zoológico da cidade de Marechal Floriano:



Fonte: Print screen realizado pelo autor. Texto: Montanhas Capixabas/Foto: Divulgação. Disponível em: <https://www.montanhascapixabas.com.br/site/index.php/pt-br/turismo/6378-zoologico-em-marechal-floriano-encanta-visitantes-por-atracoes-incriveis>. Acesso em: 20 out. 2019.



Fonte: Print screen realizado pelo autor. Texto: Montanhas Capixabas/Foto: Divulgação. Disponível em: <https://www.montanhascapixabas.com.br/site/index.php/pt-br/turismo/6378-zoologico-em-marechal-floriano-encanta-visitantes-por-atracoes-incriveis>. Acesso em: 20 out. 2019.

Com isso, observa-se que

Não é difícil reconhecer o quanto a escola ainda privilegia quase que exclusivamente a cultura dita ‘cultura’, sem levar em conta os múltiplos e novos letramentos, as práticas, procedimentos e gêneros em circulação nos ambientes da cultura de massa e digital e no mundo hipermoderno atual (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135).

Então, quando apresentei aos estudantes o conteúdo dialogando com a realidade da qual eles fazem parte, as chances de cativá-los para a aprendizagem foram bem maiores.

Logo depois do diagnóstico da turma, realizei a entrega de uma notícia para a leitura dos alunos em sala de aula e para completar uma tabela, pois,

No caso da escola, técnicas jornalísticas devem ser utilizadas como referência para auxiliar os alunos na leitura e também na construção organizada de textos informativos. O estudante é iniciante na prática de escrever. O instrumental do jornalismo pode ajudá-lo a proceder e entender o exercício de redação de forma organizada [...] (FARIA; ZANCHETTA, 2012, p. 24).

Pude notar que a leitura dos alunos foi fomentada e as técnicas do jornalismo auxiliaram os estudantes na interpretação das informações escritas pelo redator na notícia *Alexandre Altoé faz arte na rodovia Pedro Cola que liga Venda Nova a Castelo*. A tabela que os alunos receberam para preenchimento é exemplificada a seguir:

Tabela 1

INFORMAÇÕES – NOTÍCIA	
O quê?	
Quem?	
Quando?	
Onde?	
Como?	
Por quê?	

Fonte: elaborada pela autora.

Ao fomentar a leitura silenciosa e logo após a compartilhada, pude notar a participação de alunos que antes ficavam em silêncio nas

aulas. Logo após a correção da atividade, lancei um desafio, pois percebi que os educandos estavam prontos para uma nova aventura.

DESAFIO

Professor-tutor: Davi Mineti

Estagiária: Hilary Christini Entringer

Aluno (a): _____ Data: ____/____/____ Turma: _____

Descubra histórias, descubra Venda Nova!

Por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo das últimas aulas, produza sua própria notícia. Seja observador e boa sorte!

- a) A atividade pode ser feita individual ou em dupla;
- b) Estrutura da notícia: título, foto, *Lide*, *entrevista* e corpo da matéria;
- c) Sugestões de tema: observe o que aconteceu nos últimos dias na sua comunidade: mudança climática, moradores em situação de rua, história da família ou do bairro, meio ambiente, exemplo de solidariedade, vizinho que desempenha alguma função importante, ponto turístico da cidade, entre outros.

- Entregar em folha separada no dia: 29/10 (terça-feira);

- Foto enviada para o líder da turma até o dia 29/10 (terça-feira);

- Assinar o termo de autorização do uso de imagem;

- As três notícias com maior destaque vão ser divulgadas nas redes sociais da escola.

Fonte: elaborada pela autora

Apesar de propor a produção textual, não imaginava que a maioria dos integrantes das turmas fosse adotar e realizar a tarefa. Para a minha surpresa, todas as turmas realizaram e me mandaram até para a revelação. Dessa forma, o professor dividiu alguns pontos referentes a trabalhos do terceiro trimestre e colocou para quem cumprisse, de fato, com a atividade.

Assim percebe-se que

“[...] o texto contemporâneo, multissemiótico ou multimodal, envolvendo diversas linguagens, mídias e tecnologias, coloca, pois, alguns desafios para a teoria de gêneros de discurso do Círculo. Desafios. Não impedimentos! (ROJO, 2013, p. 135).

Por isso, me senti desafiada com essa proposta, mas não impedida de sugerir-la aos alunos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao mediar a aprendizagem, por meio do gênero textual *notícia*, intercalando com a *fotografia*, pretendíamos trazer a realidade dos estudantes para a sala de aula, dialogar os conteúdos com aquilo que eles vivenciavam no dia a dia, incentivar a leitura de notícias dos sites e jornais da cidade, fomentar a autonomia escrita e pessoal dos alunos, promover a criticidade, criatividade e responsabilidade com a promoção do desafio. E isso foi alcançado.

Logo, a avaliação dos resultados alcançados foi feita de modo a valorizar o processo de produção da aprendizagem dos educandos, momento em que não somente aspectos gramaticais e fotográficos foram levados em conta, mas também a iniciativa e a produção criativa. Os alunos mostraram-se responsáveis com a tarefa; todos que tiraram fotos levaram o termo de autorização de uso de imagem e voz assinado, e isso é um passo muito significativo como sinal de que as orientações foram ouvidas, anotadas e cumpridas. Além disso, teve entrevistas com proprietários de sítios que praticam o agroturismo, cafeicultores, enfermeiro e com o prefeito do município de Venda Nova do Imigrante. Os estudantes realmente saíram da sua zona de conforto.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____, AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou voz (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos ou gravações, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho da disciplina de Língua Portuguesa da Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e/ou voz acima mencionados para fins educacionais na sala de aula e nas redes sociais da instituição.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, segundo o que está previsto no inciso X do Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil e no Art. 20 da Lei nº 10.406, de 2002, do Código Civil Brasileiro.

Venda Nova do Imigrante, ____ de _____ de 2019.

Assinatura

EEEF Domingos Perim

Professor

Estagiária

Fonte: elaborada pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ter a oportunidade de vivenciar em sala de aula a prática daquilo que, por muito tempo, foi só teoria em minha vida, é gratificante. Ao olhar os objetivos elencados no início do planejamento da sequência didática e conferir ao final que todos foram superados, é um sinal de que a educação tem sim o poder de transformar as pessoas, como publicou Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*.

REFERÊNCIAS

- BIANCHI, Anna Cecília de Moraes; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Manual de orientação/ estágio supervisionado**. 4. ed. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2017.
- CAPIXABAS, Montanhas. Zoológico em Marechal Floriano encanta visitantes por atrações incríveis. 2019. Disponível em: <https://www.montanhascapixabas.com.br/site/index.php/pt-br/turismo/6378-zoologico-em-marechal-floriano-encanta-visitantes-por-atracoes-incriveis>. Acesso em: 20 out. 2019.
- FAZENDA, I. C. A. et al. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- FARIA, Maria Alice e ZANCHETTA JR, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo, Editora Contexto, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Interpretação textual acerca da crônica

Isabella Cristina Marques de Araújo
Otávio Pastore Cunha

APRESENTAÇÃO

O presente relato de experiência compõe o critério de avaliação da disciplina de Estágio Obrigatório do curso de Letras Português, referente à turma do 6º período do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), de Venda Nova do Imigrante. Esse relato mostra-se pertinente, pois o uso de interpretação textual é um dos campos mais trabalhados em sala de aula pelos docentes da disciplina. Mediante a importância de se trabalhar com a interpretação com os alunos do Ensino Fundamental, utilizaremos teorias como as de Koch e Elias (2018).

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nestor Gomes está situada no centro da cidade de Castelo - Espírito Santo, na Avenida Nossa Senhora da Penha, nº 73. Esta instituição é destinada ao ensino de crianças e adolescentes que se encontram na educação básica referente ao Ensino Fundamental I e II.

A instituição funciona em um prédio um pouco antigo da cidade, porém está em bom estado para funcionamento. Conta ainda com um corpo docente relativamente grande para dar conta dos dois turnos de funcionamento da escola, além de ter uma equipe pedagógica maravilhosa e que mantém uma boa relação com os alunos. Esta instituição escolar possui, em caráter geral, um bom ensino, mesmo apresentando falta de alguns materiais básicos para tal. Os professores, contudo, buscam suprir a falta do material de alguma forma para que o ensino possa continuar de forma regular. Desta escola já saíram alunos com uma boa preparação para cursar o ensino médio nos Institutos Federais, o que mostra que o ensino está sendo bom e privilegiado pela instituição.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para desenvolvermos as nossas aulas de regência, que é uma das atividades exigidas pelo estágio de caráter obrigatório, nos baseamos muito nas construções teóricas apresentadas pelas autoras Koch e Elias (2018), no livro *Ler e compreender o sentido do texto*, uma vez que nossas aulas objetivavam dar maior ênfase à interpretação textual dos alunos. Escolhemos usar esta obra por apresentar conceitos-chave para ter uma boa interpretação dos diferentes tipos de gêneros textuais que se encontram presentes no meio social dos alunos. Usamos como obra complementar outro livro das autoras Koch e Elias (2018), *Ler e escrever estratégias de produção textual*, pertencente à mesma coleção que nos proporcionou um conhecimento a mais acerca da produção de textos e dos gêneros textuais.

Ao elaboramos a aula, optamos por usar o gênero textual *crônica*, por ser um modelo de texto que já apresenta um caráter reflexivo e por trazer um pouco do cotidiano para dentro de sua construção. Em uma das aulas ministradas, usamos uma das crônicas de Rubem Braga, por prejudicarmos que os alunos já tinham ouvido falar do autor e também por ser um cronista capixaba. Nosso intuito era despertar nos alunos um pouco mais do gosto pela leitura e, principalmente, pela literatura nacional e regional.

A escolha de se trabalhar com a interpretação surgiu com a intenção de mostrar aos alunos que tudo na vida, desde uma simples conversa com os amigos a uma receita de remédio, necessita de uma interpretação para buscar entender do que se trata. Assim, mostramos aos mesmos que a interpretação se faz constante em nosso meio social de vivência humana.

E para que haja uma interpretação do texto, o aluno tido como o leitor da crônica deve levar em consideração que a leitura nada mais é que a captação das ideias do autor, como nos deixa bem claro Koch e Elias (2018):

A leitura, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor [...]. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão somente ao leitor captar essas intenções. (KOCH e ELIAS, p.10, 2018).

Mediante a isso, vemos que a leitura passa a exigir do leitor um foco maior no texto, pois as intenções do autor estarão contidas ao longo de toda a obra. Sabemos que ainda hoje se observa o texto como codificação/decodificação, ou seja, passamos a ver a concepção de língua como código, como um mero instrumento de comunicação. Porém, em relação a essa prática, temos que,

Conseqüentemente, a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito”. [...] ao leitor cabia o conhecimento das intenções do autor, nesta concepção, cabe-lhe o conhecimento do sentido das palavras e estrutura do texto. Em ambas, porém, o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de conhecimento, de reprodução. (KOCH e ELIAS, p.10, 2018).

Portanto, para se trabalhar a interpretação textual, é necessário ter em mente a ideia de concepção de leitura que passa a ser decorrente de uma concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote.

Sobre essa questão, Koch (2002) afirma que à concepção de língua como representação do pensamento corresponde à de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. Trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada. (KOCH e ELIAS, p.9, 2018).

Desta forma, levaremos todas essas concepções em consideração quando se quer saber o que o autor pretende dizer ao leitor com seu texto, uma vez que temos o texto como codificação do que o emissor pretende apresentar, comunicar aos seus leitores.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência que aqui retratamos é originada de muitas discussões sobre o que poderíamos trabalhar em uma aula de interpretação textual com os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, uma vez que essa experiência de regência de aula seria computada como parte avaliativa da disciplina de Estágio Supervisionado I, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Venda Nova do Imigrante.

De início, apresentamos uma preocupação em despertar, nos alunos, o gosto pela leitura, uma vez que, ao longo do período de observação do estágio, vimos poucas vezes os alunos em atividade de leitura em sala. Um segundo interesse que tivemos com essa aula de interpretação era de apresentar um pouco mais dos textos ligados a nossa literatura brasileira, com intenção de despertar nos alunos um gostinho pela leitura de obras literárias.

Tendo esses dois princípios fundamentais para nossa aula, partimos para a escolha do material que usaríamos para desenvolver esse trabalho de interpretação, optando por trabalhar com uma *crônica*, uma vez que esse modelo de texto interage com a realidade social, como já citado antes neste trabalho.

Uma das maiores dúvidas foi saber escolher com que *crônica* iríamos trabalhar, e foi assim que surgiu a ideia de levar aos alunos um texto do cronista capixaba Rubem Braga, propiciando assim um trabalho com um autor de nossa região, em vez de destacar somente escritores de nível nacional.

Ao longo da preparação de todo o material da aula, usamos Koch e Elias (2018) como base para podermos assim trabalhar com a interpretação textual como havíamos demonstrado interesse, uma vez que essas autoras possuem uma obra base quando se trata de compreensão de textos.

De início, buscamos dialogar com a turma de modo oral sobre o autor, buscando assim observar quais os principais conhecimentos prévios que os alunos possuíam sobre o cronista com o qual trabalharíamos a interpretação. Fomos surpreendidos com a participação de grande maioria da turma elencando alguns pontos sobre o escritor capixaba.

Esse conhecimento prévio que os alunos já possuíam facilitou para que a aula prosseguisse, possibilitando assim uma pequena explanação sobre o escritor e evitando uma abordagem mais longa sobre o mesmo. Mais ao fim dessa explanação, partimos para o propósito central da aula - o trabalho com a *crônica* “A outra noite”, do citado autor. Fizemos a leitura compartilhada com os alunos, buscando atrair total atenção para o texto que estava sendo apresentado no momento.

Por fim, trabalhamos a interpretação textual acerca desta *crônica* lida com os alunos, buscando argumentar de forma crítica e dialogar

com a experiência de vida narrada no texto, levando os alunos a comparar o texto com a sociedade contemporânea na qual eles estão inseridos. Desta forma, eles teriam uma base realística de vida para entender a narração da crônica que trabalhamos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Por meio das atividades, os alunos puderam perceber que uma *crônica* pode apresentar de fato assuntos que estão ligados diretamente ao seu cotidiano, o que torna o texto interessante prendendo atenção do seu leitor. Ao longo da atividade de interpretação, observamos que os alunos demonstraram um grande interesse pelo texto, pois vimos a participação de todos na atividade e na aula em geral, o que foi gratificante para nós e o que nos permitiu alcançar o objetivo de interação entre texto e aluno na aula.

Um segundo ponto que alcançamos com a aula de interpretação, foi a interação entre nós e os alunos. Essa interação foi um processo importante de se observar por meio das atividades que passamos, pois vimos alunos que não costumam participar realizando todas as atividades e participando da correção oral e expositiva.

Percebemos que nossa aula conseguiu atingir de modo satisfatório os resultados esperados, considerando toda essa participação dos alunos. A experiência contou ainda com uma avaliação oral solicitada aos mesmos, ao final da nossa aula, momento em que nos disponibilizamos a ouvir o que eles tinham a nos dizer sobre a experiência de ter tido uma aula com graduandos que ainda estão no processo de formação para se tornarem futuros professores. Suas respostas foram muito satisfatórias para nós, o que nos deu a sensação de dever cumprido naquele momento em que os ouvíamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante este relato de experiência que apresentamos, baseado na experiência de regência de uma aula para a disciplina de Estágio Obrigatório, em que buscamos trabalhar a interpretação textual com os alunos, concluímos que esse trabalho com o texto e com os diferentes tipos de gêneros textuais por meio da interpretação, se

torna fundamental para a formação dos alunos tanto de modo acadêmico quanto social.

Como já citamos anteriormente, a interpretação se faz presente ao longo de toda a vida social dos alunos, exigindo que os mesmos possam interpretar uma fala ou algum modelo de texto mesmo que simples.

A apresentação aqui descrita mostra que o trabalho com interpretação deve ser levado em consideração e deve ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa, pois é uma atividade que somará de modo significativo à formação dos alunos, além de contribuir para um trabalho diferente dentro da disciplina, uma vez que o trabalho com o texto pode ser dado de diferentes formas, desde uma interpretação básica a um pequeno teatro de modo expositivo- interpretativo, propiciando uma aula mais dinâmica para os alunos.

Desta forma, concluímos que essa experiência geral de estágio nos proporcionou um olhar realístico sobre o ensino de Língua Portuguesa nas escolas e nos apresentou algumas das dificuldades que iremos enfrentar como futuros docentes da área.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubem. **A outra noite**. In: Para gostar de ler: crônica. São Paulo: Ática 1979.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

Um contato com a docência: a importância do Estágio para os discentes de graduação em Letras Português

Julye Franciely da Rocha Leoncio

APRESENTAÇÃO

Este trabalho consiste em um relato de docência que apresenta minha experiência na sala de aula: minha observação, minha coparticipação e a regência, bem como a reflexão sobre a importância do estágio para os futuros docentes. O relato foi realizado para a disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Letras/ Português. A professora orientadora da disciplina é a Selma Lucia de Assis Pereira. A experiência em sala de aula foi feita na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Aldy Soares Merçon Vargas. Ao realizar o estágio, percebo que este é de extrema importância para melhor inserir o profissional em seu ambiente de trabalho. Neste relato de docência fica evidente a importância de tal experiência para meu primeiro contato com a escola, com os professores, com os estudantes e toda a equipe escolar.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A escola que me acolheu é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Aldy Soares Merçon Vargas, localizada no centro da cidade de Conceição do Castelo, no Espírito Santo. É uma escola grande, com quadra, banheiros, cozinha, refeitório, biblioteca, secretaria, coordenação e salas equipadas com TV. A direção é feita pela Rita de Cássia Bortolini Ayres da Silva Dassi e pela pedagoga Beatriz Driusso.

Realizei meu estágio às segundas-feiras, de 7h às 12h, e às terças-feiras, de 7h às 10h, completando 8 horas semanais. Acompanhei as professoras tutoras Thais Bueno Lousada e Scynthia Padovani Bernabé, duas professoras talentosas e dedicadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tive como base para meu estágio alguns autores como: Paulo Freire, com a obra *Pedagogia do Oprimido* (2011), Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2012) e Maria Anunciada Nery Rodrigues (2015).

Segundo as autoras Pimenta e Lima (2012), estudadas no curso de Licenciatura em Letras Portugêses:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou ‘ação’. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram. (PIMENTA e LIMA, p.35)

A partir do trecho, vemos a importância de pôr em prática o que se aprende. No fazer docente não é diferente: precisamos observar, reproduzir ou até mesmo repensar essas práticas e comportamentos diante de determinadas situações e contextos, e, no estágio, temos essa oportunidade de pensar como queremos e devemos ser.

O estágio nos ajuda a entrar em contato com o ambiente escolar, como também com os estudantes, e conseguimos ainda observar como o professor regente trabalha em sala de aula. A partir desta experiência de docência, podemos, quando futuros professores, repensar diferentes formas de se trabalhar em sala de aula com os estudantes.

Como Paulo Freire (2011), devemos criticar, repensar e reavaliar os modelos atuais de ensino. A educação precisa atender a todos. A educação precisa deixar de seguir um modelo ‘bancário’ - em que os professores ‘depositam’ e os alunos decoram -, para ser mais humanizada, a fim de tornar os alunos seres críticos e pensadores, para, assim, transformarem o seu meio, pois como diz Freire “*A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.*”

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Minha regência foi realizada nas turmas de 9ºM01 e 9ºM02, sob tutoria da professora Thais Bueno Lousada. A aula proposta teve o seguinte tema - *Pontuação: contribuição na construção de sentido*. Ao observar as professoras, pensei em trabalhar com os alunos de uma forma dialogada. Em minhas aulas usei *datashow*, quadro e pincel. Foi uma experiência bastante proveitosa, com a qual acredito ter atingido os objetivos apontados, já que os alunos participaram e realizaram todas as atividades pedidas. Observar as professoras e como elas trabalham em sala de aula ajuda bastante no momento de planejamento de nossas aulas. Tinha observado o trabalho das duas professoras, Thais e Scynthia, e pude perceber que tipos de metodologias, didáticas, posicionamentos, ensino diferenciado utilizavam. Iniciei meu estágio no dia 26 de agosto de 2019. Com relação ao perfil das turmas, os alunos possuem em torno de 11 a 15 anos, sendo que grande parte mora no interior da cidade de Conceição do Castelo, e alguns saem muito cedo de casa, alguns ainda trabalham na roça, outros não. As professoras sabem dessas diversidades e realidades e fazem o possível para ajudá-los.

A metodologia que a professora Thais utiliza com seus alunos é bem diversificada, trabalhando desde a gramática normativa, com tabelas, classes de palavras até a prática de leitura, interpretação e produções textuais de diferentes gêneros. Sua explicação é bem didática: ela tenta explicar da maneira mais fácil possível, além disso, ela relaciona a matéria com o contexto e situações do cotidiano do aluno, se for necessário para seu aprendizado.

Um pouco diferente da professora Thais, Scynthia, por sua vez, trabalha com o 7º M2. Pude observar que a professora trabalha com portfólios, explorando outras áreas como desenho. Além disso, os alunos têm um caderno de português e um de redação. A professora utiliza muito o livro didático e trabalha, com seus alunos, muitas questões de ortografia, realizando atividades diferenciadas como o “bingo ortográfico”.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados alcançados foram muito satisfatórios. Os alunos compreenderam e realizaram todas as atividades propostas, além de participarem das aulas, dialogando com a mesma. Ao realizarem as atividades propostas, percebi quais eram suas dificuldades com relação ao tema, e na correção pude sanar algumas dúvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, com estas experiências, acredito ter crescido bastante. As duas professoras contribuíram muito para meu primeiro contato com a sala de aula. Foi por meio do estágio que pude ter o contato com a sala, com a professora e com os alunos, e espero continuar aprendendo a lidar com diferentes situações, sabendo repensar novas maneiras de ensinar. A sala de aula é um ambiente heterogêneo e é preciso que nós, enquanto futuros professores, saibamos lidar com estas diferenças com respeito, responsabilidade e carinho.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição.
- PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência diferentes concepções**. V. 3. Revista Poíesis. 2005/2006.
- RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. **Estágio supervisionado e formação de professor: uma reflexão sobre integração teoria e prática**. V.4, Canoas, nº 2, 2015.

O ensino de *fábulas* por meio de uma produção interacional

Kamilly Sabino de Britto

APRESENTAÇÃO

O presente relato de experiência tem o objetivo de descrever a vivência que obtive em sala de aula com duas turmas do sexto ano. Tal prática diz respeito à realização dos requisitos solicitados na disciplina Estágio Supervisionado I, referente aos anos finais do Ensino Fundamental II, orientado pela prof^a. Selma Lúcia de Assis Pereira. Esta disciplina salienta a importância dos conhecimentos teóricos e sua concomitância com a prática.

A experiência que será discutida neste relatório será feita por meio da perspectiva do ensino do gênero textual *fábulas*, que foi aplicado na turma 6^oM1 na Escola Estadual de Ensino Fundamental “Domingos Perim”, turno matutino. Para realização da aula, empregou-se tal gênero de uma forma interacional, utilizando gravuras de animais, das *fábulas* mais famosas, que auxiliaram a fomentação da imaginação para a elaboração da atividade proposta.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental “Domingos Perim” está situada na Rua La Ville, nº 134, bairro Trinta de Dezembro, Venda Nova do Imigrante. A escola Domingos Perim é administrada pela diretora Débora Michela Falqueto Perim e pela pedagoga Jamara Nodari. Com uma ampla estrutura, a escola conta com 12 salas de aula, além da sala do atendimento educacional especializado (AEE), laboratório de ciências e informática, sala de artes, biblioteca – que infelizmente, não funciona em tempo integral por falta de profissional – refeitório, quadra de esporte, um vasto pátio, secretaria e as salas dos professores. O corpo docente é formado por 28 professores que atendem os 560 alunos matriculados na escola. A instituição recebe alunos das comunidades rurais de Venda Nova do Imigrante, como, São João do Alto Viçosa, Alto Bananeiras, Peçanha e Alto Colina.

A turma em que as aulas foram ministradas é composta por 30 alunos. Os discentes foram bastante participativos durante a

exposição do conteúdo e, no decorrer da elaboração da atividade, mostraram um grande potencial para a criação de textos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o objetivo de incorporar as teorias aprendidas no curso de Letras à prática em sala de aula, o Estágio Supervisionado I é um requisito importante na graduação em Licenciatura, pois segundo Rodrigues (2015):

O estágio é considerado como um componente fundamental na formação profissional e como um dos espaços específicos para a formação do docente crítico-reflexivo e na construção dos saberes docentes necessários a sua profissão. O estágio curricular pode se constituir no lócus de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivada com essa finalidade. (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p.20).

Desta forma, pode-se afirmar que o estágio é de extrema importância para a concepção de conhecimentos, ponderações e reflexões que auxiliam o futuro docente a desempenhar um papel não somente repetitivo ao que foi apresentado no percorrer do curso, mas criar pensamentos críticos perante as metodologias e assuntos que serão mediados por nós, quando futuros dirigentes de sala de aula.

Além de salientar a importância dos estágios na caminhada docente, é significativo possuir como base para o ensino da língua materna, conhecimentos que conduz o discente, que oportuniza o desenvolvimento de habilidades como a oralidade, a escrita e o reconhecimento de gêneros textuais que fazem parte da sua vivência, que não se limitam apenas aos âmbitos escolares. Tendo isso em vista, e para ratificar o que foi dito, Marcuschi (2010) diz:

Enfim, vale repisar a ideia de que o trabalho com gêneros será uma forma de dar conta do ensino dentro de um dos vetores da proposta oficial dos PCNs que insistem nesta perspectiva. Tem-se a oportunidade de observar tanto a oralidade como a escrita em seus usos culturais mais autênticos sem forçar a criação dos gêneros que circulam apenas no universo escolar. (p. 38)

Portanto, precisamos compreender a necessidade de trabalhar a oralidade e a escrita de diversos gêneros com os alunos, de modo a despertá-los para a variedade da língua. Além disso, ao trabalharmos

com a produção textual de um gênero muito difundido como a *fábula*, envolvemos os estudantes em uma situação real de uso da linguagem, tal como defendem os PCN's.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A descrição da experiência oportunizada em sala de aula deu-se a partir da aplicação do gênero *fábulas*. O tema mediado foi escolhido pela professora tutora, já que estava previsto no conteúdo do terceiro trimestre dos sextos anos. Além do mais, o ensino de *fábulas* preza, de uma forma lúdica, pela formação de valores nos alunos, instruindo-os, de maneira divertida, com princípios que podem auxiliar na elaboração da cidadania. Também se pode afirmar que tal gênero contribui para a reflexão e imaginação dos discentes.

Portanto, a aula foi iniciada com a utilização de uma caixa, que, no seu interior, possuía a figura de diversos animais, que constituíam os principais personagens das fábulas mais famosas e conceituadas do âmbito literário. Com o auxílio dos alunos, os papéis foram retirados da caixa, um por um, e colados no quadro. Após isso, foram feitas, aos alunos, várias indagações, como, por exemplo: se a classe conhecia alguma história sobre os bichos apresentados; as características de cada um deles, entre outras.

Após a apresentação dos animais, foram explicadas as características que compõem uma *fábula*, em seguida, os alunos receberam uma folha com uma “formulazinha” dos pontos fundamentais do gênero textual apresentado: Fábulas = texto curto + animal + moral. Nesta mesma folha, também foi apresentadas duas pequenas *fábulas*: *O Leão e o Mosquito* e *O Lobo e o Cão*. Em seguida, procedeu-se a leitura dessas narrativas, pedindo para os alunos grifarem os pontos salientados na fórmula acima.

A atividade proposta para a turma foi realizada em conjunto. Os alunos foram orientados a participarem da construção de uma *fábula* feita por toda a classe. A partir da interação e a atuação dos estudantes, o texto foi construído e escrito pela professora no quadro. Logo após, foi transcrito pelos alunos em seus cadernos. Trata-se de uma atividade de cunho formativo, pois complementou o conhecimento adquirido no decorrer da aula, de modo a atender o currículo educacional cobrado pelos PCN's. Notou-se que uma simples proposta proporcionou aos alunos o trabalho

com a oralidade, a capacidade de trabalhar em grupo, de se observar o respeito perante os colegas de sala, a construção de argumentos para compor o texto, dentre outros pontos importantes para a construção cognitiva dos discentes.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Com a finalidade de avaliar o nível do ensino e aprendizagem nos alunos, ao final das aulas mediadas, foi oferecido aos discentes uma folha com ícones para avaliação dos pontos negativos e positivos da aula. Cada aluno avaliou conforme a sua opinião. Foi solicitado também sugestões para a melhoria da aula, caso o conteúdo não tenha sido explanado de forma compreensiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mediar a aula pude perceber, que através de pesquisas e planejamentos, podemos possibilitar aulas mais interativas, fugindo da normatividade que tanto afasta os conteúdos da realidade das aulas. Como foi exposto acima, para compor a aula, foi usada uma metodologia simples, porém articulada com a faixa etária que a sala apresentava. Por último, é importante salientar a principal relevância da aula, ou seja, o simples fato de ouvir os alunos, as suas opiniões e ponderações, tanto na hora da produção quanto no momento expositivo do conteúdo.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. Estágio supervisionado e formação de professor: uma reflexão sobre integração teoria e prática. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 2, n. 4, p.1-13, fev.2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org.) Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

**Trabalho docente:
a utilização de multimídias, sob perspectiva de humanizar,
conjuntamente com ensino de Língua Portuguesa.**

Lais Marotto da Cruz

APRESENTAÇÃO

O presente relato de experiência destina-se a docentes da disciplina de Língua Portuguesa que fazem a utilização de multimídias para o ensino, em específico. Neste relato, foi abordada a temática *bullying*, sobretudo o olhar atencioso sobre a escrita exercida nesse meio e os efeitos negativos que essa prática exerce sobre a vítima. Cabe ressaltar que os mais diversos recursos tecnológicos podem ser usados para aplicar qualquer conteúdo e atividade, pois os mesmos oferecem amplitude de informações, sendo preciso, obviamente, atentar-se às fontes, pelo fato de que nesse meio também se encontram *fakenews*. A ideia é relevante, haja vista que a geração do século XXI está em contato constante com as redes sociais, cabendo ao professor pensar estratégias que atraem o olhar de crianças e adolescentes para conteúdos das disciplinas. Portanto, por meio de tal exposição, será relatada uma proposta metodológica que conciliou os recursos multimodais com a temática do *bullying*, tendo como alicerce dessa prática Rojo (2009) e Marcuschi (2010). O enfoque da experiência foi com Ensino Fundamental II, porém a estratégia de ensino pode ser para o público do Ensino Fundamental I e para o Ensino Médio.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Aldy Soares Merçon Vargas é uma escola que atende ao público do Ensino Fundamental II, Médio e a EJA, e se localiza no município de Conceição do Castelo- ES. O presente relato foi realizado com a segunda turma do sexto ano, no turno vespertino. A escolha dessa faixa etária e da abordagem deu-se a partir da observação de muitas vítimas e praticantes de *bullying* nesse ambiente. A intervenção foi

pensada e exposta, e a professora regente da turma Scynthia Padovani Bernabé aprovou.

O ambiente escolar abriga no turno matutino e vespertino alunos com idades de 12 a 17 anos. Já no turno noturno, a idade dos estudantes varia muito de 18 anos a 40. A turma designada para aplicação do plano de aula tinha em torno de 28 discentes. Uma quantidade significativa da turma apresentava defasagem na escrita, tanto em relação à parte gramatical como também em relação à textualidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamento teórico foram observadas as teorias de Rojo (2009) e Marcuschi (2010) - teóricos que se baseiam no pensamento de que a tecnologia envolve imagem, texto, som e vídeo, e que essas são combinações que inferem em interpretações linguísticas de variadas formas, tornando o ensino atrativo ao educando que se encontra no meio tecnológico, do qual gosta e sabe lidar. Além da tecnologia possibilitar aos alunos um olhar crítico mediante as redes sociais, Marcuschi (2010, p.16), acrescenta que:

[...] parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados

Nessa mesma linha de raciocínio, Rojo (2009, online), em uma entrevista concedida à Nova Escola, estabelece que “A ideia é trazer o que os alunos estão familiarizados a consumir fora da escola, com o objetivo de prepará-los para uma leitura mais crítica desses conteúdos, como vídeos etc.” Portanto, o trabalho docente pode ser pensado a partir do uso de imagens, movimento e som. Todos esses recursos possibilitam vasto caminho e riqueza de conhecimento e temos em mente que o professor como mediador permitirá ao estudante um olhar mais cuidadoso e atencioso para as postagens de comentários nessa via e a aprendizagem fluirá melhor.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui pensada foi realizada em união com a professora Scynthia Padovani Bernabé, que, como docente da turma, percebia, ao longo do primeiro trimestre, a necessidade de trabalhar os danos que o *bullying* causa àqueles que são vítimas desses acontecimentos. Outro ponto elencado pela professora foi acerca da defasagem do ensino de conteúdos básicos de Língua Portuguesa naquela mesma turma, mas como trabalhar esses pontos não seria possível devido à demanda dos PCNs, ela tentaria suprir com produções e *feedbacks* aos alunos, corrigindo os textos produzidos por eles para que melhorassem a escrita e produção textual, pois só assim melhorariam a interpretação. Partindo de tais pontos, concluímos que a temática *bullying* naquela turma de sexto ano era necessária e o ensino da forma como eles redigem também. O fato de ser uma turma agitada, falante e com fácil desvio de atenção, buscamos relacionar esses dois movimentos com algo que cerca a vida desses alunos. Assim, surgiu a ideia de trazer recursos multimodais para a temática escolhida. A aula estabeleceu-se da seguinte forma: inicialmente, projetei no quadro três perguntas:

- 1.Você sabe o que significa *bullying*?
- 2.Já praticou?
- 3.Já foi vítima?

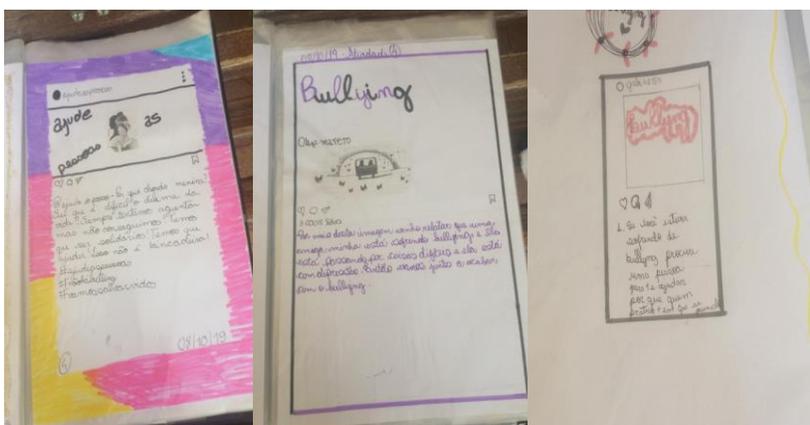
Queria aproveitar o perfil da turma, pois gostavam de participar e interagir com os conteúdos e, ao mesmo tempo que dialogava com o grupo, identificava quem estava imune ao ato. Com a interação, foi notório que grande parcela dos alunos havia sofrido e praticado *bullying*, no entanto, o assunto para alguns era como uma brincadeira.

Após tais questionamentos, foi apresentado o significado da palavra *bullying*. A partir de tal definição, comecei a utilização de recursos multimodais, trazendo diversos *prints*, sendo que o primeiro apresentava diversas notícias que falavam sobre o *bullying*. Também foi-lhes apresentado alguns comentários acerca do ato de fala das pessoas nas mídias e comentários ofensivos.

Na sequência, sinalizei, utilizando pincel e quadro branco, a falta de pontuação, comentários bons e ásperos de diversos usuários. Ratifiquei que alguns fazem o uso impróprio desse veículo, e que à ocorrência desse movimento na mídia dá-se o nome de *cyberbullying*.

Em seguida, para mostrar-lhes a necessidade de falar sobre o *bullying* no ambiente escolar, trouxe reportagens de jovens que se suicidaram por esse motivo e causalidades perante as ocorrências do *bullying*.

Foi perceptível que as notícias impactaram os discentes: muitos não sabiam de tais reflexos e a gravidade das brincadeiras desagradáveis que têm por objetivo rechaçar ou rir do outro. Ao fim das exposições, falei de alguns casos de *bullying* que ocorrem no dia a dia escolar. Percebi a postura de todos mudarem quando o assunto foi se estendendo. Para finalizar e conseguir ver os resultados, foi solicitada uma produção em uma folha chamex, seguindo o modelo de uma postagem no *Instagram* ou *Facebook*. Os discentes teriam que elaborar um *post* com mensagens de empatia pelo outro ou de apoio a alguém que está sofrendo *bullying*. No lugar em que ficam as imagens, disponibilizei alguns recortes. Os resultados foram satisfatórios, as produções foram para o portfólio da disciplina de Língua Portuguesa. Algumas das produções foram anexadas a seguir.



Fonte: acervo da autora.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os discentes conseguiram compreender e perceber a importância de humanizar, e também tiveram contato com as mídias, aprendendo que comentários motivadores são prazerosos a quem os lê e que antes de publicar foto com legenda, comentários e compartilhar na rede social, é preciso refletir a respeito. Com relação aos *posts* de outras pessoas, os discentes se propuseram a pensar de forma crítica ao ver

as publicações. Na elaboração da atividade pude notar que pensaram antes de redigir, corrigiram e com certeza melhoraram a escrita, afinal, o nome da pessoa que publica está exposto para todos, dado que enfatizei com eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato aqui descrito foi a possibilidade de inovar as aulas de Língua Portuguesa e demais disciplinas, utilizando recursos próximos a essa nova geração que “nasce com aparelho eletrônico em mãos”. Atrair esses alunos para o universo conteudista tem sido mais difícil quando não se tem as multimídias. Portanto, foi com base nesses pensamentos que o plano de aula aqui exposto pode ajudar o docente a promover uma aula diferenciada.

A experiência aqui relatada é simples, porém foi pensada com carinho e dando foco no alunado que apresenta uma visão completamente distinta de nós, pensando na necessidade de se trabalhar, para além de conteúdos, o ato humanizador e a humanização, buscando incluir no ensino os recursos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola, e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARCUSHI, Luiz Antonio e XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

O impacto do desmatamento e das queimadas na Amazônia a partir do gênero discursivo *fábula*

Leidiana Alves dos Santos Meroto

Taynara Batista da Silva

APRESENTAÇÃO

O presente relato possui como objetivo a apresentação e reflexão das experiências vivenciadas nas atividades do Estágio Supervisionado I - anos finais do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que o desenvolvimento desse componente curricular se dá a partir do 6º período do curso de Licenciatura em Letras, com Habilitação em Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante. Devemos ressaltar também a relevância da interação entre teoria e prática oferecida pelo Estágio Supervisionado I, estruturado a partir dos conhecimentos adquiridos durante toda a trajetória do Curso.

Na experiência aqui retratada, o ponto central será sobre o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo a aplicação de uma sequência didática acerca do gênero discursivo *fábula*, desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental “Domingos Perim”, na turma do 6º ano M03, turno matutino. Utilizou-se a perspectiva de produção de *fábulas* como crítica às queimadas e ao desmatamento que vem ocorrendo na Amazônia.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental “Domingos Perim” está localizada no bairro Trinta de Dezembro, no centro da cidade de Venda Nova do Imigrante - ES. Tal instituição contempla alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, 6º ao 9º ano. Em geral, os alunos, professores e funcionários da escola são colaborativos e atenciosos. Além disso, a escola encontra-se em uma comunidade formada, em sua maioria, por famílias descendentes de italianos que valorizam

fortemente sua cultura e preservam os valores que se pautam no diálogo entre escola e comunidade local.

A turma em foco para o presente relato de experiência era composta por 27 alunos que apresentam muita dificuldade de leitura e escrita, entretanto, se mostravam interessados e buscavam expor seus respectivos posicionamentos acerca dos conteúdos trabalhados na disciplina de Língua Portuguesa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como já dito anteriormente no presente relato de experiência, o Estágio Supervisionado caracteriza-se como uma atividade responsável por integralizar todo o processo de ensino-aprendizagem construído durante o Curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Português, atuando como um processo fundamental na formação acadêmica de futuros docentes. Assim sendo, “considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental.” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 29)

Dessa forma, o componente curricular Estágio Supervisionado I deve estar sistematizado a partir dos princípios de formação docente crítica e reflexiva que tenha como base a pesquisa e o prazer na adoção de métodos alternativos e inovadores. Para Pimenta e Lima:

Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola (2012, p.55).

Percebe-se, portanto, que a profissão do educador é uma prática social que atua diretamente como forma de intervenção na sociedade. Diante disso, é necessária a formação de professores que compreendam verdadeiramente sua atuação no atual contexto escolar.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui relatada resultou na aplicação de uma sequência didática a respeito do gênero discursivo *fábula*. A escolha de tal gênero deu-se a partir do cronograma do terceiro trimestre da

professora tutora. Ademais, a escolha de tal gênero justifica-se por seu caráter lúdico que valoriza o pensamento crítico do discente, contribuindo para a formação do mesmo. A *fábula* proporciona o contato com situações reais do cotidiano humano ao apresentar comportamentos que, em sua maioria, não são adequados para um bom convívio social. De acordo com Lima e Rosa (2012), as fábulas podem aprimorar as habilidades de compreender, refletir e explorar, levando em consideração que,

Uma vez que o aluno compreende e reconhece a fábula, isso lhe possibilita uma orientação para a vida em dois aspectos; um em que concluem o entendimento de situações humanas fundamentais, e o outro em que a verdade abre seus olhos para o real, desconfortável lado da vida. Ao se trabalhar a fábula, percebe-se que ela tem nas aulas de literatura ou de português um significado especial na formação da personalidade dos alunos. (Lima e Rosa, 2012, p.160).

A fim de aproximar o gênero em questão à realidade dos educandos, foi traçado um paralelo com notícias atuais acerca do desmatamento e das queimadas na Amazônia, posto que o trabalho com os gêneros discursivos deve pautar-se na interação social e no estímulo à capacidade crítica e comunicativa, atuando como instrumento de reflexão, como pondera Marcuschi (2008):

desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social (2008. p.162).

Deste modo, o principal objetivo da presente SD foi apresentar o gênero discursivo *fábula* de maneira contextualizada com os atuais acontecimentos da sociedade brasileira, utilizando a metodologia de aulas expositivas e interativas. As atividades desenvolvidas pautaram-se na proposta de contribuir para as habilidades da capacidade de escrita e leitura dos alunos, estimulando o senso crítico por meio de debates e produção de uma *fábula*.

Na primeira aula, os conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero proposto foram levantados a partir de imagens de animais. Em seguida, apresentou-se a proposta da sequência didática e seus respectivos passos. Assim, foi apresentado o conceito e as características do gênero. A primeira atividade do Módulo I foi dividir a turma 6º ano Mo3 em grupos de cinco integrantes, com o auxílio da

professora tutora, o que causou certo desconforto em alguns alunos que não ficaram no grupo desejado. Em seguida, foram distribuídas algumas fábulas para que cada grupo lesse, discutisse e, por fim, explicasse o que entendeu. Nelly Novaes Coelho (2000) caracteriza a *fábula* como uma narrativa curta, vivenciada por animais, que possui como principal objetivo a transmissão de um valor moral.

No módulo II, foram entregues algumas atividades de fixação que os alunos colaram em seus cadernos. Seguidamente, leu-se a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, promulgada pela UNESCO, em 1978, e entregou-se algumas manchetes que tratavam sobre o tema “Queimadas e desmatamento na Amazônia”. A turma relatou não ter conhecimento sobre a Declaração Universal dos Direitos dos Animais e, além disso, o conhecimento demonstrado sobre os acontecimentos na Amazônia mostraram-se superficiais. Dessa forma, foi debatido entre os discentes qual é a relação estabelecida entre as notícias, as fábulas e a presente Declaração, buscando contextualizar os gêneros apresentados, sobretudo a *fábula*.

A penúltima aula, módulo III, foi destinada exclusivamente à produção dos textos. Em grupo, os educandos estabeleceram um paralelo entre os temas debatidos nas aulas anteriores para escreverem uma *fábula* que aborde as queimadas e o desmatamento na Amazônia. Durante esse momento, muitos alunos demonstraram dificuldade em iniciar o texto ou utilizar somente animais como personagens. Assim, destacou-se que um dos pontos principais para a produção de uma *fábula* é o uso da criatividade e do senso crítico. Além da produção dos textos, os alunos também elaboraram um desenho que, segundo eles, mais representou sua história.

Por fim, no último módulo, a sala foi organizada em círculo e cada representante de grupo leu em voz alta a fábula produzida. Alguns grupos não haviam terminado o texto ou o integrante que havia escrito faltou no dia da apresentação. Nesses casos, os alunos relataram aquilo que lembravam acerca de suas fábulas. Para finalizar o módulo IV, houve uma discussão sobre o aprendizado adquirido durante a aplicação da SD e quais são as medidas que cada um deve tomar para que o meio ambiente e o bem-estar dos animais sejam devidamente preservados e respeitados.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de avaliar o aprendizado adquirido pelos alunos a partir da sequência didática aplicada, ao final do módulo IV foi entregue à turma uma folha para avaliação anônima sobre a SD, para que relatassem os pontos positivos e negativos, bem como as sugestões de melhoria e os conhecimentos adquiridos. Desse modo, foi possível constatar que os alunos sentiam muita necessidade de expor suas opiniões e, a partir da SD, puderam aprender não só o conceito de *fábula*, mas também a relevância de preservar as florestas e desenvolver a consciência ambiental nas pessoas próximas a eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente relato de experiência, pautado no estudo do gênero *fábula* paralelamente às atuais manchetes sobre o desmatamento e as queimadas na Amazônia, evidenciou-se a pertinência do trabalho contextualizado de gêneros discursivos. Tal prática teve por objetivo a promoção do texto como ferramenta reflexiva dentro do cotidiano do aluno, apontando a necessidade de estratégias de leitura e escrita que levem em consideração o contexto social e histórico. Dessa forma, ressalta-se ainda o trabalho do professor de Língua Portuguesa como mediador na formação de valores e no desenvolvimento da capacidade discursiva, argumentativa e crítica dos alunos, para que produzam textos contextualizados e coerentes.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues e ROSA, Lúcia Regina Lucas da. O uso das fábulas no Ensino Fundamental para o Desenvolvimento da linguagem oral e escrita. **Revista Cippus**. Vol. 1. maio 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola, São Paulo, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

Colocação pronominal – uma perspectiva linguística e gramatical

Milena Guimarães Cristo

APRESENTAÇÃO

O presente relato destina-se a professores e estudantes da área de Língua Portuguesa como contribuição para a aplicação didática em sala de aula. A escolha do tema “Colocação Pronominal” ocorre devido ao uso recorrente das colocações durante o processo da fala, abordada em contraponto ao seu uso atual, observando como a prática deve ocorrer durante o processo de escrita, regida pela gramática. A partir disso, é realizada uma articulação entre gramática e literatura, com o objetivo de explicitação do conteúdo e apresentação de uma literatura. A prática introdutória do conteúdo foi a leitura do primeiro capítulo do livro *Cinco Minutos*, apresentando uma forma de uso da literatura como elemento de exemplificação e conhecimento de como José de Alencar utiliza as regras de colocação pronominal e para conhecimento e contextualização dessa literatura romântica. As turmas escolhidas para aplicação desse conteúdo foram os dois nonos anos (9ºV1 e 9ºV2), do turno vespertino.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A unidade de ensino EEEF Domingos Perim está localizada na Rua La Ville, número 134, no bairro Trinta de Dezembro, em Venda Nova do Imigrante. Essa instituição de ensino é responsável pela educação de alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental, com idades entre 10 a 15 anos. A escola estadual de Ensino Fundamental é dirigida pela diretora Débora Michela Falqueto Perim e pela pedagoga Jamara Nodari. O presente relato contemplou as turmas de 9º ano (V1 E V2), sob orientação do professor Luis Henrique Gonçalves Vargas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica para a formulação da aula prática e embasamento do conteúdo de colocação pronominal, foi utilizada *A moderna gramática de Língua Portuguesa*, do linguista Evanildo Bechara (2006). A utilização dessa gramática reforça o propósito da aula de apresentar a colocação pronominal como um uso linguístico exigido pela gramática para a aplicação de suas regras no processo escrito. Parafraseando Bechara (2006), as normas apresentadas nessa gramática são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas, como podemos observar,

A gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências de falar brasileiros cultos [...]. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. (BECHARA, 2001, p. 587).

Dessa forma, através da utilização desse texto e das relações pronominais ditadas pela gramática, busca-se apresentar as colocações pronominais (próclise, ênclise e mesóclise) em que os pronomes oblíquos átonos (me, te, se lhe, o, a, vos, nos, os, as e lhes) aparecem, descrevendo esta como uma tendência linguística gramatical aplicada à língua escrita.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência docente se inicia durante os momentos de planejamento do professor tutor, que eram aproveitados para o planejamento dessa prática. Após alguns diálogos sobre escolha de turma e quais conteúdos ainda não haviam sido apresentados, veio a sugestão do tema Colocação Pronominal. O professor sugeriu a aplicação do conteúdo juntamente a algum texto literário, para haver uma dinâmica entre texto e conteúdo, tornando a aula mais dinâmica e proveitosa. A partir do texto literário e do conteúdo, observamos que seria indispensável apresentar um contraponto da utilização dos pronomes oblíquos átonos durante a fala com a sua aplicação na escrita, já que esses usos costumam ser usados de maneiras diferentes daquelas regidas pela gramática. A apresentação desse contraste língua/escrita teve como objetivo apresentar a língua como algo

heterogêneo, composto pelas diversas características dos falantes, a fim de que todos compreendessem que nem tudo o que falamos se aplica à regra da escrita.

O texto utilizado para a abordagem do tema foi o primeiro capítulo do livro *Cinco Minutos*, de José de Alencar (1997). Anteriormente à sua leitura, foi feita uma contextualização do período de sua publicação. Após a atividade, algumas dúvidas surgiram devido à dificuldade dos alunos em compreender a escrita de Alencar, mas tendo explicado sobre o que se tratava a história e interpretado alguns parágrafos, eles conseguiram compreender. A partir disso fiz uma pequena observação sobre o texto, relacionando-o com a opinião dos alunos:

1) Assim como o personagem, vocês já passaram por situações semelhantes à de se apaixonar à primeira vista?

A maioria riu, ou disse que não acreditava em paixão à primeira vista, mas a partir da fala de uma aluna, que utilizou uma rede social para explicar o seu relacionamento, pude comparar a realidade da época com a influência das novas tecnologias na vida das pessoas.

O objetivo da leitura foi, principalmente, que os alunos percebessem como Alencar (1997) utiliza as colocações dos pronomes em seu texto. Para explicar quais pronomes eles deveriam observar, foi escrito no quadro a definição dos pronomes oblíquos átonos e quais eram eles (me, te, se, o, a, lhe...). Tendo conhecimento de quais eram, foram apresentadas as orientações sobre seu uso (próclise, ênclise e mesóclise), sendo utilizados alguns exemplos para a explicação de quando e onde os pronomes deveriam ser utilizados.

Durante as explicações, os alunos identificaram usos que eles já conheciam, como era o caso dos pronomes usados antes (próclise) e depois (ênclise) do verbo. Houve, porém, um estranhamento muito grande em relação ao pronome no meio do verbo (mesóclise), pois eles disseram que nunca utilizaram tal forma. Através disso, podemos observar os meios que utilizamos para evitar a mesóclise, o que eles acharam muito melhor. Nesse momento, o professor me lembra de comentar com a turma sobre o uso dos pronomes oblíquos no início de frase, que deve ser evitado na escrita também. Para explicar a teoria, foram utilizados os seguintes exemplos:

- a) Eu te amo.
- b) Amá-lo-ei.
- c) A mo-te.

A partir disso, surge a distinção da fala e da escrita, já que as regras utilizadas na norma padrão não são cobradas na oralidade. Após essa abordagem, e finalizado o processo explicativo, a fim de dar continuidade aos exercícios, concluo minha fala explicando os pronomes como elementos indispensáveis para a produção de coesão em um texto, já que ele evita que estes se tornem muito repetitivos.

As atividades propostas surgem como revisão do que já fora dito e como retomada do texto. Voltando para o uso do texto *Cinco Minutos*, os alunos deveriam observar e classificar a posição dos pronomes oblíquos átonos e refletir sobre sua função referencial, ou seja, dizer a quem esses pronomes faziam referência. Essa atividade contou com a colaboração da turma, e foi corrigida no mesmo momento. Na pergunta final, para observar a compreensão dos alunos sobre o que havia sido abordado - o pronome e sua função coesiva -, os discentes deveriam explicar a importância da coesão. Essa pergunta deveria ser respondida de forma breve, e ser entregue ao professor.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Através dessa aula, os alunos puderam conhecer um pouco mais sobre a obra *Cinco Minutos* e refletir sobre as realidades de uma época muito diferente da atual. Além disso, eles puderam compreender um pouco mais sobre o uso dos pronomes e as exigências gramaticais, bem como suas regras.

Ademais, a aula proporcionou observações sobre os usos da língua, compreendendo, de modo geral, que ela é formada pelos seus usos. Justificando essa explicação ao ensino dos diferentes usos da língua, os alunos conseguiram compreender que há casos em que será exigida a escrita de acordo com as normas gramaticais, mas que esses usos ocorrerão no momento da produção textual, de acordo com a necessidade do falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi apresentado, observa-se que este estudo objetivou uma explicação clara e dinâmica das regras de Colocação Pronominal. Essa apresentação contribui para a percepção dos usos da língua e a relação entre gramática e escrita, diferenciando,

assim, as formas como a língua vem sendo cobrada para um padrão perfeito de gramática. Esse assunto foi aceito pelos alunos que contribuíram como colaboradores para o desenvolvimento da temática. A partir das colaborações, sejam através de comentários ou por meio das atividades respondidas, os alunos se mostraram participativos e retomaram os conceitos já explicados, demonstrando entendimento no assunto que fora explicitado.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de Alencar. **Cinco minutos**. Coleção: L&PM Pocket. 1997.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Ver. e ampl. 16.^a reimpr. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- FERNANDES, Márcia. Colocação Pronominal. Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.portugues.com.br/gramatica/colocacaoonominal.html> FERNANDES>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

Relato de experiência do Ensino Fundamental II

Nicole Marriel Sales
Paloma Fia Rangel
Sabrina Baptista da Silva

APRESENTAÇÃO

O presente relato de experiência é destinado ao curso superior de Letras Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito avaliativo para a disciplina Estágio Supervisionado I, pertencente à grade curricular demandada. Além disso, também serve como uma descrição do que nós, enquanto estagiárias, pudemos obter ao entrar em contato com o “exercer da profissão”, que também pode proporcionar a possibilidade de formarmos nosso “perfil de profissional”, através do acompanhamento feito com as professoras atuantes na área de Língua Portuguesa, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Presidente Luebke”, observando suas práticas e métodos utilizados em sala de aula. A partir das conclusões e observações realizadas, montamos nossa regência com o tema Pronomes, a fim de auxiliar os alunos na compreensão do assunto, para que pudessem efetuar com êxito o simulado que acontece todo trimestre na instituição de ensino.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Presidente Luebke”, concedente de nosso estágio, localiza-se no centro da cidade de Vargem Alta – ES. Possui uma ampla estrutura, com suporte para 1500 alunos, sendo fundada em fevereiro de 1961. Comporta 14 salas de aulas e demais dependências da escola (banheiros, cozinha, auditório, etc.), como o próprio Projeto Político Pedagógico (PPP) discorre, além de também obter meios que facilitam a acessibilidade, como, por exemplo, um elevador. Atua durante os três turnos: matutino, com disponibilidade do Ensino Fundamental II; vespertino,

com Ensino Médio; e noturno com oferta do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O trio gestor que rege a escola é composto Elizabeth Maria Rodrigues Norbiato (Pedagoga), Diego Armando Vargas Costa (Diretor) e Regina Célia Ardisson Sartóri (Coordenadora), sendo funcionários prestativos, que buscam o bem comum para todos os que fazem parte da comunidade escolar.

Fomos instruídas na prática pelas professoras de Língua Portuguesa da instituição, Regina Célia Marinho e Regivana Alves Caliman (Tutoras), supervisionadas pelo trio gestor da escola, sobretudo pela pedagoga, e orientadas pela professora responsável da disciplina de estágio Selma Lúcia de Assis Pereira. Escolhemos duas turmas – 6º M1 e 6º M2 – para aplicarmos nossa regência, que visava à revisão do conteúdo “Pronomes”, para uma posterior aplicação do simulado, com valor total de 13 pontos, sendo este assunto proposto pelas professoras tutoras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentação teórica, utilizamos três gramáticos para nortear o nosso trabalho com a temática proposta, sendo eles Evanildo Bechara, Cunha & Cintra, e Rocha Lima.

Bechara (1999) classifica os pronomes em: pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos, indefinidos e relativos. O teórico mostra que, entre os pronomes pessoais, encontramos as formas de tratamento, que podem ser chamadas de formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento de 2ª pessoa, que levam o verbo para a 3ª pessoa.

Cunha & Cintra (2007: p. 289) definem pronomes de tratamento como “certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: você, o senhor, Vossa Excelência”, que direcionam o verbo para a 3ª pessoa, apesar de designarem a 2ª pessoa.

Por sua vez, Rocha Lima (2005) não traz uma definição específica para forma ou pronome de tratamento, apenas afirma que existem pronomes pessoais de 2ª pessoa que requerem o verbo na 3ª pessoa, citando “você/vocês” para o trato familiar, “Senhor e Senhora” para um tratamento cerimonioso e os pronomes de reverência, direcionados às pessoas que possuem títulos superiores.

Ao utilizarmos os estudos dos teóricos citados acima, pudemos elaborar o nosso plano de aula, de modo que orientasse uma regência coerente e coesa com a temática abordada, a fim de que os alunos pudessem compreender e fixar o conteúdo.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A regência aqui apresentada deu-se a partir de um planejamento pedagógico com as professoras tutoras de nosso período de estágio, voltado à disciplina de Língua Portuguesa, sobre o conteúdo gramatical com a temática “Pronomes”.

Nosso período de regência consistiu em duas aulas seguidas de 55 minutos cada, totalizando 1h e 40 min, em ambas as turmas de 6º ano (6ºM01 e 6ºM02), com o mesmo plano de aula, uma vez que realizariam o mesmo simulado.

Iniciamos as aulas nos apresentando, e seguimos a rotina com a qual os alunos estão acostumados. Escrevemos no quadro branco o roteiro da aula, apresentado abaixo:

Passo 1: Leitura da crônica;
Passo 2: Realização das atividades em conjunto com os alunos e as correções paralelas;
Passo 3: Música sobre pronomes;
Passo 4: Dinâmica.

Fonte: elaborado pelas autoras.

O primeiro passo da aula deu-se a partir da leitura de uma *crônica*, realizada pelos alunos com a nossa mediação, sendo necessário ajudá-los com a entonação e a pontuação correta. Foram necessárias duas leituras, pois todos os alunos quiseram participar. Em seguida, perguntamos aos alunos o que eles entenderam do texto lido e fizemos uma discussão a respeito. Após a discussão, perguntamos aos discentes se eles conheciam o gênero *crônica* e o que eles acharam do texto lido. Para a nossa surpresa, a maioria dos alunos não sabia ou não lembrava, no entanto, os alunos relataram que gostaram muito do texto proposto. Assim, explicamos rapidamente o gênero e os alunos compreenderam.

O segundo passo da aula foi a realização das atividades sobre a *crônica*. Cada aluno leu uma questão em voz alta e responderam da

mesma maneira. Acreditamos que essa forma foi adequada com base no curto período de tempo que tivemos. Assim, pudemos avaliar a oralidade, a criticidade e o nível de compreensão dos alunos acerca do texto. Então, realizamos as atividades juntos e fizemos a correção de questão por questão, no quadro. Após as respostas dos alunos, nós, estagiárias, fomos nos certificando de que todos estavam realizando as atividades.

A partir da crônica e dos levantamentos feitos a partir do texto, prosseguimos com o ensino de Pronomes. Salientamos que em todo o processo usamos a crônica em questão como base da aula. Em seguida, apresentamos a música “Pronomes” do grupo *Descomplicando na Web*. Tal música foi selecionada tendo em vista a intenção de revisar o conteúdo para a posterior realização do simulado.

Depois de cantarmos a música repetidas vezes, fizemos uma dinâmica sobre o conteúdo abordado. A tarefa consistia em dividir a sala em dois grupos, e cada “rodada” um participante de cada grupo retirava um papel com uma frase. Os participantes retornavam para seus grupos e discutiam a classificação do pronome grifado em cada frase. Quando finalizavam as discussões, precisavam encaixar o pronome na tabela de classificação que estava “desenhada” no quadro.

Em uma atividade diagnóstica, observamos certa carência no entendimento dos alunos sobre a matéria, mas, no decorrer das aulas regidas, os discentes foram extremamente participativos e com as explicações, esclarecimento de dúvidas e exercícios para firmar a compreensão, demonstraram fixação do conteúdo proposto.

As aulas tiveram como finalidade uma revisão para um simulado, e, em uma devolutiva das professoras tutoras, as mesmas demonstraram satisfação ao nos comunicar que todas as notas do simulado de português ficaram acima da média, nos deixando, assim, com sensação de dever cumprido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrarmos em contato com os alunos durante a regência, pudemos, por um instante, nos sentir na posição de professor. É um momento extremamente interessante e que nos deixa um pouco assustadas, pois é algo novo, que nunca tivemos a oportunidade de vivenciar. Ficamos muito animadas com o entusiasmo dos alunos, que

demonstraram muito afeto e atenderam as nossas demandas por meio do desenvolvimento das atividades. Todos queriam participar, ler, fazer parte da aula de alguma maneira, o que tornou assim um momento gratificante para nós. Observar e vivenciar, por parte do aluno, o gosto pela aula e sua interação com as atividades, nos dá ânimo para exercer a profissão.

Sabemos que nem sempre as aulas serão produtivas, mas nós, enquanto futuras docentes, temos que ter em mente que as adversidades e dificuldades estão no meio educacional para serem superadas. Para isso, é importante adaptar o conteúdo à realidade das crianças, por mais difícil que seja, pois, assim, elas também se sentirão estimuladas para aprender e, conseqüentemente, nos proporcionarão um retorno também estimulador, traduzindo-se em uma troca mútua de aprendizado.

REFERÊNCIAS:

ALBERGARIA, Lino de. **Coração conta diferente**. São Paulo: Scipione, 1992.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira (2009).

CUNHA; CINTRA. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. São Paulo. Lexikon 2007.

ROCHA; LIMA. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo. José Olympio. 2005.

Relato de experiência

Rafael Gonçalves Marotto

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que se segue possui o objetivo de apresentar os momentos vivenciados por mim, Rafael Gonçalves Marotto, estudante do 6º período do curso de graduação de Licenciatura em Letras Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, durante o estágio obrigatório. Esse estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, situada em Venda Nova do imigrante, ES.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO CONCEDENTE DO ESTÁGIO

Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, como dito anteriormente, situa-se em Venda Nova do Imigrante, na rua La Ville, nº 134, Bairro Trinta de Dezembro, sendo representada, durante a realização do estágio pela diretora Débora Michela Falqueto Perim, e pela pedagoga e supervisora de estágio Jamara Nodari. A escola Domingos Perim atende ao público do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, nos turnos matutino e vespertino.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Ao adentrar na escola EEEF Domingos Perim, lembrei-me das experiências ali vividas, no ano de 2018. Lembrei-me do quanto fui bem acolhido pela gestão e pelos docentes que ali lecionam. No primeiro dia de estágio, 22 de agosto de 2019, quinta-feira, dia do planejamento da área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias, pude conversar com o professor tutor. Meu primeiro contato com a sala de aula deu-se no dia 09 de setembro, segunda-feira, com indagações feitas pelos alunos sobre a minha presença ali e até especulações sobre minha volta.

Observo que as aulas do professor tutor Luís Henrique Vargas são desapegadas do livro didático. Não que este material seja rejeitado, mas, por diversas vezes, o livro foi substituído pelo velho quadro, as atividades em folhinhas e o moderno *datashow*, além de diversas atividades com salas de aula virtual, que cativam os alunos a participar.

Durante os primeiros dias que acompanhava o professor Luís, a observação marcava presença de forma unânime, para que somente após três semanas de início do estágio, a coparticipação pudesse adentrar em minhas práticas. Nesse primeiro momento de “colocar a mão na massa”, por mais que me encontrasse em um estado imóvel, silencioso e concentrado, pude contribuir com a montagem do *datashow* e auxiliar na correção dos exercícios, como solicitado pelo professor tutor. Depois desse dia, a coparticipação marcou presença no estágio e outros momentos de prática de sala de aula.

Em outros momentos, durante o planejamento do professor, pude auxiliá-lo na correção da produção textual dos alunos do 9º ano. Verifiquei as dificuldades e pude verificar com o professor tutor, a estrutura das questões que estavam sendo encaminhadas aos e-mails das turmas, ação essa que me fez pensar sobre a elaboração de questionários virtuais aos meus atuais e futuros alunos. Observei como os alunos estavam fazendo a atividade, entendi a sua realidade; vi sua vontade de aprender e de entender os conteúdos trabalhados; presenciei a falta desses desejos entre alguns alunos, dentre outras atividades.

Uma das maiores dificuldades durante o estágio foi a regência em si, considerando que a falta de experiência com a língua dificultava a tranquilidade e a leveza que carrego comigo nas aulas de Artes que leciono. Lembro-me das inseguranças, das incertezas, e, às vezes, do desconhecimento de alguns conceitos. Um dos momentos que me assustou foi durante uma aula com o 8º V02. Os alunos, junto ao professor, estavam estudando algumas classificações morfossintáticas, conteúdo que havia estudado no primeiro semestre deste ano, 2019. O medo de dizer algo errado me tomava, mas deu tudo certo. Isso me fez compreender a importância de o professor estar sempre preparado para “o que der e vier”.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Posso elencar, com toda essa trajetória apresentada, alguns importantes resultados: i) o aprendizado adquirido com o professor tutor: as relações existentes entre aluno/aluno e aluno/professor e o conhecimento adquirido com todo o corpo educativo que compõe a escola; ii) o quão necessário é aprender: aprender no sentido de construir mais conhecimentos para exercer, ministrar, futuramente, as aulas de Língua Portuguesa, e como é fundamental ter conhecimentos sobre os conteúdos e, principalmente, a forma correta de passar os conceitos aos alunos. iii) pude ainda refletir sobre o profissional que quero ser e a forma como quero construir o aprendizado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todas as vivências de sala de aula, concluo o quanto o estágio tem me proporcionado relacionar os conceitos estudados durante as aulas de didáticas, com as práticas de uma sala de aula heterogênea, com sujeitos diferentes, realidades e necessidades distintas, lidar com as diferentes e variadas dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação, e, principalmente, a luta por um aprendizado eficaz, unânime e de qualidade.

Outro detalhe de grande destaque que deve estar presente nesse relato é a forma que o docente recebe e é recebido pelos alunos. Observo que o professor tutor transforma as quatro paredes de uma sala de aula tradicional e monótona, com aulas maçantes e um currículo cheio de regras, em relações modernas e completas de interação e brincadeiras, em que o aprendizado acontece. Concordando com Freire (2002, p. 21) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Com todos esses momentos de coparticipação, dentre outros, posso confirmar que a escola é como o espaço. Alguns dizem que ambos os lugares são encantadores, convidativos, lúdicos e inesperados, lugares cheios de coisas para serem descobertas; enquanto outros afirmam que são assustadores, cheio de lugares escuros e sombrios, cansativo e inesperado, fora os monstros à solta. Enfim, mais coisas ruins do que boas. Mas a verdade é que a única

forma de saber como é o espaço é indo até lá, e isso ainda não foi vivenciado por mim, então não possuo opinião. Agora a escola é outra história, me encantei.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência. Estágio: diferentes concepções**. 8ª ed. São Paulo. Editora Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1995.

FERRAZ, Maria; FUSARI, Maria. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

Gênero *sinopse*: sustentabilidade

Stefani Moreira da Costa

APRESENTAÇÃO

Esse relato tem por objetivo apresentar as vivências ocorridas na escola e em sala de aula. Vale ressaltar que o Estágio Supervisionado I foi desenvolvido com o Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Pianzola. A disciplina se deu por meio da necessidade de conciliar teoria e prática em âmbito escolar. Com isso, o contato com a realidade educacional proporcionou um amadurecimento de ideias e muitas reflexões sobre as mudanças que podem decorrer da didática do professor.

A disciplina foi aplicada à turma do 6º período de Letras Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante. Sendo assim, no relato será apresentada uma sequência didática sobre o tema “Sustentabilidade”, a partir do gênero *sinopse*, para a turma do 7º ano, matutino. Nessa sequência, foi passado um filme intitulado *O Lórax: em busca da trúfula perdida* que dialoga com a sustentabilidade e também com o gênero citado.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Pianzola está situada no Distrito de Aracê, Fazenda do Estado – BR 262, Km 94, Domingos Martins – ES. O ambiente escolar possui oito salas de aula, sendo uma dedicada ao AEE e uma para DVD. A estrutura conta com a sala dos professores ao lado da secretaria e sala da diretoria. Perto da sala da educação infantil, encontra-se a biblioteca e a cozinha. Logo em seguida, temos dois banheiros no primeiro andar (masculino e feminino). No segundo andar, temos mais dois banheiros e três salas de aula, contando com a de DVD.

A escola conta com quatro funcionárias auxiliares de serviços gerais, sendo duas na cozinha e duas na limpeza. Possui uma secretária, uma coordenadora, um pedagogo e uma diretora. A grade

de professores é formada por dez profissionais, que lecionam as disciplinas de Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física, Artes, Inglês, etc. A entidade abriga turmas do 1º ao 9º ano e atende ao público das comunidades de São Bento, Vivendas, Califórnia, Peçanha, União, etc.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como já citado, a teoria e a prática andam juntas. Sendo assim, meu plano de aula trouxe como embasamento os teóricos Hubner (2016) e Freire (2008). O pesquisador Hubner faz referência a Ducrot para explicar sobre a argumentação da língua:

Ducrot, diz que a língua é argumentativa, ou seja, que ao enunciar o locutor expõe seu ponto de vista sobre o mundo, vai contra a concepção de sentido tradicional, que diz que a linguagem é expressa por aspectos objetivos (representação da realidade), subjetivos (atitude do leitor diante da realidade) e intersubjetivos (relação locutor - alocutário), em que o primeiro seria um sentido literal (denotação) e os outros dois um sentido figurado (conotação) (HUBNER, 2016, p. 116).

O pesquisador citado acima foi utilizado para embasar a aula, pois um dos critérios avaliados foi a argumentação dos alunos, considerando o desenvolvimento argumentativo dos estudantes perante os fatos abordados em sala de aula. Por meio deste, foi possível perceber qual sentido está mais presente na fala dos educandos.

O segundo teórico que embasou a aula foi Freire (2008). O autor foi selecionado pois retrata a conscientização crítica dos alunos. O intuito da aula era proporcionar a conscientização e a formação de argumentos sobre o tema abordado. Segundo Freire,

Toma corpo a ideia de uma educação libertadora que contribua para formar a consciência crítica e estimular a participação responsável do indivíduo nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos. (FREIRE, 2008, p. 9).

Portanto, é preciso perceber que os professores desempenham uma função de formadores de opinião em sala de aula. Nesse caso, é preciso ensinar os alunos a formar suas próprias opiniões. Com o Estágio Supervisionado, pôde-se desfrutar do gostinho da docência e do contato com o conhecimento e a vida no âmbito escolar.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência descrita neste relato foi resultado do cumprimento de uma aula obrigatória pelo estágio. Diante de uma conversa com o professor de Português, foi decidido que o tema seria “sustentabilidade”. O assunto para trabalho com a turma foi selecionado pelo professor regente da turma, levando em conta minha formação profissional. Como já mencionado, o tema escolhido refere-se à sustentabilidade, embasado pelo gênero *sinopse*. De imediato, foi pensado em um mapa conceitual, em que os alunos abordassem a visão sobre a temática, isto é, o significado da palavra “sustentabilidade” para eles. Dando seguimento, após a junção de ideias do mapa, abordei o verdadeiro significado do termo e defini também o conceito do gênero que seria trabalhado.

A fim de conscientizar os alunos, proporcionei alguns momentos da aula para fazer perguntas relacionadas ao cotidiano deles e a práticas sustentáveis no ambiente casual dos estudantes. Para finalizar a primeira aula, foi feita uma lista do que os alunos poderiam fazer para terem atitudes sustentáveis em casa e na sociedade.

Nas segunda e terceira aulas, os alunos foram levados para o *Incaper* para assistirem a um filme sobre sustentabilidade. O filme apresentado foi *O Lórax, em busca da trúfula perdida*. Junto a esse filme, propusemos uma atividade com duas sinopses de filmes diferentes, as quais os alunos teriam que comparar e fazer referência ao filme assistido.

Na quarta e última aula, foi feita uma roda de conversa com os alunos. Nessa roda, debatemos sobre o filme assistido e também sobre algumas questões referentes ao meio ambiente. Os alunos pareceram bem conscientes e não paravam de lembrar cenas do filme, apresentando a seu tempo, suas opiniões. Para finalizar a aula, mais uma vez, retomei o conceito de sustentabilidade e recolhi as atividades sobre *sinopse* que havia pedido.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Para avaliar os alunos, foi proposta uma atividade sobre *sinopse*, a partir de dois exemplos do gênero, sobre filmes diferentes. A intenção da atividade era relacionar essas *sinopses* ao filme que eles

viram e comentar os pontos comuns. Nessa atividade os alunos conseguiram entender a definição do gênero bem como suas características.

Na roda de conversa foi avaliada a capacidade dos alunos em argumentar sobre as perguntas que foram entregues a eles e a capacidade em associar cenas do filme a fatos cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do filme, foi possível atingir a conscientização e a criticidade dos alunos. Mostramos para eles que o desmatamento e a ganância do ser humano podem acabar com o nosso planeta num “pisar de olhos”. Com as atividades apresentadas em sala de aula, foi possível perceber que muitos discentes se sentiram tocados por alguns atos que já cometeram contra a natureza, além de exporem algumas críticas relacionadas à sociedade atual, em relação ao meio ambiente.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Centauro, São Paulo: 2008.
HÜBNER, Larissa Pontes. Contribuições da Semântica Argumentativa na compreensão de questões do Enem. **Entretextos**, Londrina, v. 16, p.107-125, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/22975/20764>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

A importância da leitura: uma prática desenvolvida com o 7º ano

Tainara da Silva Gonçalves

APRESENTAÇÃO

O relato de experiência que segue destina-se aos professores de Língua Portuguesa. Neste relato será abordado o tema transversal “A importância da leitura”, destinado ao Ensino Fundamental II, em específico ao sétimo ano. A prática da leitura é fundamental no processo de aprendizagem, pois através dela são adquiridos muitos benefícios e habilidades, como a melhoria da oralidade, da escrita, da criticidade, entre várias outras habilidades.

O contato com a leitura é realizado em diversos momentos, inclusive no ambiente escolar, onde os alunos estão em contato com os mais variados tipos de textos. Stella Maris Bortoni Ricardo, em sua obra *Leitura e Mediação Pedagógica* (2012), traz uma proposta bastante relevante para o trabalho com a leitura em sala de aula, buscando moldar o olhar do professor, intensificando e aprimorando as práticas leitoras. Nesse sentido, este relato visa a apresentar a experiência obtida por meio desta temática, buscando incentivá-la a fim de mostrar sua relevância em nossas vidas.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A “E.E.E.F.M. Professora Aldy Soares Merçon Vargas” é uma Instituição Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no centro do município de Conceição do Castelo, e funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com média 751alunos, incluindo aqueles com necessidades especiais. A escola é ampla, sendo composta por secretaria, sala de planejamento, biblioteca, sala dos professores, sala da diretora, sala das pedagogas e da coordenação, duas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), refeitório, cozinha, 13 salas de aula, banheiros, pátio externo, ginásio, entre outras acomodações.

Durante o processo do Estágio Supervisionado I, foram acompanhadas três turmas do turno matutino, sendo elas 6º M1, 6º M2 e 7º M1. O presente relato é referente à aula de regência desenvolvida na turma do 7º M1, composta por, em média, 30 alunos com idade entre 11 e 13 anos, com personalidades diferentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estágio como parte da formação nos cursos de Licenciaturas é fundamental, pois através dele é possível o contato com os alunos, vivenciando a realidade da sala de aula e nos preparando para nossa atuação como futuros professores, buscando influenciar, de forma positiva, o aprendizado dos alunos, assim como em sua formação como sujeito. Segundo as autoras Pimenta e Lima:

De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação (PIMENTA, LIMA, 2012, p. 41).

Pensando a respeito da importância da leitura, tema ministrado na aula de regência, Bortoni-Ricardo nos diz que:

Há um consenso entre teóricos e professores, segundo o qual a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 87).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A temática escolhida se deu a partir de algumas discussões realizadas por mim e professor tutor Willian Ribeiro, em diálogo com a supervisora do estágio, a pedagoga Beatriz Driusso. Foi definida a aplicação do tema com a turma do sétimo ano, pelo fato de haver pouco interesse da classe em relação ao hábito da leitura, prejudicando assim no aprendizado e desenvolvimento das atividades. O professor propôs o desafio de mostrar aos alunos a importância da leitura, apontando os baixos índices do Brasil em relação aos outros

países, assim como os benefícios por ela proporcionados, tendo como intuito incentivá-la. Admito que foi algo desafiador, porém fiquei entusiasmada com o tema.

O momento da regência se deu no dia 25 de outubro de 2019, na quarta e quinta aula do turno matutino. Como forma de trabalhar o tema, foi pensado um plano de aula com o objetivo de aproveitar o tempo da melhor forma possível, propondo uma aula dialogada e expositiva, visando a participação e interação de todos. Em sala de aula foi organizada uma roda de conversa, em que foram expostos livros da biblioteca de diversos gêneros (literatura, poesia, romance, fábulas, contos, aventura), dentre outros, atendendo aos diversos gostos. Alguns dias antes, foi pedido aos alunos que trouxessem para a aula o que eles costumavam ler, podendo incluir qualquer tipo de leitura, de acordo com a escolha de cada um.

No primeiro momento, houve a apresentação do tema e logo em seguida foram feitas as seguintes perguntas: Quem gosta de ler? E o que gostam de ler? Neste instante, os alunos olhavam pensativos e a maioria das respostas obtidas foram positivas, mesmo sabendo da realidade da turma. Segundo a resposta dos próprios alunos, alguns gostavam de ler e outros não. Foram ouvidos comentários parecidos, como o gosto por histórias em quadrinhos, romances, aventuras, entre outras. Ao ouvi-los pude perceber que muitos deles estavam envergonhados, porém, aos poucos foram ficando mais à vontade, sendo participativos e falantes, tornando a aula descontraída.

Dando continuidade, apresentei a eles alguns tipos de leitura incluindo a leitura em voz alta, em silêncio, reflexiva, recreativa e rápida, explicando, de forma sucinta, cada uma delas. Como base, foi utilizada uma folha com os tipos de leituras apresentadas. Uma das coisas que quis salientar foi que, independente da forma que ela seja realizada, o importante é ler, pois a leitura pode nos proporcionar coisas inexplicáveis, as quais nem imaginamos. No momento do diálogo, os discentes se mostraram interessados e queriam a todo tempo expressar suas opiniões.

Em seguida, perguntei a eles se sabiam o que é comemorado no dia 07 de janeiro, no Brasil e uma das alunas respondeu: “o dia do leitor”. Os alunos ficaram entusiasmados neste momento e elogiaram a colega de sala. Logo após, conversei com eles sobre a importância da leitura, utilizando um cartaz. Trouxe, além disso, alguns dados

relacionados aos índices de leitura no Brasil, fazendo uma comparação com a Argentina, mostrando que o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano e que 30% da população brasileira nunca comprou um livro, enquanto os argentinos dispõem de uma média anual de doze livros por habitante. Neste momento, os alunos se mostraram surpresos e pensativos, conversando entre si sobre o fato. Disse a eles que a realidade é triste, porém se cada um de nós fizer a nossa parte e ler, nem que seja um pouco, quem sabe um dia poderemos melhorar esses índices, melhorando a situação em que nos encontramos.

Posteriormente, pensando no ato de leitura, foram distribuídas para cada um dos alunos citações de autores, mostrando, através de pensamentos, a importância da leitura para a nossa vida, como forma de incentivá-los. Em um primeiro instante, comecei com a leitura, logo em seguida solicitei que lessem as mensagens em voz alta e que ouvissem o que o colega diz, buscando refletir sobre cada uma delas. O resultado foi positivo e pareciam gostar do que ouviram. Ao término das leituras, aconselhei que guardassem os papéis e mostrassem para os amigos e familiares o quão importante é a leitura. Fiquei feliz ao ver que alguns dos alunos as colaram nas capas de seus cadernos.

Como forma de incentivar a leitura, foi requisitado aos alunos que, de três em três, se dirigissem até a mesa dos livros e escolhessem algum. Podiam abrir e folhear. Nesse momento se mostraram interessados e curiosos. Em seguida, quando todos já haviam escolhido seu livro, pedi que cada um falasse o título e o autor escolhido, para que os colegas tivessem conhecimento e dialogassem se já conheciam as obras.

Para finalizar, foi proposta a seguinte atividade: foram distribuídas algumas folhas com o título “A Importância da Leitura”, assim como as letras que compõem a palavra “leitura” e, em duplas, os discentes realizaram a construção de um acróstico, mostrando os conhecimentos adquiridos por meio das discussões e explicitando seus entendimentos sobre a importância da leitura, que resultam em escritas pertinentes e relevantes.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos mediante as aulas foram satisfatórios, visto que houve o entendimento sobre a importância da leitura e os benefícios

obtidos através da mesma, sendo efetivada a interação entre os alunos e havendo a troca de opiniões, assim como o envolvimento e entusiasmo na realização das atividades e dinâmicas propostas.

Durante a realização da atividade, os discentes tiveram a oportunidade de exercitar sua criticidade, tendo contato com os colegas, o que é fundamental para o aprendizado, em que todos têm a oportunidade de compartilhar suas ideias em prol de um propósito - que é a realização da tarefa, gerando e obtendo conhecimentos. Através dessa prática, foi possível observar a reação dos alunos, ouvindo suas opiniões e observando suas dificuldades e gostos, buscando moldar meu olhar, como futura professora de Língua Portuguesa, em enxergar as necessidades dos discentes através de cada gesto, o que fez toda a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio da prática e dos resultados alcançados, gostaria de frisar o entusiasmo dos alunos diante de aulas que fogem do tradicionalismo, que é, em geral, a realidade de muitas escolas. É nítida a empolgação deles ao vivenciar práticas inovadoras e que propõe algo diferenciado, fazendo com que haja uma maior participação por parte deles. Sabemos que o trabalho do professor requer pesquisa e prática, a fim de, a partir de cada vivência, sendo ela positiva ou negativa buscar um aperfeiçoamento, levando em consideração a realidade de cada turma e aluno.

Como aluna do curso de Licenciatura em Letras, posso afirmar que o estágio é de suma importância no processo de formação e aprendizado, pois, a partir dele, foi possível uma maior aproximação e contato com o ambiente escolar, assim como com os alunos e o professor, de modo que haja a troca de opiniões, saberes e práticas, fundamentais ao fazer docente.

Diante da prática realizada com os alunos sobre a importância da leitura, foi muito gratificante poder mostrar a eles o quão importante é o ato de ler. Ao final da regência, fui aplaudida e me elogiaram, dizendo que serei uma boa professora. Sei que ainda é muito cedo para afirmar isso, porém, pretendo fazer o possível para que isso se concretize e que eu possa futuramente exercer minha profissão como professora de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

PIMENTA, Selma Garrido. Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RICARDO. Stella Maris Bortoni. **Leitura e mediação pedagógica**. Parábola. São Paulo. 2012. 256p.

Concordância nominal, interpretação de textos híbridos e intertextualidade na sala de aula

Wellisson Vitor Peizini Dordenoni

APRESENTAÇÃO

Este relatório elenca práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula da escola pública Domingos Perim. Essas práticas tiveram o intuito de servir de experiência para estagiários do curso de Licenciatura em Letras, com Habilitação em Português, bem como seus objetivos, métodos, referenciais teóricos e resultados. Considerando o cenário atual de ensino/aprendizagem, em que os métodos de ensino antigos focados no texto já se mostram insuficientes e, muitas vezes, ineficientes e cansativos, e entendendo que o texto já não representa uma unidade limitada em si, as aulas, em que esse relatório se baseia, foram ministradas com o objetivo de visualizar o uso do cinema (sem narrativa explícita) com o auxílio de texto escrito para interpretação intertextual de textos que mantêm relações de sentido. Além disso, foi trabalhada a concordância nominal em textos escritos, tendo como base de entendimento a oralidade. Tais métodos são importantes para o contexto atual, pois são capazes de trabalhar a interpretação, que vem, cada vez mais, se mostrando deficiente nas escolas, sem abandonar as questões gramaticais e a formação intelectual crítica do alunado.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim é uma escola da rede pública estadual que oferece as modalidades de Ensino Fundamental I e II para alunos da região de Venda Nova do Imigrante no estado do Espírito Santo. A escola comporta cerca de 630 alunos em seus turnos matutino e vespertino, nesse número, também estão incluídos os alunos da modalidade AEE. A instituição tem estrutura física e recursos para suprir basicamente as necessidades dos discentes e docentes. Enfatizamos que a experiência contida nesse relato se limita às turmas dos anos finais, sendo todos os 9º anos do turno matutino, M1, M2 e M3,

cada uma com cerca de 30 alunos, além de dois alunos com necessidades especiais em cada turma, M2 e M3. No geral, os alunos apresentaram certo domínio na interpretação do curta, mostrando como os recursos audiovisuais estão presentes em suas vidas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso do filme na sala de aula tem como fundamentação teórica, além das vastas críticas quanto ao ensino estagnado ao texto puro e escrito que tanto se critica em salas de formação de professores, as ideias das autoras Roseana Moreira de Figueiredo Coelho e Marger da Conceição Ventura Viana, que vêem o cinema como um recurso de expansão da visão discente e que abre a possibilidade de novas perspectivas, tanto ao aluno quanto ao professor, uma vez que se trata de um recurso audiovisual que vem sendo cada vez mais aplicado na sala de aula, pois “Assim, como o cinema é uma arte visual relativamente nova, pode ampliar a visão da educação dada em sala de aula e oferecer forma diferente de ensinar.” (COELHO, VIANA, 2011, p. 92). Essa visão muito se relaciona aos objetivos da prática pedagógica aqui exposta, pois traz, como diz a autora, “uma forma diferente de ensinar”, que foge do, já criticado aqui, ensino do texto como unidade isolada em si, criando novas possibilidades de ensino/aprendizagem, uma vez que “O cinema pode muito bem servir como instrumento útil ao processo de ensino aprendizagem, pois educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente. É educar o olhar.” (COELHO, VIANA, 2011, p. 91).

Além disso, um filme sem narrativa explícita como *The last Bastion*, permite, principalmente, uma reflexão quanto ao uso do texto, uma vez que, para criar sentido, o aluno precisa também criar uma narrativa mental sólida para ele. Essa criação da narrativa será auxiliada com o texto seguinte ao filme, que servirá como uma base da construção da narrativa. Irlandé Costa Antunes defende que:

É mais do que consensual o princípio de que o objeto de ensino da língua é o texto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) explicitam muito relevantemente esse princípio. Propõe, assim, que os eixos de estudo da língua sejam o seu USO e REFLEXÃO sobre esse mesmo uso, o que, naturalmente, engloba atividades de escuta, de leitura, de produção e de análise de textos orais e escritos. (ANTUNES, 2000, p.13)

Isso quer dizer que não basta dar um texto e cobrar sua interpretação. É necessário, também, que se reflita sobre o uso da língua como criação de sentido, em todos os seus âmbitos. Nesse caso, foram abordadas nos textos a concordância nominal como recurso criador de sentido.

Para a aula teórica, foram usados os conceitos de concordância nominal de Evanildo Bechara que em seu livro *Moderna Gramática Portuguesa* defende que “Em português a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.” (BECHARA, 2015. p. 554). Sabendo que não se pode abandonar a gramática na sala de aula, Bechara possibilita um trabalho mais didático com os alunos. Por isso trouxe esse autor em detrimentos de vários outros também relevantes na área.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência descrita neste tópico foi pensada e planejada a partir de um longo período de observação e participação nas salas dos 9º anos do Ensino Fundamental I, e buscou compensar as aulas baseadas no livro didático em que não se interpreta os modos de comunicação, apenas os decodifica, o que parece criar no aluno uma espécie de vício que o impossibilita de ver o texto como objeto e ato de fala relacionado ao mundo e à pessoa que o produz. Partindo da necessidade de que os alunos vejam o texto como um objeto de comunicação que reflete e se relaciona a outros contextos e meios de comunicação, conclui-se que trabalhar textos não implícitos que dialogam com a mente e a criatividade do aluno ao mesmo tempo, poderia ser um bom começo de diálogo e de motivação para os alunos.

Deste modo, a experiência começa com o curta-metragem sendo projetado no quadro branco, para que os alunos possam começar a criar o próprio pensamento em relação ao texto, baseados puramente em seus métodos internos de análise. Em seguida, com o intuito de instigá-los para além de seus pensamentos, os alunos foram estimulados com algumas questões. Primeiro com questões que se relacionam com o gênero (narrativo), mesmo que não exposto, como: qual o ambiente em que a história acontece? Quem são os personagens? Quais seus objetivos? Também foram feitas algumas perguntas menos óbvias, mas que também se relacionam com o texto:

Qual a relação entre os personagens? Vocês acham que o personagem Bastion (um robô) tem sentimentos? Por que acham isso? As atitudes dos personagens são só deles ou são influenciados de alguma forma? E outras questões que foram surgindo do diálogo, uma vez que os alunos eram os protagonistas e o professor, o apoio.

Na segunda parte da aula, o texto *Gengis Khan* ganha espaço. Ele foi apresentado aos alunos tendo algumas palavras removidas, que são as palavras que mantêm relação de concordância nominal, tema que será trabalhado mais a frente. Isso foi feito com o objetivo de captar a atenção dos alunos e mostrar que eles já conseguem completar as informações que faltam, já que essas informações fazem parte de uma compreensão esperada ou uma aproximação. Após a leitura do texto, foram feitas perguntas tais quais os questionamentos feitos no momento do vídeo, e ficou perceptível como eles têm mais liberdade em interpretar um texto dado apenas em imagens. Em partes em que o texto apenas apresenta uma floresta, eles tiraram informações mais profundas como a estação do ano e uma aproximação do bioma, o que não aconteceu no texto escrito, pois estavam limitados ao que estava na superfície textual. Entretanto, ambos os textos são extremamente importantes, pois, como dito anteriormente, eles se completam e possibilitam uma interpretação mais dinâmica.

Ao fim da primeira aula, e discutido ambos os textos, foram apresentadas atividades de direcionamento em relação ao mundo em que vivem. As atividades elencadas deveriam ser capazes de trabalhar sentimentos, moral e relações sociais. Esse tipo de atividade funciona como um *link* entre tudo que o aluno viu em sala e, também, o que vê fora dela, além de começar a direcioná-los para o assunto de discussão.

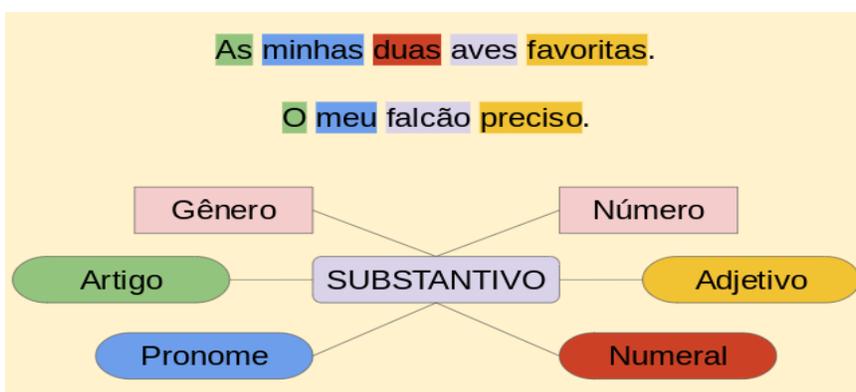
- 1) As histórias têm alguns aspectos em comum, fale um pouco sobre eles.
- 2) A última oração do texto *Gengis Khan e Seu Falcão*, fala sobre ações motivadas pela fúria, como essa fala se relaciona ao vídeo *O Último Bastion*.
- 3) Em ambos os textos os personagens agem pela influência dos outros, quais foram essas ações?
- 4) Podemos dizer que, no final, Gengis Khan e o Bastion tomam a mesma decisão?
- 5) Para você quem são as pessoas mais influentes da sua época? E como elas contribuem ou atrapalham para que as pessoas formem própria opinião?

Fonte: elaborado pelo autor.

Vale ressaltar que, como as atividades propostas são de discussão, os assuntos podem seguir um fluxo diferente do que se propõe, fazendo relações, e até mesmo fugindo completamente ao desejado. Assim, cabe ao professor ter a visão de manter o debate fluindo entre os alunos, tentando, ao máximo, manter a discussão nos tópicos principais.

A segunda aula buscou fixar todas as ideias dos alunos e passá-las para o papel. Para isso, foi proposta uma atividade escrita, em que os alunos deveriam pensar em um enredo para o filme, isto é, deveriam criar uma narrativa que elencasse alguns de seus elementos como os já propostos nas discussões da primeira aula. Além disso, os alunos não foram limitados apenas ao enredo do filme, eles ficaram livres para dar nomes e sentimentos aos personagens, baseados em suas atitudes, linguagem corporal e até mesmo a sua aparência, deveres e posição identificada na sociedade; também poderiam dar nomes aos ambientes mostrados no filme.

Essa experiência termina na terceira aula. Aqui trouxemos os conceitos de concordância nominal de Evanildo Bechara. No começo, foi necessário fazer uma breve introdução sobre a concordância e depois o assunto foi fechado com concordância nominal. Além do conceito, foi esclarecido o que é gênero e número dentro da Língua Portuguesa, já que eles precisarão desse conhecimento para seguir com as aulas. Para facilitar o entendimento, os termos foram passados em esquemas que chamam bastante atenção:



Fonte: elaborado pelo autor.

Vale lembrar que toda a aula se deu por meio do diálogo e os alunos foram questionados o tempo todo. Antes de esclarecer o conceito, o professor também perguntou o que eles já sabiam sobre o assunto, e tentou fazê-los refletir sobre suas respostas. Para que o conteúdo não ficasse restrito à gramática, foi levado um texto que se relacionava ao filme passado na primeira aula, e os alunos deveriam interpretar esse texto usando o que já haviam visto até o momento.

“Uma unidade Bastion singular, altamente danificada nas batalhas finais da guerra, ficou esquecida por mais de uma década. Ela esteve adormecida, exposta aos elementos e enferrujando enquanto a natureza lentamente a reclamava. Coberto por cipós e raízes, e servindo de ninho para pequenos animais, o robô permaneceu inerte, aparentemente desapercebido da passagem do tempo.” (BLIZZARD ENTERTAINMENT, 2019)

Fonte: BLIZZARD ENTERTAINMENT, 2019.

Aqui, para que os alunos percebessem como eles criam o sentido do texto usando o complemento nominal, ou seja, a relação que as palavras mantém umas com as outras, eles foram questionados quanto ao numeral “uma”, aos adjetivos “danificada”, “esquecida” e “adormecida”, estarem no feminino mesmo sendo *Bastion* um nome masculino (os alunos já sabiam que o nome do robô era *Bastion*), e depois compará-los aos adjetivos do segundo período “coberto” e “desapercebido”. Não demorou para que eles percebessem que, no primeiro caso, essas classes gramaticais estavam se relacionando com o substantivo feminino “unidade” e, no segundo com o substantivo masculino “robô”, mostrando que eles já adquiriram a percepção de que os termos se relacionam um com o outro, e nesse relação mantém esse acordo de masculino com masculino e singular com singular, ou feminino com feminino e plural com plural.

Para finalizar a explicação, através de exemplos e questionamentos, foram passadas as especificidades que ocorrem na

concordância de nome, como nos casos em que há mais de um substantivo para um adjetivo, sendo eles de gênero e número iguais ou não, quando há dois adjetivos para um substantivo, e os casos de concordância em placas de aviso ou por especificação do nome. Ao término da explicação, foram trabalhados os casos dos advérbios, que não se alteram em número e gênero.

A aula termina então com a realização de atividades que os levem a pensar na importância da concordância e reforce sua percepção quanto às compreensões que se pode fazer de um texto a partir da relação entre as palavras e como a interpretação muda se essa relação mudar também:

- A) Que argumentos usaria para explicar que os guerreiros da corte de Gengis Khan podem não ser mongóis?
- B) No trecho “[...] o falcão levantou vô e arrancou o copo de suas mãos, atirando-o longe.”, se reescrevermos o texto para que fique da seguinte forma “[...] o falcão levantou vô e arrancou o copo de suas mãos, atirando-os longe”. Como o sentido do texto se alteraria?
- C) Se os personagens do texto fossem mulheres, poucas classes de palavras precisam ser modificadas para que a história continue a fazer sentido. Por que essas classes precisam ser alteradas para que o texto continue a fazer sentido?
- D) Você acha que a concordância é importante para o texto? Explique.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando a grande participação dos alunos na aula, interpreto que atividades que trazem modos diferentes de construir conhecimento, como o uso de filmes, imagens, e até trabalhos que fogem da prática do dia a dia, conseguem com facilidade captar a atenção dos alunos. Ainda, não isolar o conteúdo passado e manter constante relação entre eles parece um desafio que ajuda a manter a atenção do aluno e a construir a noção de que um texto não existe por si só.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Através dos extensivos diálogos em sala de aula, da realização das atividades e, principalmente, pela produção de texto dos alunos, percebe-se que eles, satisfatoriamente, foram capazes de alcançar os

objetivos planejados, mostrando, inclusive, resultados que não estavam previstos, além de conseguirem visualizar e interpretar os textos de forma intertextual. Usando do conhecimento que já possuíam sobre concordância, eles mostraram vasto conhecimento de mundo, ligando-os aos conteúdos estudados em sala de forma a contribuir para o andamento da aula. Além disso, também visualizaram o texto como intratextual, alterando a cronologia de acontecimentos do filme em suas produções. Nesse sentido, pode-se perceber a criatividade dos alunos e a facilidade em “brincar” com o texto, pois ficaram à vontade para o alterar da forma que melhor os atendia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa. Análise de textos na sala de aula.: Elementos e Aplicações. In: MOURA, Denilda. **Língua e Ensino: Dimensões Heterogêneas**. Alagoas: Ufal, 2000. p. 13-20

BECHARA, Evanildo. Concordância. In: BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 554-565.

COELHO, Roseana Moreira de Figueiredo; VIANA, Marger da Conceição Ventura. A utilização de filmes em sala de aula: um breve estudo no instituto de ciências exatas e biológicas da UFOP. In: X SEMANA DA MATEMÁTICA E II SEMANA DA ESTATÍSTICA, 10., 2010, Ouro Preto. **Revista da educação Matemática da UFOP**. Ouro Preto: Ufop, 2011. v. 1, p. 89 - 97.

ENTERTAINMENT, Blizzard. **Biografia: Bastion**. Disponível em: <<https://playoverwatch.com/pt-br/heroes/bastion/>>. Acesso em: 25 set. 2019.

Relato de experiência com o Ensino Fundamental II

Willian da Silva Moreira

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Willian da Silva Moreira, graduando em Letras Português, no Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante. Realizei o Estágio Supervisionado I na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Aldy Soares Merçon Vargas, que está localizada no centro de Conceição do Castelo.

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora “Aldy Soares Merçon Vargas” está localizada na Praça da Matriz, nº 9, Centro, Conceição do Castelo, Espírito Santo. A diretora responsável pela escola chama-se Rita de Cássia Bortolini Ayres Dassiê. A escola possui 620 alunos, sendo 405 no matutino e 235 no vespertino.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista os aspectos observados, realço o empenho e dedicação dos professores diante de tantas dificuldades e contratempos. O tempo todo notei neles a busca do melhor profissional, diante de turmas superlotadas.

Durante o período de observação, pude analisar a importância de um bom planejamento e também descartar coisas que acredito que não acrescentaram em minha docência. Paulo Freire (1998) cita que devemos almejar “uma educação libertadora, ou seja, dialógica onde sempre deve permanecer o diálogo entre professor e aluno, e não uma educação “bancária” onde são depositados apenas conteúdos mecanizados sem dinâmica alguma”. Dialogando com Freire (1998), acredito que, ao entrar para o mundo da educação, devemos acreditar nela, pois, entrar na educação visando *status* e situação financeira, levará o professor a ser apenas mais um em meio à multidão. Educar é

amar, educar e procurar melhorar a vida do outro. Educar é, em outras palavras, fazer a diferença na sociedade.

Para Fávero (1992) p.65, “Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma”. Assim como na parte de observação, a coparticipação é de suma importância para o crescimento do graduando. Nesta fase, o amadurecimento de pensamentos e vivências em sala faz com que o aluno agregue coisas boas e descarte situações desnecessárias para sua docência, posteriormente.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O estágio teve duração de duas semanas (segunda à sexta-feira), sob orientação da professora da disciplina de Estágio Supervisionado I, professora Mestra Selma Lucia de Assis Pereira, quando estive acompanhando a professora Scynthia Padovani e o professor Willian Ribeiro, em turmas do sexto, sétimo e oitavo anos, totalizando oito turmas diferentes, tudo com a supervisão das pedagogas da escola. O período de docência do estágio se deu a partir do oitavo dia na escola. Por já ter lecionado e ter conhecimento do ambiente da escola, a professora se Scynthia se sentiu à vontade para me deixar buscar, para minha docência, um tema pertinente ao contexto das turmas. Após minhas observações nas suas aulas e conversas com alunos das turmas, percebi em seus relatos a necessidade de falar de algo que chamasse a atenção deles e também algo atual.

No planejamento da professora, expus minha ideia para docência nas turmas dos oitavos anos; ela gostou e se interessou pelo assunto, pois ainda não havia aplicado esse tema aos alunos. Decidi, então, com seu aval, falar sobre o *cyberbullying*, focando principalmente as redes sociais voltadas para o ambiente escolar.

Fiz o plano de aula e preparei os *slides* para a apresentação. A docência se deu em duas aulas de 55 minutos cada. Na primeira parte, foi exposto o conteúdo, com explanação focada nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, de onde pude retirar vários relatos de situações (muitas vezes corriqueiras), de pessoas de várias idades que sofriam o *cyberbullying*, mas foquei nos relatos voltados para o ambiente escolar.

Após minha explanação, deixei um momento para os relatos dos próprios alunos, os quais falaram sobre suas experiências - momento tenso e, ao mesmo tempo, prazeroso, pois senti que os alunos tiveram confiança em expor situações que aconteciam com eles ali mesmo, em sala de aula. Por outro lado, também foi um momento de tensão, pois nem todos os alunos souberam absorver as situações e notei que ficaram um pouco constrangidos. Acredito que, em alguns casos, por sofrerem com situações parecidas ou até mesmo praticarem o *cyberbullying*.

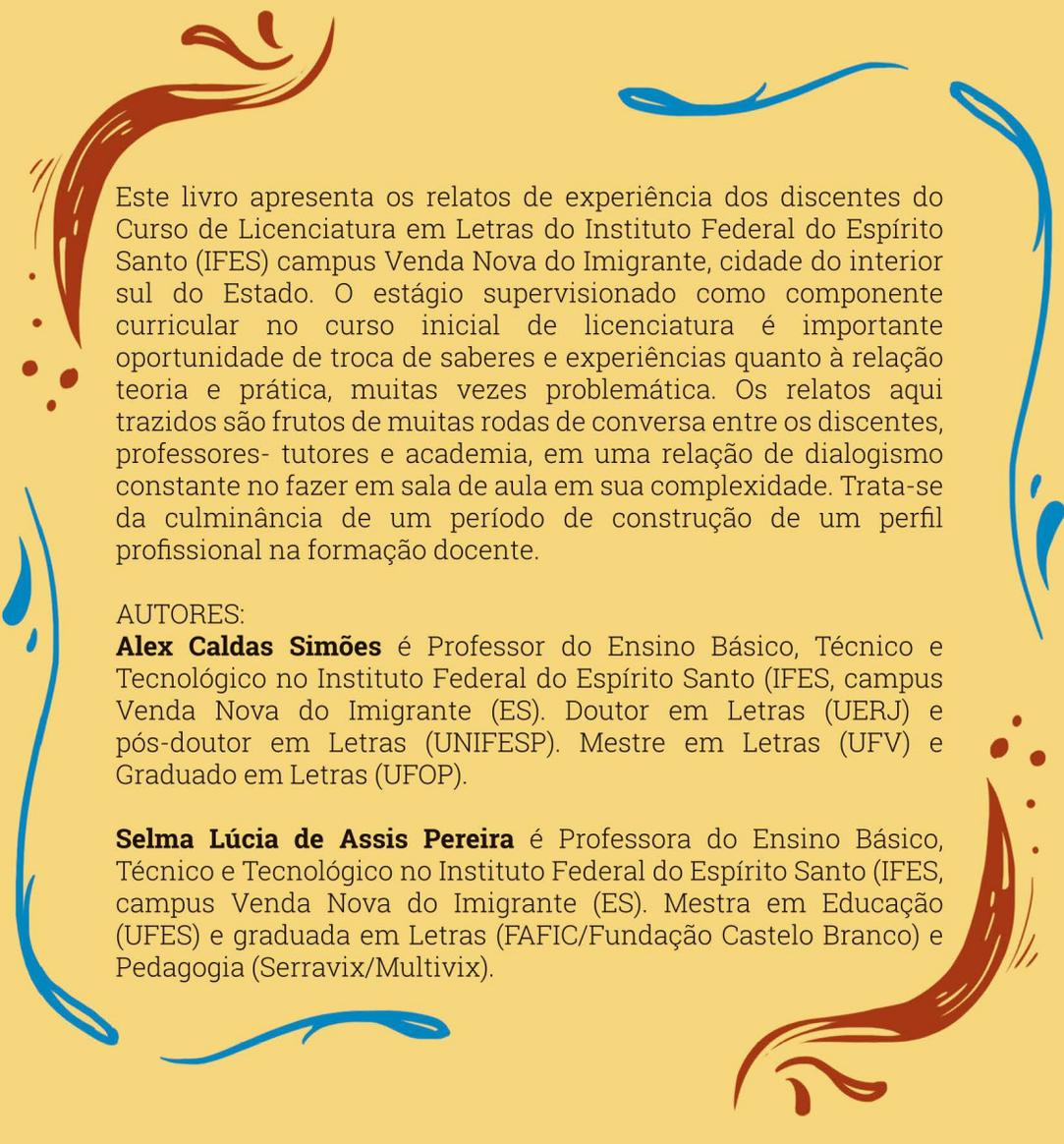
Na segunda aula, foi a vez dos alunos produzirem uma tirinha a partir do que aprenderam sobre o tema proposto. Um dos temas abordados por mim e do qual os alunos gostaram e reproduziram nas tirinhas foi o sobre *sexfing*. A produção dos alunos foi um sucesso: todos participaram e deixaram suas opiniões sobre um tema tão abrangente e necessário de se falar nos dias de hoje.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Como exposto por Shariff (2011, p. 322), “lamentavelmente, não trago uma solução acabada. Não há modelos ou instruções a serem seguidas, há diretrizes”. Quando nos deparamos com situações de *cyberbullying* ou *bullying*, o melhor a fazer é saber se posicionar e ter consciência de que tudo se inicia por falta de orientação. A partir do momento em que nos conscientizamos sobre esse assunto tudo fica mais fácil de lidar.

REFERÊNCIA

FÁVERO, Maria Lourdes de Albuquerque. Universidade Estágio Curricular, subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda. (org) **Formação de professores pensar e fazer**. São Paulo, Cortez, 1992
FREIRE, Paulo (1998) **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
SHARIFF, Shaheen. **Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família**. Porto Alegre: Artmed, 2011.



Este livro apresenta os relatos de experiência dos discentes do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) campus Venda Nova do Imigrante, cidade do interior sul do Estado. O estágio supervisionado como componente curricular no curso inicial de licenciatura é importante oportunidade de troca de saberes e experiências quanto à relação teoria e prática, muitas vezes problemática. Os relatos aqui trazidos são frutos de muitas rodas de conversa entre os discentes, professores- tutores e academia, em uma relação de dialogismo constante no fazer em sala de aula em sua complexidade. Trata-se da culminância de um período de construção de um perfil profissional na formação docente.

AUTORES:

Alex Caldas Simões é Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES, campus Venda Nova do Imigrante (ES). Doutor em Letras (UERJ) e pós-doutor em Letras (UNIFESP). Mestre em Letras (UFV) e Graduado em Letras (UFOP).

Selma Lúcia de Assis Pereira é Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES, campus Venda Nova do Imigrante (ES). Mestra em Educação (UFES) e graduada em Letras (FAFIC/Fundação Castelo Branco) e Pedagogia (Serravix/Multivix).

